

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
MESTRADO – ESTUDO DE LINGUAGEM

O PROCESSAMENTO REFERENCIAL NA PROGRESSÃO
DO TEXTO FALADO

CARMEN ELENA DAS CHAGAS

NITERÓI/RJ
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CARMEN ELENA DAS CHAGAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense – UFF, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre, Área de Concentração: Estudos de Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanda Maria Cardozo de Menezes

Niterói/RJ
2008

SINOPSE

O processamento referencial na progressão do texto falado – estudo das atividades de referenciação na modalidade oral, tomando-se como base os pressupostos teóricos da Lingüística Textual e da Análise do Discurso – elementos de referenciação e estratégias de formulação e reformulação no processamento do texto; progressão tópica e progressão referencial; estudo da coerência e da coesão no texto oral.

Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C433 Chagas, Carmen Elena das.
O processamento referencial na progressão do texto falado / Carmen Elena das Chagas. – 2008.
161 f.
Orientador: Vanda Maria Cardozo de Menezes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2008.
Bibliografia: f. 115-118.

1. Discurso. 2. Análise do discurso (Lingüística). I. Menezes, Vanda Maria Cardoso de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

CDD 808.5

CARMEN ELENA DAS CHAGAS

O PROCESSAMENTO REFERENCIAL NA PROGRESSÃO DO TEXTO FALADO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense – UFF, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre, Área de Concentração: Estudos de Linguagem.

Aprovada em 11 de setembro de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vanda Maria Cardozo de Menezes
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Cláudio César Henriques
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Mariângela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Victoria Wilson
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Jussara Abraçado de Almeida
Universidade Federal Fluminense

Niterói/RJ
2008

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo e amigo César, pelo apoio incondicional sempre, e aos meus filhos Cícero e Caio, que souberam entender e aceitar os meus momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Vanda Maria de Cardozo Menezes pela confiança em mim depositada, pela presença calma, confiante e competente em coordenar este estudo.

Ao Exmo. Sr. Armando Cunha Carneiro da Silva, Prefeito de Quissamã, que através de sua visão empreendedora, proporcionou-me condições favoráveis para a conclusão do Mestrado, valorizando o profissional de seu Município.

Ao Ilmo. Dr. Ronaldo Costa da Silva, Secretário de Governo da Prefeitura de Quissamã, que acreditou no meu potencial enquanto funcionária, viabilizando meios para essa importante capacitação.

À Ilma. Sr^a. Isabel Cristina Pessanha, Secretária Municipal de Educação de Quissamã, que confiou na minha capacidade enquanto profissional e pesquisadora.

Ao amigo Dr. Marcelino Carlos Pereira da Silva que, com sua sensibilidade, soube me amparar no momento mais difícil do Curso.

Às professoras, Andréa Trindade e Renata Cristina, pela grande ajuda na coleta de dados.

Aos amigos, Germano do Desterro Machado, Sérgio da Silva Rodrigues, Laura Constança Coutinho e Paulo César Risso dos Santos, pelo incentivo e palavras de apoio.

Aos alunos do CIEP Municipalizado 465 – Dr. Amílcar Pereira da Silva que participaram das oficinas para a gravação do *corpus*.

RESUMO

Construir lingüísticamente o enunciado ou, em sentido mais amplo, o texto, significa dar forma e organização lingüística a um conteúdo, a uma idéia, enfim, a uma intenção comunicativa, o que permite dizer que na construção lingüística do enunciado desenvolvem-se atividades de referenciação. Nesse sentido, construir o texto falado é desenvolver-lhe o planejamento, na medida em que evolui o processo de reconstrução. Como atividade, estruturalmente, organizada, a conversação mostra-se coerente à proporção que a relação fica evidenciada, conferindo uma continuidade tópica. Com base nos fundamentos teóricos da Lingüística Textual e da Análise do Discurso, sob a ótica da Referenciação, este estudo propõe investigar as atividades de progressão no processamento do texto falado. O *corpus* para a pesquisa é proveniente de 03 horas de gravação, feita no ano de 2005, por meio de interação face a face e se constitui de um inquérito formado por um documentador e 30 falantes, cuja faixa etária é dos 15 aos 17 anos, cursando o 9º ano de escolaridade do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, em Quissamã – RJ.

Palavras-chave: processamento discursivo; referenciação; progressão tópica; progressão referencial; texto falado

ABSTRACT

To construct enunciated linguistically or, in sensible ampler, the text, means to give form and linguistics organization to a content, an idea, at last, to a communicative intention, what it allows to say that in the linguistics construction of the statement, activities of referencing are developed. In this direction, to construct the said text is to develop the planning to it, in the measure where evolutes reconstruction process. As a structurally organized activity, the conversation reveals coherent to the ratio that the relation is evidenced, conferring a continuity content. Based on the Textual Linguistics theoretical framework and Discourse Analysis under the optics of the Referencing, this study considers investigating the progression activities of the said text. The corpus for research is provenience of 03 hours recording made in the year of 2005, by means of interaction face to face and if constitutes of an inquiry formed for a documenter and 30 speakers, whose age band it is of the 15 to the 17 years, attending a course the 9th grade of the Basic Education of a Municipal Public School in Quissamã / RJ.

Key-words: discursive processing; referencing; content progression; referential progression; said text

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
1.1- Modalidade oral e modalidade escrita.....	15
1.2- Estudos sobre oralidade	16
1.3- Estudos sobre atividades referenciais.....	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1-Discurso.....	22
2.2- Contexto.....	23
2.3- Texto.....	25
2.4- O texto conversacional.....	27
2.5- Coerência e coesão.....	30
2.6- O processo de referenciação.....	32
2.6.1- Princípios de referenciação.....	34
2.6.2- Estratégias de formulação e reformulação textuais	42

3.	APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	53
	3.1- Constituição do <i>corpus</i>	53
	3.2- A dinâmica “Rótulo”	54
4.	ANÁLISE	58
	4.1- Princípios de referenciação.....	58
	4.2- Estratégias de formulação e reformulação textuais.....	67
	4.2.1- Paráfrase.....	67
	4.2.2- Correção	72
	4.2.3- Repetição.....	75
	4.2.4- Hesitação.....	82
	4.3- Processamento referencial da oficina 4.....	85
	CONCLUSÃO	113
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
	ANEXOS	119
	Anexo A- Tabela de transcrição oral.....	119
	Anexo B – <i>Corpus</i> do trabalho.....	120

INTRODUÇÃO

A língua é constituída de forma a ser simultaneamente estável e instável e, justamente, devido a essa constante variação é que nasce a possibilidade de os sentidos serem construídos e reconstruídos na progressão do texto. O interessante dessa dinamicidade são as estratégias de construção e (re) construção dos objetos-de-discurso que só são possibilitadas porque o falante tem oportunidades de escolhas (lexicais, semânticas, sintáticas e até interativas) possíveis de negociação no ato da interação.

Koch (2005a, p. 15) postula a língua como o lugar de interação, sublinhando o caráter ativo dos sujeitos na produção do social, defendendo a posição de que eles (re)produzem esse social, na medida em que participam ativamente, definindo a situação na qual se acham engajados.

No decorrer desse processo de interação, os interlocutores não apontam e nem rotulam objetos da realidade, mas constroem no discurso entidades interativa e discursivamente produzidas no fio de sua enunciação. Essa elaboração e reelaboração de objetos-de-discurso se dá, essencialmente, no discurso e reflete as condições culturais, sociais, históricas e, também, as condições de processamento decorrentes do uso da língua. Essa discursivização ou textualização do mundo se dá como (re) construção do próprio real. E é neste ponto que reside a idéia de substituir a noção de referência pela noção de referenciação, tal como postulam Mondada e Dubois (1995, apud KOCH, 2005a, p. 81).

Os estudos de referenciação têm-se dedicado, especialmente, a entender o processamento cognitivo dessa atividade. Isso ocorre à medida que se procura compreender como o conhecimento de mundo é ativado para a construção do sentido e como a memória pode influenciar nesse processo. “O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas estruturam e dão sentido ao mundo” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 20).

A referenciação é um problema que se coloca para os atores sociais e, a partir disso, cabe observar como eles conseguem resolvê-lo com a seleção de uma categoria em vez de outra dentro de um dado contexto. Essa operação, que é ao mesmo tempo individual e coletiva, pode ser vista como um processo de construção de um caminho que liga denominações aproximadas que não são excluídas pela última seleção.

Assim o que se pretende nesta pesquisa é mostrar uma análise sobre o processo de referenciação na modalidade falada em um quadro teórico que leva em consideração o uso das práticas lingüísticas em que estão envolvidos os interlocutores. Mondada e Dubois (2003) estimulam o estudo sob essa visão discursivo-cognitiva.

Desejamos sublinhar que, no lugar de pressupor uma instabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão, partindo da instabilidade que constitui as categorias cognitivas e lingüísticas, bem como os seus processos de estabilização. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 19)

Ao se apresentar uma análise da atividade referencial na modalidade falada é importante identificar, também, regularidades ou estabilizações na construção desse tipo de texto. Essas regularidades são apresentadas pela *recorrência em contextos definidos*, pelas *marcas formais* que caracterizam esses contextos e pelo *preenchimento de funções* que são específicas. Acredita-se aqui que só com a reunião desses dados se pode chegar à compreensão do processo de referenciação em textos orais.

Para o desenvolvimento do estudo de ocorrências de atividades de referenciação na modalidade falada algumas hipóteses foram previamente formuladas.

- a. A progressão referencial na modalidade falada deverá ser garantida por estratégias lingüísticas próprias dessa modalidade, pois além de permitirem a manutenção do tópico, elas são responsáveis por uma grande carga informativa no interior do discurso.
- b. A progressão referencial não deverá estar dissociada da construção da coesão e da coerência em textos orais, já que ela é condição para o estabelecimento das relações semânticas, da ordenação entre os segmentos e da articulação de seqüências textuais.
- c. A concepção de “desvios” não deverá ser adotada pacificamente no estudo da progressão referencial na língua falada. A noção que se deve ter de inserções é a de que, no momento em que aparecem, podem contribuir como elemento coesivo para a progressão tópica.

d. De acordo com as várias funções dos marcadores discursivos na construção do texto, dever-se-á notar que esses marcadores também atuam na continuação tópica e na progressão temática, pois funcionam como articuladores das unidades cognitivas com a intenção de não só servir de elo à estrutura verbal como também à organização do tópico discursivo.

e. As estratégias de formulação e de reformulação, comumente apresentadas para reforçar a idéia de que a modalidade falada é mal elaborada e sem planejamento, devem ser vistas, sob a ótica da referenciação, como um processo coeso, objetivando a intercompreensão conversacional.

Partindo dessas premissas, pretende-se demonstrar que, embora a modalidade falada seja propensa a um grande número de inserções, essas ocorrências não impedem o processamento temático bem como a progressão referencial do texto.

Numa língua natural as relações de referência não se definem em termos de mundo real, mas de alguma maneira por meio do “universo de discurso” (Givon, 1984, apud NEVES, 2006, p. 78). Essas relações são negociadas e construídas entre os interlocutores, que, assim, possibilitam a referência e as atividades de formulação.

As atividades de formulação são iniciativas de construção lingüístico-comunicativas de um locutor, para fornecer uma proposta de compreensão ao interlocutor, com o qual interage no processo comunicacional. Em outros termos, atividades de formulação são aqueles meios a que recorrem os falantes para resolver ou impedir obstáculos ou barreiras de compreensão com que se deparam no desenvolvimento da construção comunicativa.

Chafe (1985, apud FÁVERO, 2002, p. 365) afirma que a “fala não é matéria de regurgitação de materiais já estocados na mente em forma lingüística, mas é um ato criativo, relacionando dois meios, pensamento e linguagem, que não são isomórficos, mas que requerem ajustes e reajustes mútuos.”

Assim, a progressão textual precisa garantir a continuidade de sentidos e o permanente ir e vir responsável pela tessitura do discurso e para propiciar o constante movimento de progressão, que inclui o movimento de retroação, o produtor dispõe de vários meios que são destinados a assegurar uma continuidade de referentes, ou melhor, de objetos de discurso. Essa continuidade é construída pela cadeia referencial que não permite que esses objetos

sejam arquivados, permanecendo assim em estado de ativação na memória de trabalho durante o processamento textual.

Esta pesquisa será constituída de quatro capítulos, divididos da seguinte forma:

O primeiro capítulo constará de uma revisão bibliográfica em que se apresentam estudos sobre as modalidades falada e escrita, sobre textos orais e sobre atividades de referenciação.

O segundo capítulo apresentará a fundamentação teórica, que se vale de pressupostos da Lingüística Textual e da Análise do Discurso, seguindo as visões funcionalista e cognitivista. Essa parte teórica visa a tratar de temas interligados à proposta inicial sobre processamento textual, como as noções de texto; contexto; discurso; texto conversacional; coerência e coesão textuais e referenciação.

O terceiro capítulo será dividido em constituição do *corpus* e a explicação do desenvolvimento da dinâmica “Rótulos”.

O quarto capítulo constará da análise do *corpus*, cujo objetivo é o de comprovar o processamento referencial no texto falado. Essa análise do *corpus* terá três partes: na primeira, serão apresentadas ocorrências que propiciam a discussão dos elementos de referenciação apresentados na fundamentação teórica; na segunda parte, será feita uma análise das estratégias de formulação e reformulação textuais; a terceira se constitui em uma análise de todas as estratégias de processamento referencial de forma em uma das oficinas, a oficina de número 04, a maior das quatro em unidades entonacionais, visando a apresentar de maneira mais contínua a progressão do texto oral.

1- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

1.1- Modalidade oral e modalidade escrita

Ao se tratar da fala e da escrita é preciso lembrar que, embora sejam modalidades de expressão de um mesmo sistema, mostram distinções, pois se diferenciam nos seus meios de produção.

A fala possui “sua própria maneira de se organizar, desenvolver e transmitir informação o que permite que se (sic!) a tome como fenômeno específico.” (MARCUSCHI, 1993, p. 04). Essa modalidade apresenta assim uma sintaxe característica, sem deixar de ter como fundo, a sintaxe geral da língua. Já a escrita, historicamente, sobretudo a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, constituída como uma estrutura formal, abstrata e complexa, pois o produtor possui maior tempo de planejamento, podendo assim fazer um rascunho e proceder a revisões para uma melhor elaboração. Essa posição só começou a mudar no século passado na Alemanha e na Inglaterra. Os estudos, porém, não resultaram em comparação entre fala e escrita e sim acentuaram a especificidade de cada uma delas.

O texto oral acontece no próprio momento da interação, já que em interação face a face, o locutor não é o único responsável pela produção de seu discurso, na verdade é uma atividade de co-produção, pois os interlocutores precisam estar empenhados na produção do texto, colaborando assim um com o outro.

Assim sendo, uma conversação organiza-se em turnos, que consistem em cada uma das intervenções de um dos participantes no decorrer dessa interação. Os interlocutores podem assumir o turno nos chamados espaços de transição que se apresentam como silêncio ou pausas mais longas do detentor do turno, ou até mesmo, utilizar o *assalto de turno*¹ para inserir a sua fala.

Para Marcuschi (2005a) toda a atividade de retextualização² não é uma proposta de melhorar ou de pôr uma nova ordem no texto oral, pois as modificações, notadamente efetuadas, não revelam a presença de processos cognitivos novos, que sejam mais intensos ou

¹ O termo em itálico será explicado no capítulo 2.

²“Retextualização é a passagem ou transformação do texto falado para o texto escrito.” (MARCUSCHI, 2005a, p. 46). Trata-se de uma “tradução” de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. (TRAVAGLIA, 1993)

mais abstratos, na escrita em relação à fala. Não se dão raciocínios mais abstratos na escrita em relação a processos de compreensão na oralidade, tendo em vista que, cognitivamente, o que sobra na escrita é o que estava na fala. Novo é o meio em que se dá a produção e não a atividade sócio-cognitiva desenvolvida.

Torna-se fundamental analisar como ocorre a conversação, já que ela é definida como atividade na qual interagem interlocutores que se alternam, tratando de temas próprios do cotidiano. Assim, para participar de atividades de produção de um texto falado, são necessários conhecimentos e habilidades que vão além da competência gramatical. Para interagir numa conversação é preciso que os interlocutores consigam inferir do que se trata e qual o papel de cada um na interação.

Dessa forma, é importante repensar a noção de que a fala é uma atividade lingüística mais simples, desestruturada, informal e apenas dependente do contexto, em oposição à idéia de que a língua escrita é o inverso disso. Segundo Biber (1988, apud FÁVERO, 2003, p. 75), as diferenças entre essas modalidades se acentuam dentro de um *continuum* tipológico que vai do nível mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários. A informalidade consiste em apenas uma das possibilidades de realização, não só da modalidade oral, como também da modalidade escrita.

Embora, o sistema lingüístico seja o mesmo para a construção de frases, as regras de efetivação, tanto na modalidade escrita quanto na falada, bem como os meios utilizados, são específicos, o que acaba por desenvolver produtos diversos.

1.2- Estudos da oralidade

Na conversação o ser humano busca interagir com o outro, transmitindo informações, expondo suas emoções e demonstrando seus sentimentos, na busca de compartilhar sua experiência de vida, sua visão de mundo. Avançando nesse interesse, ele adota estratégias socialmente compartilhadas, desenvolvendo sua capacidade humana, por meio da língua.

Marcuschi (1986) descreve a conversação como a prática social mais comum no dia-a-dia do indivíduo, constituindo umas das formas mais eficientes de controle social imediato, que exige uma enorme coordenação de ações que excedem em muito a simples habilidade lingüística dos falantes. Essa conversação é vista como uma interação verbal centrada que se desenvolve durante o tempo em que os dois ou mais interlocutores voltam a sua atenção visual e cognitiva para uma ação comum. Os esquemas comunicativos e a consecução de objetivos exigem aptidões cognitivas que superam o simples domínio em si, pois a diferença

de condições sócio-econômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo.

A conversação não é assim um fenômeno anárquico e aleatório, mas organizado e, por isso mesmo, passível de ser corrigido no momento de sua produção, mostrando como a organização da fala é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa. Para Marcuschi (2005) as interpretações dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas, simultaneamente, construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais. Assim ainda segundo Marcuschi, partindo da idéia de que são os usos que fundamentam a língua e não o contrário, defende-se o pressuposto de que falar bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua com o objetivo de produzir um efeito desejado numa determinada situação. É a intenção comunicativa que fundamenta o uso da língua e não, simplesmente, a morfologia ou a gramática. O autor afirma: “Não se trata de saber como se alcança um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina” (MARCUSCHI, 2005, p. 09).

A conversação não se pauta, exclusivamente, na produção individual de cada falante, mas na produção conjunta. Isso permite que se adote a conversação como uma atividade de co-produção discursiva mesmo sendo um indivíduo de cada vez.

As contribuições dos falantes devem demonstrar, de alguma forma, uma relação com o curso da conversa, pois “a conversação é uma atividade semântica, um processo de produção de sentido, altamente estruturado e funcionalmente motivado” (DIONÍSIO, 2004, p. 72).

Preti (2004, p. 26) postula que os diálogos reproduzidos constituem um dos muitos aspectos do processo interativo falante/ouvinte. Analisá-los significa estudar a razão pela qual são reproduzidos na conversação, a forma pela qual essa reprodução se dá e o interesse do locutor em marcar certos segmentos do diálogo, ou seja, os mecanismos avaliativos que despertam o grau de interesse da interação ou as diversas ligações estabelecidas com o contexto conversacional.

Estudos de Fávero (1992, 2004) chamam atenção para os recursos empregados com maior freqüência no que se refere às coesões referencial, recorrencial e seqüencial. Dentre essas possibilidades da ocorrência de coesão referencial, a autora destaca a reiteração do mesmo item lexical. A alta incidência de repetições no texto falado é perceptível com facilidade e favorece a coesão, além de contribuir para a organização do texto. Observe o exemplo abaixo:

- L2 ele já ia à escola de manhã que **eu comecei quando eu comecei trabalhar ... comecei a trabalhar** há dois anos ... só antes eu não trabalhava ... e quer dizer então ... ele já ia à escola de manhã porque eles dormem sete e meia e acordam seis e meia ... é o horário normal deles.
(NURC – SP D2 360; 374-379, p. 145)

Castilho³ & Castilho (2002, p. 243) estudam os modalizadores a partir de seu comportamento sintático-semântico e propõem uma classificação desses advérbios. Os autores admitem que esses modalizadores se distribuem por duas classes sintáticas: a dos AdvS que são hiperpredicadores da sentença; e a dos AdvC que modificam constituintes sentenciais.

Jubran (1999, p. 131) apresenta uma tipologia das funções textual-interativas exercidas por parênteses em textos falados. Para a autora, os parênteses são vistos como um dos recursos pelos quais os interlocutores articulam o texto falado, manifestando, na sua materialidade lingüística, as posições que assumem na situação de enunciação e o correlativo envolvimento com o ato de fala que executam. Por meio de procedimentos parentéticos, são explicitadas avaliações que os interlocutores fazem do quadro sócio-comunicativo no qual interagem, pondo à mostra o processamento discursivo.

Dessa forma, no texto oral não importa a quantidade de conhecimentos que os sujeitos envolvidos no processo de interação compartilham, mas sim a maneira como fazem isso, como selecionam e combinam tais conhecimentos dentro de estratégias definidas para atingir o objetivo de construir o sentido esperado.

1.3- Estudos sobre atividades referenciais

A progressão referencial de um texto diz respeito às estratégias lingüísticas por meio das quais se estabelecem, entre seus segmentos, diversos tipos de relações semânticas ou pragmático-discursivas.

Weinrich (1964, apud FÁVERO e KOCH, 2005, p. 47) postula uma “estrutura determinativa” cujas partes são interdependentes, sendo todas necessárias à interpretação.

³ Ataliba de Castilho, juntamente com outros pesquisadores, é responsável pela criação do projeto de Gramática do Português Falado que tem como objetivo a preparação de uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil. Essa gramática partiu de uma proposta de trabalho iniciada por Ataliba em 1988 e que vem sendo aprimorada ao longo desses anos.

Essa interdependência é permitida, às vezes, pelo uso de diversos mecanismos de seqüenciação encontrados na língua.

Koch (2004, p. 244) mostra que a referenciação constitui uma atividade discursiva, fato esse que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem. Na mesma linha de pensamento Mondada e Dubois (2003) sublinham que no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão de estabilização, pois os objetos-de-discurso pelos quais os indivíduos entendem o mundo não são preexistentes, nem dados, mas elaborados no desenrolar de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos.

A referenciação privilegia a relação intersubjetiva e social, na qual as referências do mundo são elaboradas e avaliadas de acordo com a adequação dos objetivos das ações que estão em desenvolvimento nos enunciadores. Segundo Castilho (2004), durante a interação, tomam-se decisões sobre como administrar o pensamento, que palavras escolher e que propriedades ativar. Essa administração configura um conjunto de momentos mentais, no sentido etimológico de “movimentos”. Três conjuntos simultâneos de instruções, três movimentos ou processos discursivo-computacionais podem ser aí identificados: a ativação, a reativação e a desativação⁴.

Koch e Marcuschi (1998, p. 4-5) defendem que a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um mero processo de elaboração de informações, mas na (re) construção do próprio real. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade externa ao ato lingüístico, mas a (re)constroem no próprio desenvolvimento da interação. Assim, a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como se nomeia o mundo, mas também pela forma como se interage com ele. Os sujeitos interpretam e constroem o mundo na interação de acordo com os espaços físico, social e cultural.

Ainda Marcuschi e Koch (2002, p. 31) examinam alguns aspectos de dois conjuntos de estratégias de progressão referencial na língua falada: primeiro, a referenciação por meio de expressões nominais definidas e, segundo, a referenciação anafórica sem antecedente explícito. Ambas desempenham papel importante na organização do texto e por decorrência na construção do sentido. Ambas dizem respeito à sucessão de referentes, um aspecto central no processo de textualização, constituindo um fator relevante da coesão e da coerência.

⁴ Este termos serão definidos posteriormente.

Mondada (2001, apud KOCH, 2005, p. 34) postula que a referência não deve ser concebida no modelo de correspondência entre as palavras da língua e os objetos do mundo. A referência é resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo que se estabelece no quadro das interações entre locutores, é um fenômeno que concerne, simultaneamente, à cognição e aos usos da linguagem em contexto e em sociedade. A análise das práticas referenciais dos locutores deve focalizar as escolhas lingüísticas socialmente estabilizadas para a construção de objetos-de-discurso.

Nessa visão não se fará menção a marcadores de um estatuto referencial, mas de recursos languageiros mobilizados para realizar propriedades referenciais. Esse resultado é conseguido não só pela linguagem, mas também pelo gesto e pelo uso situado de artefatos. Partindo disso, Mondada concentra-se em um recurso formal particular em inglês: a invocação da visão por meio da expressão “you see”, utilizada com ou sem um sintagma nominal e que será tratada como um procedimento para efetivar a visibilidade dos objetos apontados ou mencionados.

Mondada extraiu esse trabalho da expressão “you see” de um *corpus* relativamente “exótico”, pois são interações entre cirurgiões durante seu trabalho na sala de operações. Os fenômenos estudados nesse *corpus* possibilitaram uma reflexão sobre referência a propriedades visuais no discurso e na língua em interação.

Os usos de “you see” permitiram revisitar uma problemática recorrente na literatura sobre a referência ou sobre a topicalidade: o lugar das propriedades de visibilidade do referente na escolha das estratégias referenciais. Essas práticas obrigam a levar em consideração as situações em que a palavra está imbricada na ação não-verbal, na materialidade do contexto e na manipulação de objetos, pois se faz por meio de práticas sociais multimodais e não somente lingüísticas.

O registro em vídeo dessas descrições mostrou-nos que elas foram acompanhadas por gestos importantes, realizados com os instrumentos cirúrgicos que foram utilizados para dissecar, afastar, segurar os tecidos e foram explorados como indicadores ou apontadores. A visão que foi solicitada por “you see” não foi uma simples percepção do mundo que já estava lá, mas uma prática social especializada, que interveio, ativamente, no espaço por vezes indistinto do corpo.

Para Mondada, a importância de integrar, na transcrição e na análise, a consideração não apenas dos detalhes do desenvolvimento da palavra em interação, mas também dos gestos

e movimentos da câmera, que transcreveu, utilizando convenções específicas em uma nova versão do fragmento, foi fundamental.

As observações feitas por Mondada convidam para um quadro dinâmico e centrado em práticas de referenciação que implicam uma organização não apenas da fala, mas também do espaço e do contexto no qual ela se enuncia. É nesse sentido que se pode falar da referência como uma realização prática.

Bentes e Rio (2005, p. 265) analisaram algumas estratégias de construção da referência mobilizadas por jovens estudantes universitários em um contexto de entrevista semimonitorada. Os dados de fala dos jovens, apesar de terem sido recolhidos em um contexto institucional para fins de pesquisa, puderam ser considerados dados conversacionais, sobretudo quando apresentaram, em função da constituição dos grupos e da situação mais imediata de interlocução, várias características da conversação comum, como a dinâmica da tomada de turnos e o estilo informal da fala.

Assim, a análise dos recursos formais mobilizados nas atividades referenciais citadas pelos autores acima depende das opções apresentadas, pois as escolhas podem ser concebidas como reflexos das propriedades do referente, como manifestação de estados mentais, como a exploração de recursos para o estabelecimento de um acordo subjetivo ou de um alinhamento, tornando, assim, pertinente, visível e presente um referente que aparece como um objeto-de-discurso.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

2.1- Discurso

As representações mentais não ficam limitadas apenas à compreensão do discurso, mas são instrumentos mais gerais e fundamentais à cognição humana. Discurso, aqui, é o modo de “criar representações comparáveis àquelas que derivamos da nossa percepção direta do mundo”(JOHNSON-LAIRD, 1983, apud DOOLEY e LEVINSOHN, 2004, p. 78).

A significância de um discurso depende dos atos reais ou possíveis nele contidos. Uma dependência que pode ser avaliada somente com base no nosso conhecimento ou crença sobre os fatos atuais ou possíveis em algum universo ou situação, pois os fatos denotados como estados de coisas, ações ou eventos têm organização espacial, condicional ou temporal. Entender um discurso pressupõe entender o “mundo” (real ou idealizado), já que em cada parte do discurso deve existir uma nova informação que seja ligada à informação antiga, podendo ser textual ou contextual.

A organização que os interlocutores associam a um determinado discurso é um reflexo da forma pela qual o conteúdo é visto como coeso pelo ouvinte, ficando, assim, armazenado em sua mente. Outros fatores que contribuem para a representação mental que os ouvintes têm do discurso são os conhecimentos prévios de como as coisas acontecem no mundo real, juntamente, com as suas expectativas sobre o que o falante pretende dizer.

São as aproximações implícitas que permitem relacionar a expressão ativada, isolada do enunciado, à temática global de um discurso, estabelecendo um elo entre seus diferentes segmentos. Isso explica por que, muitas vezes, o emprego de construções processadas coincide com a passagem de um segmento tópico a outro, ou seja, marca uma mudança ou um deslocamento do tópico discursivo.

Para Beaugrande e Dressler (1981, apud VAN DIJK, 1992, p. 41) os discursos, muitas vezes, consistem em seqüências de sentenças que expressam seqüências de proposições e essas sentenças se dispõem, linearmente, tanto no discurso oral como no discurso escrito.

Os objetos-de-discurso, isto é, modelos cognitivos que representam eventos, ações e participantes, reconstróem a realidade no próprio processo de interação. Nesse processo, a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas pela maneira como interagimos com ele, pois os objetos-de-discurso não preexistem

naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos, fundamentalmente culturais, desta atividade (APOTHÉLOZ e REICHER-BÉGUELIN, 1995).

O discurso direciona para a não-correspondência entre as palavras e as coisas. A referenciação emerge da exibição dessa distância e da melhor escolha que pode ser construída por meio da transformação desse discurso. Os objetos não ocorrem de acordo com as propriedades intrínsecas do mundo, mas são construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo e desenvolvidos como um fluxo contínuo de estímulos. Assim, referenciação e discurso representam a forma pelo qual os fenômenos referenciais criam um testemunho expressivo da relação recíproca entre linguagem e realidade.

2.2- Contexto

Um dos princípios metodológicos que deve ser lembrado é o de que a noção de contexto é uma forma de abstração teórica e cognitiva, pois se um contexto satisfaz de forma clara um conjunto de aspectos indicativos e ordenados, ele será tomado como característico para um conjunto específico de possíveis atos de fala. Para se identificar se um ato de fala é adequado, deve-se, portanto, considerar primeiramente o contexto social em que se realiza a interação e, adiante, as particularidades mais específicas desse contexto que também formam um construto mental em relação às situações sociais. Parte dos atos de fala envolvidos são exemplos de atos convencionais pertencentes ao conjunto de ações de alguns contextos sociais informais e institucionais bem como suas propriedades.

O contexto é a parte da representação mental que envolve uma gama muito grande de conhecimentos e informações. São a nossa visão de mundo e a organização mental como situações estereotipadas e sem ordenação⁵ que decidem se as condições necessárias à adequação dos atos de fala foram, realmente, preenchidas ou não. Os atos de fala referem-se a atitudes passadas ou futuras do falante/ouvinte, pois funcionam como princípios através dos quais as atitudes são controladas e comentadas ou podem até ser usados com o objetivo de fornecer informações sobre determinadas atitudes.

Para Koch (2005a, p. 22) a noção de contexto contém uma justaposição fundamental de duas entidades: um evento focal e um campo de ação dentro do qual o evento se encontra inserido. Nesse caso, deve-se tomar como fundamento para a análise do contexto:

⁵ É o que Fávero (2004) denomina *frame*.

- 1) a perspectiva do participante cuja ação está sendo analisada, cabendo ao analista descrever como o sujeito assimila e organiza a percepção dos eventos e situações;
- 2) como aquilo que um participante trata como contexto relevante é determinado pelas atividades específicas que estão sendo realizadas naquele momento.

Assim a análise do contexto deve recobrir:

- a) cenário;
- b) entorno sócio-cultural;
- c) a própria linguagem como contexto, isto é, o modo como a fala mesma, simultaneamente, invoca contexto e fornece contexto para outra fala;
- d) conhecimentos prévios;
- e) contexto analisado com um modo de práxis, interativamente, constituído.

Um falante só consegue produzir um ato de fala de forma apropriada, quando ele percebe que o contexto satisfaz as condições do referido ato. Para um determinado texto e um determinado ouvinte, acontecem dois tipos de contextualização, geralmente, ao mesmo tempo: contextualização interna e contextualização externa (JOHNSON-LAIRD, 1983, apud DOOLEY e LEVINSOHN, 2004, p. 45). Na primeira, o ouvinte constrói uma representação mental para o conteúdo do texto propriamente dito, formando o *mundo textual* (BEAUGRANDE E DRESSLER, 1981, op.cit.) ou a *macroestrutura* (VAN DIJK, 1977, op. cit.) ; na segunda, o ouvinte procura entender o que o falante está tentando dizer com o texto, isto é, o ouvinte busca a intenção comunicativa do falante.

Planejar um texto ou uma fala é estabelecer um modelo de contexto, ou seja, é ativar e expressar, parcialmente, conhecimento e crenças relevantes incorporados neste modelo. A interpretação subjetiva dependerá também de fatores contextuais como motivações pessoais, objetivos, interesses, tarefas, obrigações ou aspectos sociais da situação comunicativa. Esses fatores determinarão quais significados receberão atenção especial, quais significados e opiniões serão ativados e usados, quais associações serão feitas e como os significados poderão ser transformados em significados especiais, pessoais ou contextuais.

Dessa forma, o valor de verdade e de referência não se daria a mundos possíveis ou a outras formas abstratas de extensão, mas a modelos cognitivos que representam eventos, ações e participantes, ou melhor, aos objetos de discurso.

2.3- Texto

O conceito de texto, na Lingüística Textual e na Teoria, refere-se tanto a textos orais quanto a textos escritos. Coseriu (1979, 1980) chamou atenção para o fato de que, no texto, encontram-se não só procedimentos lingüísticos ou sistemáticos da língua, mas também todas as possibilidades de uso da fala. Assim “o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção”. (LEONTÉV, 1969, apud FÁVERO e KOCH, 2005, p. 23).

Fávero e Koch (2005, p. 26) vêem o texto como uma unidade teoricamente reconstruída, subjacente ao discurso. É interessante observar que o termo texto pode ser tomado em duas acepções:

- a) em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, ou seja, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos;
- b) em sentido restrito, o texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto, melhor dizendo, a coesão e a coerência.

Halliday e Hasan (1976, apud FÁVERO, 2004, p. 08) afirmam que o que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto são as relações coesivas com ou entre as sentenças que formam a tessitura do texto. Portanto, são essas relações que distinguem um texto de um não-texto. O sentido de um texto é, portanto, construído na interação do texto com os sujeitos e não algo que preexista à interação. Os sujeitos são vistos como construtores sociais do texto, pois o próprio texto passa a ser observado como o lugar da interação e os interlocutores como participantes ativos que, dialogicamente, nele se constroem e são construídos. Essa construção dá espaço para uma gama de implícitos que podem ser identificados através do contexto sócio-cognitivo dos sujeitos da interação. O texto, assim, é produto de vários referenciamentos, levando a uma definição de texto como uma sucessão de unidades lingüísticas, formadas por uma concatenação de referentes entre dois ou mais elementos textuais.

Para Isenberg (1976, apud KOCH, 2006, p. 15) a relação que existe entre os elementos do texto deve-se à intenção do locutor no plano-textual, previamente estabelecido, que se apresenta por meio de instruções ao interlocutor para que ele realize operações cognitivas destinadas a entender o texto em sua íntegra, ou seja, no seu conteúdo referencial.

Para Beaugrande & Dressler (1981, apud KOCH, 2006, p. 22), “o texto é originário de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas. Um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”, de modo que seria possível à Linguística Textual desenvolver modelos procedurais de descrição textual, capazes de desenvolver os processos cognitivos. Tais processos permitem a integração dos diversos modelos de conhecimento dos participantes, tanto na descrição como na descoberta de estratégias, que atualizam e tratam do quadro das motivações e procedimentos na produção e na compreensão do texto.

O conhecimento cognitivo, ainda segundo Beaugrande & Dressler (op. cit. p. 24), possibilita ao locutor do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar problemas ocorridos através da introdução no texto de marcas de articulações ou de apoio textuais, por meio de realização de atividades específicas de formulação textual. Atividades essas que se destinam a atuar na organização do texto a fim de facilitar a compreensão dos enunciados pelo interlocutor ou provocar a sua adesão àquilo que lhe é dito, visando a garantir assim o sucesso da interação.

Um texto, como unidade global de análise, é um subproduto que reúne e marca o processo de produção e interação. Este é visto como um lugar privilegiado para a identificação de pistas que marcam e reforçam as regularidades e caracterizam o sistema de desempenho lingüístico.

Trata-se assim do conhecimento sobre os vários tipos de ações lingüísticas que permitem ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aprovação pelo interlocutor dos objetivos com que é produzido e monitorado o fluxo verbal.

Pelas definições até aqui expostas, adotamos a concepção de texto como evento comunicativo para o qual convergem ações cognitivas, discursivas e/ou sociais. Itens como progressão referencial, progressão tópica e progressão temática devem ser vistos como produto de estratégias cognitivo-discursivas e sociointeracionais postas em ação pelos participantes para a construção dos sentidos.

O sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto/sujeito e não algo que antecipe a essa interação. Dessa forma, a coerência deixa de ser concebida como uma simples propriedade ou qualidade do texto, passando a demonstrar como os elementos presentes na

superfície textual, conjuntamente, aos elementos do contexto sócio-cognitivo vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma representação propagadora de sentidos.

Assim diz-se que um texto é coerente quando um certo ouvinte, numa determinada situação, consegue encaixar seus vários elementos de significado numa única representação mental. Esta operação é vista como fases sucessivas de um processo que consta de tentativas de “erros” e acertos. Essas representações mentais não ficam limitadas ao entendimento do discurso, mas são ferramentas fundamentais para a cognição humana.

2.4- O texto conversacional

No texto conversacional o uso de meios apropriados para criar um mecanismo facilitador da compreensão do ouvinte e sustentador de sua atenção atende a certas regras que fazem parte do que se poderia chamar de “acordo contratual” entre os participantes da ação discursivas. Na base desse acordo contratual estão determinados postulados (GRICE, 1976, apud. KOCH, 2002, p. 125) resumíveis em máximas como: “não fale nunca o óbvio”; “concentre-se no importante e no novo”; “seja claro”; “não fale o que não corresponde à sua própria opinião”.

Para o desenvolvimento desse texto conversacional é necessária a presença de alguns elementos básicos que são responsáveis pela sua organização (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2003, p. 35):

a- *Turno* – o turno se define como a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio.

A tomada de turno é uma operação fundamental da conversação. Cada participante da conversação tem o direito de formular seu turno e o princípio é “fala um de cada vez”, mas nem sempre isso ocorre, já que se detecta a fala, ao mesmo tempo, de dois interlocutores, formando a sobreposição de vozes, a fala simultânea ou o assalto de turno que corresponde ao fato de o ouvinte intervir sem que a sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada, isto é, o ouvinte toma o turno do falante fora de um lugar relevante de transição.

b- *Tópico discursivo* – o tópico discursivo é um elemento estruturador da conversação, pois interlocutores sabem quando estão interagindo dentro de um mesmo tópico, quando mudam,

cortam ou retomam. Esse tópico é definido segundo uma perspectiva discursiva, que possui traços importantes como a centração e a organicidade.

A estrutura tópica serve como um fio condutor de organização discursiva e constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes. Esse fio condutor ocorre com o objetivo de buscar a determinação dos núcleos comuns e de demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversação se estrutura. Existe uma linearidade na construção do tópico discursivo que garante a organicidade da interação, pois o conjunto de relevâncias em foco, em dado momento, vai cedendo lugar a outros conjuntos de relevâncias, que são ligadas a aspectos marginais do tópico em desenvolvimento ou a novos conjuntos mencionáveis que vão sendo introduzidos a partir dos já existentes.

A respeito dessa interação, pode-se pensar que o falante não está só interessado em trazer informações velhas (*temas*) ou novas (*remas*), mas em desfazer crenças do ouvinte, pois, se os interlocutores de alguma forma demonstram não compreender a informação que está sendo transmitida, a percepção desse momento pode gerar um desvio do tópico, porque o objetivo comunicativo não está se encaminhando para o esperado. Há dois processos básicos de articulação intertópica no discurso (FÁVERO, 1993, p. 46)

- * a continuidade - caracterizada por uma relação de proximidade entre dois tópicos, na situação específica de abertura do tópico subsequente, somente após o esgotamento do tópico precedente.
- * a descontinuidade - caracterizada pelas inserções ou digressões, decorre de uma interrupção do fluxo formulativo, ou seja, perturbação na contigüidade dos tópicos. Esse desvio caracteriza-se pela introdução de um tópico na seqüência linear, antes de ser esgotado o precedente, que pode ou não retornar.

A noção de “verticalidade” refere-se às relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos de acordo com a maior ou menor abrangência do assunto e permitem dizer que há níveis na estruturação dos tópicos, indo desde um constituinte mínimo *subtópico* até porções maiores como *tópicos* ou *supertópico* (assunto central).

Assim o tópico advém de um supertópico, que é o assunto central, e se divide em ramificações menores denominadas subtópicos. O tópico é marcado por início, desenvolvimento e fecho.

c- *Par adjacente* – o par adjacente é um elemento básico na interação. Ele concorre para organizar localmente a conversação, controlando o encadeamento de ações e, inclusive, podendo constituir-se em elemento introdutor do tópico discursivo. Ele acontece em forma de pergunta-resposta; convite - aceitação ou recusa; pedido - concordância ou recusa; saudação - saudação. É difícil encontrar uma conversação sem nenhum tipo de par adjacente de tal modo que se pode indicar ser o par dialógico uma das unidades para estudo do texto conversacional.

d- *Marcador discursivo* – o marcador funciona como articulador não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que a produção representa de interacional e pragmática. O marcador serve, também, para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não lingüísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala. Os marcadores prosódicos abrangem os contornos entonacionais como as pausas, o tom de voz, o ritmo, a velocidade e os alongamentos de vogais. Os marcadores não-lingüísticos ou paralingüísticos são o riso, o olhar, a gesticulação e exercem uma função fundamental na interação face a face.

Os marcadores constituem um elemento na articulação de textos, encadeando-os de modo coeso. Eles asseguram não só o desenvolvimento continuado do discurso como também operam na organização hierárquica do texto na medida em que funcionam para garantir a coesividade entre os tópicos que vão se apresentando durante a elaboração do texto falado.

Para Castilho (1989), os marcadores discursivos exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos eles organizam o texto. Essa função geral comporta duas funções mais específicas: a função *interpessoal* e a função *ideacional* às quais correspondem dois tipos de marcadores: “Os marcadores interpessoais servem para administrar os turnos conversacionais ...”; enquanto “os marcadores ideacionais são acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento.” (CASTILHO, 1989, apud URBANO, 1993, p. 91)

Os marcadores discursivos são elementos lingüísticos que estruturam o texto, considerados não só como uma construção verbal cognitiva como, também, uma organização interacional, isto é, recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso.

2.5- Coerência e coesão

A observação da coerência e da coesão no texto oral mostra que o estudo destes dois fatores da textualidade deve ser feito de forma diferenciada do texto escrito, pois a natureza dialógica da conversação acentua o caráter de uma criação coletiva entre os falantes.

A coerência apresenta-se como um princípio de interpretabilidade do texto, que envolvem fatores de ordem cognitiva, interacional e lingüística. Esse princípio se relaciona à boa estrutura do texto, estabelecendo a partir de uma unidade de sentido o que a caracteriza como ato global que se refere ao texto como um todo. É algo que se articula pela interação, num processo de construção mútua, pelas relações estabelecidas e percebidas pelos falantes. (AQUINO, 1991, p. 85).

O falante utiliza certos sinais lingüísticos no texto com o objetivo de dar pistas aos interlocutores para que cheguem a uma representação mental adequada. Esse uso de meios lingüísticos para facilitar ou promover a coerência pode ser definido como coesão textual. Assim, um sinal de coesão – denominado elo coesivo -indica como uma parte do texto se liga, conceitualmente, a outra parte do texto.

Um texto é coerente se descreve fatos conhecidos ou relacionados entre si. Em termos mais cognitivos, portanto, um texto é coerente se puder ser interpretado em um modelo mental ou formal.

Os temas “coesão” e “coerência” estão longe de uma definição clara. Na conversação, a coesão não pode ser definida em termos estritamente formais, pois o texto se produz dialogicamente, concorrência de dois ou mais agentes. A coerência não é uma unidade de sentido e sim uma dada possibilidade interpretativa resultante localmente. Dois interlocutores se entendem não só porque são coerentes no que dizem, mas principalmente, porque sabem do que se trata em cada caso. E quando não sabem, manifestam seu desentendimento de modo a integrá-lo como parte efetiva no próprio texto. (Marcuschi, 1986, p. 02)

Uma conversa, se é considerada texto, é necessariamente coerente, mas muitas vezes, torna-se difícil detectar suas marcas lingüísticas e discursivas, pois esse tipo de texto obedece mais a processos de ordem cognitiva que a marcas lingüísticas, de modo que sua coerência nem sempre se dá com base nessas marcas, mas na relação entre os referentes. Dessa forma, um texto conversacional pode ser considerado coerente se os referentes apresentados puderem ser organizados como pertencentes a um mesmo quadro tópico. Além disso, esses referentes precisam fazer parte de um conjunto, isto é, os elementos presentes no co (n) texto devem ser pertinentes.

Breaugrande e Dressler (1981, apud FÁVERO, 2004, p. 10) consideram níveis diferentes de análise na abordagem da coesão e da coerência. A coesão refere-se aos modos como os componentes do universo textual⁶, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligadas entre si dentro de uma seqüência. Já a coerência apresentada muitas vezes, macrotextualmente, refere-se à maneira como esses elementos se unem numa configuração de modo acessível e relevante. A coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não uma simples parte dos textos. Esses conhecimentos que determinam a produção de sentido e, conseqüentemente a coerência, estão armazenados na memória em forma de estruturas cognitivas como conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. (FÁVERO, 2004, p. 64-72)

Os **conceitos** formam um conjunto de conhecimentos guardados nas memórias semântica e episódica, em unidades consistentes, mas não estanques.

A memória semântica é formada por proposições genéricas, abstratas e relacionais que dizem respeito ao conhecimento sobre as palavras e os símbolos verbais. Essa memória permite a determinado indivíduo dizer que a relação existente entre uma “mesa” e uma “cadeira” é a de ambos pertencerem à categoria “móveis” ou de ambos serem exemplos de conceito de móvel. Já a episódica, de certa forma, é uma memória autobiográfica, pois constitui um bloco de conteúdos pessoais. Sua organização é dada pela relação temporal entre os fatos e é a partir dela que um indivíduo pode falar sobre o que fez em determinado dia de sua vida bem como sobre os fatos que aconteceram na sociedade.

Os modelos cognitivos globais são blocos de conhecimentos utilizados, intensamente, no processo de comunicação que representam de forma organizada nosso conhecimento armazenado na memória, divididos em:

- 1- *Frames*: são situações estereotipadas e sem ordenação em nossa memória como, por exemplo, elementos que se referem ao carnaval (serpentina, mascarado e samba) ou ao Natal (chaminé, presentes e ceia).
- 2- *Esquemas*: são seqüências ordenadas previsíveis e fixas como, por exemplo, a situação de um casamento, um acidente ou um aniversário.
- 3- *Planos*: são modelos de comportamento deliberados exibidos pelas pessoas, podendo abranger vários propósitos superpostos, além de terem todos os elementos numa ordem previsível que levam o leitor/ouvinte a perceber a intenção do

⁶ Levinsohn, 2004. Termo, segundo autor, utilizado para representar o mundo textual.

escritor/falante. Como exemplo pode-se citar um funcionário que tem um plano para conseguir uma promoção.

4- *Scripts*: são planos estabilizados, utilizados ou invocados freqüentemente para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas, como por exemplo, atitudes referentes a crianças, a adolescentes e a idosos.

5- *Cenário*: são situações que se estendem ao domínio da referência como a idéia de sucessão de atos que acontecem num clube, numa escola ou num tribunal.

Já as **superestruturas** compõem a forma global de um texto e definem a organização e as relações hierárquicas entre seus fragmentos. Elas indicam, em forma de sintaxe textual, o modo como as proposições de um texto deverão ser processadas, como se fosse uma moldura. Correspondem, de certa maneira, aos modelos de esquemas, marcos ou roteiros.

O produtor de um texto cumpre regras gerais de coerência local (microestrutural) e global (macroestrutural) e usa um número elevado de estratégias eficientes para conseguir alcançar a significação do discurso. Essas articulações cognitivas e sociais podem desenvolver pequenos cortes interpretativos, isso quando o interlocutor se desvia do tópico ou quando algum turno parece incoerente com o turno anterior. O falante pode reagir quando uma tomada de turno anterior for brusca, pode acrescentar algum detalhe explicativo sobre um assunto ou usar uma troca de turno para uma ratificação. Tais estratégias fazem parte de um conjunto de elos comunicativos e interacionais usados para alcançar certos objetivos comunicativos (VAN DIJK, 1992).

Desta forma, a coerência depende de nosso conhecimento prévio e não só dos modelos cognitivos globais citados acima. Depende do elemento base, situado em nosso conhecimento de mundo, que sustenta todos os outros (textual e lingüístico). Já a coesão é bem constante no discurso, o que indica que ela possui uma carga de comunicação expressiva. A coesão está para a coerência como a forma lingüística que se usa está para aquilo que se quer expressar.

2.6- O processo de referenciação

Na língua, as relações de referência não se conceituam em termos de mundo real ou concreto, mas através de algum universo de discurso construído e interagido entre falante e ouvinte, o que permite que se faça referência a entidades existentes no mundo real ou a entidades que não existem nesse mundo, mas cuja existência no discurso é percebida entre os locutores.

Koch (2005a, p. 84) denomina referenciação as diversas formas de introdução no texto de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, dá-se o nome de progressão referencial. Todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não. A determinação referencial se dá como um processamento da referência na relação com os demais elementos com ou sem retomada referencial.

A referenciação constitui uma atividade discursiva, pois o falante, no momento da interação verbal, atua sobre o material lingüístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido (KOCH et al. 2005, p. 34-35).

Podemos dizer que a atividade de referenciação é bem sucedida quando o ouvinte consegue identificar o referente do discurso no ponto em que essa operação lhe é solicitada e tal identificação ocorre quando o falante deixou essa identificação acessível. A *identificabilidade* e a *acessibilidade* implicam inferência, mas a acessibilidade requer uma espécie mais direta e imediata de inferenciação, porque não se limita a pessoas, a objetos e a abstrações, estende-se a eventos e a estados (CHAFE, 1996, apud NEVES, 2006, p. 88). Assim referentes presentes no discurso são mantidos enquanto se fixarem na condição de participantes ativos dos eventos.

A referenciação consiste numa “ação cooperativa” (DIK, 1977, apud NEVES, 2006, p. 272) que permite ao falante, referindo a entidades por meio de termos, introduzir argumentos no discurso e, a partir daí, rastreá-los, compondo de forma coesiva seu texto. Assim, a intenção comunicativa encontrada na essência da interação verbal envolve uma intenção referencial, isto é, uma negociação entre os interlocutores sobre o universo de que falam, conseqüentemente, sobre as entidades nele existentes a partir da construção desse universo por eles mesmos.

Segundo Fant (1984):

Referentes que se constituem no texto – seja por menção explícita, seja por construção inferencial a partir de situações descritas – passam a fazer parte do “conjunto temático” do texto, e, como tal, entram no jogo em que se entrecruzam a referenciação textual propriamente dita – aí incluída a correferenciação – e a referenciação tópica, aquela que cria e relaciona as entidades que entram na organização informativa realizada pelas proposições do texto e nascida da organização das predicções, estabelecida entre predicados e argumentos, com seus respectivos papéis. Nesse entrecruzamento se monta a rede referencial que mantém o discurso (Fant, 1984, p. 71, apud NEVES, 2006, p. 98-99).

Em relação à progressão ou à manutenção referenciais que mapeiam o texto, representadas por preservação de referentes introduzidos, introdução de novos referentes e retomadas, entende-se que ambas, progressão e manutenção sustentam ou dirigem o fluxo da informação.

2.6.1- Princípios de referenciação

Na construção da memória discursiva ou do modelo textual, estão envolvidos enquanto alterações básicas, os seguintes procedimentos de referenciação (KOCH, 2005a, p. 83):

- a) *ativação*: um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um endereço cognitivo na rede conceptual do modelo do mundo textual;
- b) *reativação*: um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória operacional, por meio de uma forma referencial, tornando o referente textual em foco;
- c) *de-ativação*: a ativação de um novo nóculo, deslocando-se a atenção para um outro referente textual e desativando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. Embora fora de foco, porém, este continua a ter um endereço cognitivo no modelo textual, podendo ser ativado, a qualquer momento.

Pela repetição constante desses procedimentos, enquanto estabiliza-se o modelo textual, ao mesmo tempo esse modelo é, continuamente, elaborado e modificado por meio de novas referenciações. Assim procedimentos de progressão são aqueles que permitem a construção de cadeias referenciais por meio das quais se procede à *categorização* ou à *recategorização* dos referentes.

A *categorização* é um problema de decisão de dependência que se coloca para os atores sociais e como esses atores o resolvem, selecionando uma categoria em vez de outra dentro de um contexto dado. Denomina-se *recategorização* a forma como tais objetos, ao longo do texto, vão sendo (re) construídos de determinada forma, atendendo aos propósitos comunicativos do falante.

Toole (1996, apud NEVES, 2006, p. 88) postula que “a *acessibilidade* é a medida da saliência – ou da ativação – da entidade à qual o sintagma nominal se refere.” Enquanto Chafe (1996, apud NEVES, 2006, p. 88) reafirma que a *acessibilidade* e a *identificabilidade*

designam inferências, porém a *acessibilidade* supõe uma espécie mais imediata de inferenciação.

Os elementos de *identificabilidade*, apontados por Chafe (op. cit.), são apresentados da seguinte maneira:

- a) como o julgamento pelo falante de que o conhecimento do referente a que se remete já é compartilhado com o ouvinte;
- b) como a escolha pelo falante de uma linguagem com tal rigor de categorização que todos os referentes compartilhados por ele ou pelo seu interlocutor se reduzam ao que está em questão;
- c) como o julgamento pelo falante de que esse referente particular é o exemplar mais saliente da categoria, dentro do contexto afim.

Um texto, especificamente o oral, não se constrói como continuidade linearmente progressiva, somando elementos novos com outros já apresentados anteriormente, como se o mesmo fosse processado numa soma contínua de partes. O processamento textual se dá, muitas vezes, numa variação entre vários movimentos como para um trás (retrospectivo) e outro para frente (projetivo), representados, consecutivamente, pela anáfora e pela catáfora. A progressão textual se dá com base no já dito, no que será dito e no que pode ser sugerido, que se co-determinam progressivamente.

Para Dik (1977, apud NEVES, 2006, p. 89), são potenciais fontes de disponibilidades de referentes:

- * a informação de longo termo de que dispõem os interlocutores;
- * a informação introduzida em segmento precedente do texto;
- * a construção do referente com base em informação disponível na situação;
- * a inferência da identidade do referente a partir de informação disponível em qualquer das outras fontes já indicadas.

A partir dessas idéias sobre referentes foi possível estabelecer diferenças entre categorias como referir, remeter e retomar (KOCH, 2005a, p. 84). *Referir* constitui uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua/mundo, *remeter* é uma atividade de processamento sinalizado na co-textualidade e

retomar, uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.

A progressão referencial não se apresenta, necessariamente, pela retomada, mas sempre por algum tipo de remissão. Ao primeiro elemento chama-se fonte (F) e ao elemento lingüístico a que se remete chama-se anafórico ou catafórico.

São formas referenciais os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no co-texto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes. Isso indica que pode haver remissão com ou sem retomada de referentes anteriormente expressos. A remissão com retomada, denomina-se anáfora direta. Em se tratando de remissão sem retomada, o antecedente da expressão nominal terá de ser construído com fundamentação em um termo ou expressões no co-texto a que Marcuschi (2005, p. 53) tem chamado de “âncora” ou “gatilho”, constituindo uma anáfora indireta.

A interpretação de uma expressão referencial anafórica nominal ou pronominal consiste não apenas em localizar um antecedente, mas sim algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva. Falar de referenciação textual implica falar de definitude e, na verdade, muito facilmente se há de entender que entidades da língua que são referenciadores textuais como, por exemplo, os artigos e alguns pronomes, têm de ser avaliadas no campo da definitude, o mesmo ocorrendo com sintagmas nominais fóricos.

A anáfora hoje é usada para determinar o processo em que no texto um termo ou uma forma nominal se referem a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais. Processo esse que contribui para a continuidade tópica e referencial.

Há várias estratégias de progressão referencial que permitem a construção no texto de cadeias referenciais por meio das quais se procede à categorização ou à recategorização discursiva dos referentes tais como (KOCH e ELIAS, 2006, p. 85):

a- *Introdução de referentes* – um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto de maneira que a expressão que o representa é colocada em foco, ficando esse “objeto” saliente no modelo textual. Existem dois tipos de processos de introdução de referentes textuais denominados pelos termos *ativação não-ancorada* e *ativação ancorada*.

A introdução é *não-ancorada* quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto, isto é, quando há uma primeira categorização. No exemplo abaixo, o referente principal “*uma nova ave*” é apresentado pela primeira vez no texto.⁷

⁷ Exemplos de KOCH (2005a) e KOCH e ELIAS (2006)

(01)

O IBAMA anunciou ontem a descoberta de **uma nova ave**, o bicudinho-do-brejo-paulista.

A introdução *ancorada* acontece quando um novo objeto-de-discurso é introduzido no texto com base em algum tipo de associação a elementos já presentes no co-texto sociocognitivo.

(02)

No nordeste brasileiro, **eles** têm as mais belas praias do mundo.

No exemplo (02), trabalha-se com os processos cognitivos e discursivos, sendo o discurso o espaço de onde se extrai o conteúdo inferido. O referente é introduzido por um conjunto de informações textualmente construídas.

b- *O uso de pronomes* – a referenciação realizada por intermédio de formas pronominais é denominada de pronominalização (anafóricos ou catafóricos) de elementos co-textuais. Em se tratando da fala, possui características próprias, pois pode ocorrer sem um referente co-textual explícito.

(03)

Em uma manhã ensolarada, Heitor encontrou uma linda cachorrinha, pequena e toda branquinha, e deu a **ela** o nome de Blanche.

c- *O uso de formas nominais definidas* – são formas lingüísticas constituídas, no mínimo, de um determinante (que pode ser definido ou demonstrativo) seguido de um nome. Trata-se em geral da ativação, dentre os conhecimentos partilhados com os interlocutores, de características do referente que o locutor quer ressaltar.

(04)

Uma borboleta bate as asas metálicas sobre o Pentágono e **a tempestade dos desertos insurgentes** se ergue no Oriente; **os aliados dos desgovernos anteriores** caem de joelhos e explodem.

Quem precisa **desses comerciais de heróis e vitórias** quando mal entendemos o nosso fracasso?

A escolha das formas nominais definidas acima traz ao ouvinte informações importantes sobre as opiniões, as crenças e as atividades do locutor do texto, ajudando-o na construção do sentido.

d- *A nominalização* – é a referência a predicacões anteriormente expressas, ou seja, a criação de objetos-de-discurso mediante expressão nominal de um estado de coisas que já entrou previamente no discurso.

(05)

O americano Narciso Rodriguez desembarcou mais uma vez no Brasil. Desta vez, o estilista não veio visitar amigos, estrelados do naipe de Caetano Veloso. E, sim, lançar o primeiro perfume com sua assinatura (...) Fora do país, onde é vendido há nove meses, o produto foi premiado com o conceituado Fifi Awards, na categoria Nicho, de fragrâncias femininas, que contempla perfumes vendidos em menos de 250 pontos nos Estados Unidos.

A premiação do perfume com tão pouco tempo de mercado repete a história de Narciso na moda (...)

Existem certas nominalizações que sumarizam as informações contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de uma expressão pronominal ou nominal, isto é, transformando-as em objetos-de-discurso. Essa sumarização é denominada de encapsulamento como podemos observar no exemplo (06).

(06)

Um homem lagarto, uma mulher que morreu três vezes, um animal que come a si mesmo. **Fenômenos incríveis** revelados através de uma visão científica única.

e- *O elemento catafórico* – as expressões nominais catafóricas têm importante papel na organização macroestrutural, porque predeterminam, em muitos casos, o número de períodos, em (08), parágrafos, em (08), ou seções do texto, em (07).

(07)

A reforma administrativa do governo é condenável por **duas razões**: a primeira é que vai haver um recrudescimento da inflação; a segunda é que se caminha a passos largos para uma profunda recessão.

(08)

Há pelo menos **quatro tipos de liberdade**.

Primeiro, a liberdade-segurança. Vivenciada como ausência de opressão ou de interferência arbitrária, ela (...)

Segundo, a liberdade-expressão. É a liberdade de consciência ou de opinião (...)

Terceiro, a liberdade política, ou seja, o direito de participação em decisões (...)

Finalmente, existe um tipo de liberdade que consiste em perseguir aspirações em si mesmas distintas...

f- *Uso de formas indefinidas ou genéricas* – as expressões indefinidas ou genéricas são adequadas para a introdução de referentes, em (09), mas podem, em certos casos, desempenhar, também, a função de retomada de referentes já introduzidos no texto, em (10). Observe os exemplos abaixo:

(09)

Eu lembro de **um show**, aliás, isto é uma exceção, não sei se é covardia dizer isso agora, porque eu nunca disse para ele. **Um show em Portugal** que a gente fez, em Coimbra e tal, aqueles estudantes todos e foi um final apoteótico.

(10)

(...) Até que o mar, sem se apressar, trouxe **a coisa** e a depositou na areia, surpresa triste, **um homem morto**.

g- *Uso de anáfora indireta no texto falado* – “a anáfora indireta é um caso de referenciação textual, ou seja, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo, que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local.” (KOCH, 2005a, p. 107). Uma análise detida das características centrais da anáfora indireta mostra que ela não depende de uma congruência morfossintática nem da necessidade de reativar referentes já explicitados.

A anáfora indireta é uma estratégia endofórica de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, constituindo assim um processo de referenciação implícita.

(11)

Fiel- Padre! Sou um alcoólatra!

Padre- Meu filho! Tem que ter forças pra vencer o vício! Agora vai se comungar!

Fiel- E o **vinho**? Não vem?

Na última fala, o locutor introduziu um novo referente “*o vinho*” que se ancora aos elementos co-textuais “*alcoólatra*” e “*vício*” apresentados na primeira fala e ao contexto sociocognitivo.

Importante é o fato de que nas anáforas indiretas não ocorre uma retomada de referentes, mas sim uma ativação de novos referentes e, também, de que há uma motivação ou ancoragem no universo textual.

No caso da anáfora indireta trata-se de expressões definidas que acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (Marcuschi, 2005, p. 59)

As anáforas indiretas põem em destaque três características (op. cit. p. 60):

- a) a não-vinculação da anáfora com a noção de retomada;
- b) a não-vinculação da anáfora com a noção referencial;
- c) a introdução de novos referentes.

Essas estratégias anafóricas produzem coerência textual uma vez que preenchem as lacunas referenciais nos casos de subespecificação semântica, referencial e conceitual, permitindo assim a construção do sentido do texto como pode ser observado na classificação abaixo (MARCUSCHI, 2005, p. 61-67);

1-Anáfora indireta baseada em papéis temáticos dos verbos – deve-se ter em mente uma teoria dos papéis temáticos para os verbos e observar como esses papéis são preenchidos.

2-Anáfora indireta em relação semântica inscrita nos sintagmas nominais definidos – pode-se lembrar, aqui, das relações meronímicas, isto é, relações parte/todo.

3-Anáfora indireta baseada em esquemas cognitivos e modelos mentais – são anáforas ancoradas em representações conceituais ou relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais chamados de *frames* que representam focos implícitos armazenados em nossa memória de longo prazo como conhecimento de mundo organizado.

4-Anáfora indireta esquemática realizada por pronomes introdutórios de referentes – esses pronomes não são retomadas de referentes anteriormente introduzidos, mas ativadores de novos referentes com base em elementos prévios que aparecem no discurso.

5-Anáfora indireta baseada em inferências ancoradas no modelo do mundo textual – trata-se de anáforas fundadas em conhecimentos retrabalhados por estratégias inferenciais maximizadas pelo conjunto de conhecimentos textuais mobilizados.

6-Anáfora indireta baseada em elementos textuais ativados por nominalizações – essa anáfora indireta tem uma relação direta com algum verbo do qual mantém a origem.

Em todos esses tipos explicitados, dá-se sempre uma anáfora, cuja ocorrência acontece por meio de uma âncora, seja ela de ordem semântica, conceitual ou processual e o domínio de interpretação ativado por essas âncoras deve, sempre, fornecer uma coerência para o processamento textual. Assim, de acordo com a afirmação acima, uma relação indireta que se

constrói inferencialmente, a partir do co-texto, com base em nosso conhecimento de mundo é denominada anáfora indireta.

2.6.2- Estratégias de formulação e reformulação textuais

A progressão textual pode se realizar por meio de atividades formulativas em que os interlocutores optam por introduzir no texto recorrências de variados tipos. No dizer de Rath (1979, apud. HILGERT, 1993, p. 107), “o processo da construção textual com todos os seus desvios, reinícios, repetições e correções é diretamente observável” Ou como diz Antos (1982, op. cit. p. 108), “o texto falado mantém explícitos todos os traços de seu *status nascendi*”.

A interação comunicativa permite aos interlocutores do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar *on line* ou *a posteriori* conflitos efetivamente ocorridos. Isso ocorre por meio da introdução no texto de sinais de articulação ou de apoio textual e pela realização de atividades específicas como parafrasear, repetir, hesitar ou corrigir.

Schegloff, Jefferson e Sacks (1977, op. cit.) destacam que, em princípio, cada elemento lingüístico pode ser considerado uma “fonte problema” (*trouble-source*). Para esses autores um problema não só se identifica na ocorrência de “erros” ou “falhas” na formulação, mas também na procura de um termo adequado. Em razão disso, optam pelos termos “correção” ou “reparo” com o objetivo de referirem a um domínio mais lato de ocorrências. Trata-se do conhecimento sobre os vários tipos de atos lingüísticos que permitem aos falantes assegurar a compreensão do texto. Esses atos podem ser reformulativos (retrospectivos) ou formulativos (prospectivos).

Os atos de reformulação textual são aqueles que têm por objetivo levar os interlocutores a reconhecerem a intenção do desenvolvimento do texto, ou seja, procuram garantir a intercompreensão na conversação.

Os atos de formulação são aqueles em que os interlocutores se dão conta deles antes de os formularem e tentam solucioná-los antes do término do turno.

As atividades de composição textual devem ser vistas como um procedimento de solução de problemas, se em sentido *lato*, admitir-se que as atividades de formulação e reformulação são iniciativas de construção lingüístico-comunicativa de um enunciador para fornecer uma proposta-compreensão ao enunciatário em interação pelo qual o processo comunicacional se realiza.

As estratégias de reformulação e formulação são:

1- Paráfrase

Segundo Hilgert (1995, apud FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2003, p. 59), “a paráfrase é um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica.” Isto é, a paráfrase retoma, com outras palavras, o sentido de um enunciado anterior.

A paráfrase (**P**), na seqüência do texto, reformula um enunciado origem ou *matriz* (**M**), com o qual mantém, em grau maior ou menor, uma relação de equivalência semântica. As relações parafrásticas podem ocorrer imediatamente após a matriz, chamadas de *adjacentes* e em outras podem só se manifestar mais adiante na seqüência textual, denominadas *não-adjacentes*.

(12) (D2 – SP – 60: 551-555)

L1 porque realmente houve assim uma :: ... uma fuga
do engenheiro
da ... da área de produção ... (M)
dos laboratórios de experiência para ... (P)
para a ...

(13) (D2 – SP – 60: 666-672)

L1 **diz que ... oterrino ... é uma coisa que dá (M)**
muito dinheiro ... psiquiatria pô ... dando
fortunas ... certo?
São Paulo é uma cidade cheia de problemas ...
((falou rindo)) ... então a psiquiatria está
ótimo ... e de que você precisa de
um divã e paciência para ficar ouvindo ...
diz que está dando muito ... psiquiatria ... (P)
oterrino ... é outra coisa ...

O locutor L1, em (12), exemplifica uma paráfrase adjacente e, em (13), uma não-adjacente.

Na passagem da matriz para a paráfrase, ocorrem dois tipos de movimentos semânticos (HILGERT, 1993, 143): a generalização e a especificação.

A *generalização* acontece quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase vai do específico para o geral; já a *especificação*, quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase vai do geral para o específico.

Quando, na passagem da matriz para a paráfrase, há um deslocamento de sentido, verifica-se uma tendência de a paráfrase, do ponto de vista sintático e lexical, ser mais expandida do que a matriz, denominada *expansiva*. Quando, porém, nessa passagem, o deslocamento de sentido vai do específico para o geral, nota-se uma condensação sintático-lexical da paráfrase, denominada *reductora*.

O fato de o falante retomar, fazendo uma referência a um segmento revela:

- a) uma inserção, pois retomar, às vezes, significa interromper o fluxo formulativo em andamento.
- b) um problema de formulação, pois além de o enunciador não encontrar uma alternativa de reformulação imediata e definitiva, a inserção não é gratuita, isto é, alguma razão na interação comunicativa a determinou.
- c) um problema retrospectivo, pois na medida em que, ao contrário do prospectivo, o falante só percebe o problema e suas dimensões quando ele está sendo ou já se encontra lingüisticamente elaborado, levando-o, então, a uma atividade metaformulativa.

Na realidade essas possíveis inserções não atrapalham a progressão do texto, muito menos prejudicam a comunicação entre os interlocutores. Elas são contornadas pelos próprios participantes da interação.

À medida que as paráfrases revelam inserções, elas constituem atividades de formulação textual quase sempre destinadas a resolver os problemas que as acarretaram. Dessa forma, são atividades que procedem à reformulação de formulações anteriores:

* Componentes das atividades de reformulação – dois elementos constitutivos comuns das atividades de reformulação são o *enunciado origem* ou matriz e o *enunciado reformulador* ou paráfrase e além desses dois, registra-se o *marcador de reformulação* (MR) que anuncia a reformulação a ocorrer, por meio de uma expressão verbal de um

paralelismo sintático ou de alguma manifestação suprasegmental ou paralingüística como a pausa, a mudança de ritmo na articulação ou diminuição da altura da voz, exemplo (14).

(14) (D2 – SP – 60: 557-580)

L1 **hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia ... (M)**
não dá

Doc.: ((riu)) é verdade

L1 **quer dizer ... (MR)**
o pessoal não teria nem para a subsistência ... (P)

* A distinção entre atividades de reformulação – a paráfrase mantém como seu enunciado de origem uma *relação de equivalência* semântica, ou seja, ela dele retoma, em maior ou menor grau, o conjunto de traços semânticos. Observe o exemplo abaixo:

(15) (D2 – SP – 60: 642-646)

L1 **ela está ::: socializada né? (M)**
ela está ::: completamente ::: ... regularizada através (P)
de dessas interCLínicas

* O caráter reformulador do segundo componente – as formulações parafrásticas distinguem-se de seus enunciados de origem, por apresentarem variações sintáticas, lexicais ou fonéticas, nas quais se identifica, precisamente, o caráter reformulador dessas atividades.

(16) (D2 – SP – 60: 585-590)

L1 **poxa em outras épocas aí ... talvez hoje mesmo ...**
existia uma uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico ... (M)
L2 existe ...
L1 **eles brigam pelas posições ... (P)**
[
L2 existe

O exemplo (16) explica uma variação entre a matriz e a paráfrase, pois o falante L1 faz uma troca de enunciado “*uma uma rivalidade*” por outro “*eles brigam*”, que possui o valor semântico equivalente.

Numa relação de diálogo entre interlocutores, podem ocorrer as seguintes possibilidades de produção de paráfrases:

- 1- *Autoparáfrase* – ocorre quando o falante parafraseia o seu próprio enunciado.
- 2- *Heteroparáfrase* – ocorre quando um interlocutor parafraseia o enunciado produzido pelo outro.

No exemplo (17), há uma autoparáfrase e no (18), uma heteroparáfrase.

(17) (D2 – SP – 60: 648-650)

L1 **a situação do médico ... também é uma situação difícil ...** (M)
em termos de mercado de trabalho também é uma (P)
situação difícil

(18) (D2 – SP – 60: 612-614)

L1 **nós temos que estudar bastante né? ((risos))** (M)
L2 **precisamos qualidade né?** (P)
L1 exato ...

Assim, o parafraseamento é como uma atividade de constituição textual, a que o falante recorre para reformular etapas do desenvolvimento de sua própria formulação textual ou da formulação textual de seu interlocutor, visando a promover a intercompreensão e a progressividade conversacional.

2- Correção

“Pode-se definir a correção, entre os atos de linguagem como um ato de reformulação textual” (GÜLICH & KOTSCHI, 1987, apud BARROS, 1993, p. 137), pois a correção apresenta a função geral de caráter interacional, no que diz respeito à busca de cooperação, intercompreensão e ao estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores.

“A correção é, assim, um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus ‘erros’. O erro deve ser entendido como uma escolha do falante – lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional – já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e / ou seu interlocutor consideram inadequado.” (BARROS, 1993, p. 136)

Corrigir é produzir um enunciado lingüístico (enunciado reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado fonte – EF ou matriz), considerado ‘errado’ aos olhos de um dos interlocutores. A correção deve ser entendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com a finalidade de torná-lo mais ‘correto’ ou ‘adequado’, segundo o ponto de vista de um ou de ambos os participantes do diálogo para, dessa forma, levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão na conversação. Observe o exemplo abaixo:

(19) (D2 – SP – 360: 188-191)

L1 agora **tem** sempre ... (M)

L2 um já ajuda o outro

L1 numa família quando **há** sempre um com a tarefa de supervisor ... (C)
 por instinto não é por obrigação

Em (19), L1 emprega o verbo “*ter*” no sentido de “haver” e, após o turno de L2, L1 reformula seu enunciado com o verbo “*haver*”, efetuando uma correção. Observa-se uma preocupação de o falante L1 empregar a norma culta, visto saber quem é o seu interlocutor. O enfoque então é interacional, já que ao reformular seu enunciado, L1 preserva sua imagem diante de L2.

A correção se divide em:

1- *autocorreção* - é processada pelo próprio falante. O mais usual é que ocorra no mesmo turno e geralmente na mesma frase, porque o falante tem pressa em corrigir-se, já que pode perder o turno e a oportunidade de reformular seu enunciado, exemplos (20) e (21);

2- *heterocorreção* - é processada pelo interlocutor, exemplificado em (22).

(20) (D2 – SP – 360: 1455)

L1 então ele quer ser cientista ... **arqueólogo** (C)

(21) (D2 – SP – 360: 333-335)

Inf.: uma Outra forma de se estudar a inteligência ... seria mais uma frase de ... (M)
 de ::: evolução da inteligência ...
 (FA:::ses da inteligência ... (C)

(22) (D2 – SP – 360: 1106-1108)

L1 aquela sua amiga a ::: Andréa que está estuda:::ndo medicina

L2 não não é medicina ... (M)
 é ... **enfermagem** ... então ela estava me dizendo ... (C)

Segundo Barros (1993), há dois tipos de correção - a que equivale a uma infração conversacional e a que corresponde a um ato de reformulação.

* A *reparação* - deve ser entendida como uma infração conversacional, os interlocutores cometem “infrações” no sistema de tomada de turno e violam as regras da conversação, mas na verdade, essas falhas e desobediências são reparadas;

* A *correção* - são as correções que não se aplicam a infrações às regras conversacionais e são denominadas correções propriamente ditas. São atos de reformulação, que ao consertar “desvios” e “inadequações”, asseguram a intercompreensão no diálogo.

Assim, empregam-se correções para a obtenção de cooperação e de participação na conversação e para o estabelecimento de relações de envolvimento emocional. O sentimento de familiaridade é um dos efeitos de conversação rica em correção.

3- Repetição

“A repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou parecidos mais de uma vez no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. (MARCUSCHI, 2002, p. 105)

(23) (D2- REC – 266: 581-585)

L2 a sociedade de consumo é
diferente ... ela tem que pensar
em produzir

L1 pronto

L2 e não em **economizar** ... **economizar** é uma consequência ... (R)

(24) (D2 – SP – 343: 585- 587)

L1 e se eu (saio) dali ou não basicamente
eu posso não interferir no processo global ... (M)
mas eu queria entender **esse processo** né? (R)

As repetições conduzem à produção de segmentos inteiros duas ou mais vezes, motivados pelos mais diversos falares, sejam eles de ordem interacional, cognitiva, textual ou sintática.

A primeira entrada do segmento discursivo depois de repetido é designada como *Matriz* (M). A matriz caracteriza-se por operar como base ou modelo para a projeção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade, chamado de *Repetição* (R). Neste sentido a (M) pode condicionar a (R) em vários níveis: fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico ou pragmático, mas não impede a criatividade ou atividade reformuladora. A (R) não é um simples espelhamento automático, pois a (M) tem uma função paradigmática na relação com a (R).

Koch (2005b) postula:

A repetição é particularmente constitutiva do discurso conversacional, no qual os parceiros, conjuntamente e passo a passo, constroem o texto, elaboram as idéias, criam, preservam e negociam as identidades, de tal forma que o texto, de maneira icônica vai refletir essa atividade de co-produção. (KOCH, 2005b, 145)

Quanto à produção, os segmentos repetidos podem se distribuir entre *auto-repetição* e *heterorrepetição*⁸.

As auto-repetições são aquelas produzidas pelo mesmo falante, geralmente, devido a exigências de ordem cognitivo-interacional e podem ser orientadas quer para o próprio falante ou para o interlocutor, cujo objetivo é o de segmentar o discurso para o devido processamento. As heterorrepetições são aquelas produzidas pelo interlocutor com o objetivo de ratificar o que foi dito pelo falante ou para solucionar um problema de compreensão.

Quanto à distribuição na cadeia textual, as repetições podem ser adjacentes (próximas), como no exemplo (25), ou estarem distantes (vários tópicos adiante), como no exemplo (26).

(25) (D2 – REC- 340: 664-665)

L1 então daí casou foi **casando casando** todo mundo (R)
e de repente ...

(26) (D2 – REC – 340: 137-185)

L1 tu participas de algum grupo ... assim de ::: social
EXTRA – **universidade assim clube** ... (M)

((retomando o tópico três minutos após esse turno))

L1 eu eu eu participo / eu tenho / **eu sou associada de um clube** ... (R)

No plano discursivo, a repetição tem um número mais expressivo de funções e colabora para a compreensão (intensificação e esclarecimento); continuidade tópica (amarração, introdução, reintrodução e delimitação); argumentatividade (reafirmação,

⁸ Marcuschi (2002, p. 109) apresenta o termo sem a presença do hífen.

contraste e contestação); interatividade (monitoração da tomada de turno, ratificação do papel do ouvinte e incorporação).

As repetições se manifestam de muitas formas e são multifuncionais. Sob o ponto de vista do segmento lingüístico repetido, têm-se:

- a- repetições fonológicas;
- b- repetição de morfemas;
- c- repetição de itens lexicais;
- d- repetições de construções subordinadas;
- e- repetições de orações.

A repetição não é um simples ato metalingüístico, pois ela expressa algo novo, isto é, faz uma recategorização de algo já dito. A retomada pode ser do ponto de vista textual e envolve sentidos que estabelecem a continuidade tópica, porém manter o tópico nem sempre equivale a manter os referentes indicados pelos mesmos itens lexicais e sim por objetivos interacionais diferenciados.

4- Hesitação

A hesitação “constitui uma evidência de que a fala é uma atividade administrada passo a passo e que planejamento e verbalização simultâneos têm consequência no controle do fluxo informacional: a fala vai mostrando seus próprios processos de criação” (FÁVERO, 1997, p. 120).

(27) (D2 – SP – 360: 1284-1292)

- L1 agora a outra gêmea ... ela como **vai va::i** o que está tudo muito bom :: (H)
- L2 desde que não :: ((risos))
- L1 desde que não :: ((risos)) muito esforço
- L2 () muito esforço
- L1 é são ambas estudiosas mas ...
elas **ah essa daí não :::** ... (H)
não tem ainda **assim muita :::** ... **eh uma ... um** objetivo a atingir sabe? (H)

A hesitação tem como característica fundamental o fato de constituir evidentes cortes da fala, na linearidade material, em pontos não previstos por fatores sintáticos ou prosódicos, mas que também não ocorrem de maneira aleatória. Portanto, a hesitação pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, já que a fala, mesmo com a presença de hesitações, pode continuar fluente. Fluência discursiva e descontinuidade sintática, assim, não formam uma dicotomia, pois se referem a níveis de observação diversos.

O falante hesita para decidir “*o quê*” falar ou porque está decidindo “*como*” falar. Mas não porque está desejando dizer algo através da hesitação.

(28) (D2 – SP – 360: 589-593)

- L2 houve uma série de **irre/eh :::** de irregularidades ... (H)
 nas **lis/na apresentação** da lista de classificação (H)
 irregularidade foi engano ... **no no no fazer** ... (H)
 na confecção da lista de aprovados
 houv/houv/começaram a haver alguns enganos (H)

A hesitação apresenta-se em processamento linear sintagmático. Assim, ela incide em determinados fenômenos, tais como:

- a- fenômenos prosódicos – são pausas geralmente prolongadas e alongamentos vocálicos;
- b- expressões hesitativas – são termos não-lexicalizados como *eh, ah, ahn, mn*;
- c- itens funcionais – apresentam-se como artigos, preposições, conjunções, pronomes e verbos de ligação;
- d- itens lexicais – são os substantivos, advérbios, adjetivos e verbos;
- e- marcadores conversacionais acumulados – são expressões como *sei lá, quer dizer, sabe, então né*;
- f- fragmentos lexicais - constituem palavras iniciadas e não concluídas.

A hesitação, assim, é a presença de atividades discursivas na materialidade lingüística, evidenciada numa transcrição fiel da fala.

3- CORPUS.

3.1- Constituição do *Corpus*

O *corpus* oral para esta dissertação é proveniente de 03 (três) horas de gravação, feita no ano de 2005, por meio de interação face a face e se constitui de um inquérito formado por um diálogo entre documentador (professor) e 30 falantes (alunos), cuja faixa etária é dos 15 aos 17 anos, de sexo diferenciado (15 meninas e 15 meninos), cursando o 9º ano de escolaridade (8ª série) do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal – CIEP Municipalizado 465 –Dr. Amílcar Pereira da Silva, em Quissamã/RJ. Os alunos selecionados para a pesquisa participaram das oficinas de forma espontânea por meio de um convite feito pelo professor. No decorrer da análise do texto, esses alunos serão identificados como L1 (locutor 1), L2 (locutor 2), L3 (locutor 3) e assim sucessivamente. Cada oficina foi formada por 10 (dez) alunos e monitorada por um determinado documentador (professor da turma), sendo representada da seguinte forma: oficina 1; oficina 2; oficina 3; oficina 4. Os textos produzidos nas oficinas foram subdivididos em unidades entonacionais e as seqüências utilizadas na análise tiveram a numeração de acordo com o total dessas unidades. Oficina 1- (Of. 1/ 001-511), Oficina 2 – (Of. 2/001-163), Oficina 3 – (Of. 3/001-125) e Oficina 4 - (Of. 4/001-539) respectivamente.

Os diálogos se desenvolveram por meio das quatro oficinas monitoradas por 03 (três) documentadores diferentes. As oficinas 01 e 02 foram gravadas por mim e as oficinas 03 e 04 pelos respectivos professores de Língua Portuguesa desses alunos. Essas oficinas seguiram uma dinâmica chamada “Rótulos” que objetivava proporcionar a motivação dos alunos para uma fala mais espontânea e operacional, contribuindo para que a sua realização acontecesse de modo a não influenciar o desempenho da conversação.

Quanto à gravação do material para o estudo, por mais organizada que tenha sido, alguns problemas ocorreram, como por exemplo: interferência de pessoas estranhas batendo na porta da sala na hora da gravação; sinal tocando antes da aula acabar, interrompendo assim bruscamente a oficina; alunos tímidos, em princípio, sem querer falar; alunos agitados, pois queriam falar ao mesmo tempo, ocorrendo assim a fala simultânea ou a sobreposição de vozes e outros afins, mas que não atrapalharam a gravação, porque foram problemas fáceis de serem resolvidos pelo documentador.

Cabe observar que a análise dos textos obtidos buscou, sempre, guiar-se por procedimentos adotados em trabalhos reconhecidos na área de estudos do texto e do discurso, em que se inclui a Linguística Textual. Os temas apresentados, por meio dos exemplos, serão abordados no co(n)texto, delimitando, assim, o trabalho à ótica da referência.

3.2- A dinâmica “Rótulo”.

A dinâmica “Rótulo” propunha aos alunos uma discussão sobre alguns assuntos sugeridos pelo projeto desenvolvido anualmente pela NESTLÉ - “**Viagem Nestlé pela Literatura 2005**”, cujo tema central era “Nós e os textos: um diálogo incrível que alimenta o espírito” que buscava o desenvolvimento da leitura e da escrita, cuja conclusão visava à produção textual escrita. Segundo a 7ª edição do concurso: “É quase impossível falar em leitura sem pensar em diálogo: o ato de ler é em sua natureza a interação, a interlocução texto / leitor O domínio da linguagem que permeia as relações no mundo de hoje apresenta-se não apenas como mais um exercício das capacidades do intelecto, mas como um dos mais frutíferos exercícios para o desenvolvimento de um olhar agudo sobre o mundo e sobre si mesmo”. As propostas desse projeto partiam da crença de que a formação do jovem é a sucessão de experiências nas quais ele percebe a apropriação paulatina da palavra efetivamente carregada de sentidos. As atividades sugeridas nas oficinas tinham, também, por objetivo favorecer a análise de alguns contos e poemas, estimulando a intertextualidade entre textos escritos e textos de outra linguagem como a imagem e a música. Essas atividades tinham como finalidade, sobretudo, facilitar o diálogo entre os falantes.

O desenvolvimento da dinâmica era da seguinte forma: cada aluno recebia, aleatoriamente, um rótulo e não podia visualizá-lo e abaixo do rótulo havia um comando cujos colegas liam e reagiam conforme o solicitado, dessa forma cada aluno não conseguia entender o que estava ocorrendo e o porquê dos outros estarem agindo de determinada maneira. Essa primeira parte instigava os alunos a responderem algumas perguntas depois que tiravam os seus rótulos. Depois que todos os alunos, individualmente, passavam por essa atividade, o documentador começava a fazer perguntas para saber a reação de cada aluno. A partir dessas respostas, os alunos ficavam livres para assumir o turno à medida que quisessem fazer alguma observação sobre os temas em foco.

Essa parte da gravação foi bem satisfatória, pois os falantes puderam produzir textos que possibilitaram mostrar as progressões temática e textual, uma vez que o aluno apresentava uma experiência própria ou de outrem a ser relatada.

Os rótulos e os respectivos comandos:

MENTIROSO
Tapar os ouvidos

DESLIGADO
Estalar os dedos para chamar a atenção

MANDÃO
Virar de costas

CONVENCIDO
Tapar os olhos

AGRESSIVO
Afastar-se o máximo

FALADOR
Fazer sinal de silêncio

DEDO-DURO
Vaiar

CALADO
Fazer mímica com a boca

IRRESPONSÁVEL
Balançar a cabeça como negativa

PREGUIÇOSO
Fingir que estava trabalhando

3.2.1- Objetivos da oficina.

- Vivenciar pela ludicidade e pela interação entre participantes uma situação de comunicação difícil;
- Estimular questionamentos quanto à dificuldade do diálogo entre aqueles que vêm o outro com preconceitos, com uma visão comprometida pelos “rótulo” que se atribuem a outras pessoas;
- Estimular a interação entre os alunos.

3.2.2- Etapas.

1º momento

- Reproduzir o Jogo de rótulos de acordo com o número de participantes;
- Produzir as tiras com rótulos a partir de dificuldades de relacionamento já detectadas entre os alunos;
- Utilizar especialmente os rótulos que registrem a linguagem própria dos jovens ou de acordo com expressões da região.

2º momento.

- Formar um círculo com os alunos em pé;

- Colar aleatoriamente – com fita crepe ou durex – um rótulo na testa de cada participante;

- Cuidar para que nenhum aluno consiga ler o que está escrito em seu próprio rótulo;

- Orientar para que cada aluno procure responder à seguinte questão: “o que pode alimentar um ser humano?”

- Garantir que cada aluno fale a sua resposta;

- Orientar para que o grupo, a cada resposta dada, reaja de acordo com o que sugere a tira na testa do aluno que falou.

- Dar um tempo para que o grupo reaja e depois volte à situação normal, dando continuidade à atividade.

3º momento.

- Terminada a roda de resposta e reações, reorganizar o círculo com os alunos ainda rotulados;

- Solicitar que cada aluno devesse tirar de sua testa o rótulo e leia-o para saber como foi rotulado e o porquê da reação dos colegas;

- Estimular e mediar uma discussão em que seja possível analisar:

- * qual o sentimento que cada um teve ao falar diante da reação de seus interlocutores;

- * em que situações da vida real os alunos já vivenciaram ou presenciaram algo semelhante;

- * se os rótulos atribuídos a uma pessoa têm a força de provocar reações tão predeterminadas como as que ocorreram;

- * se o diálogo não ocorreu ou ocorreu de modo pouco espontâneo, porque o rótulo impediu uma interação sincera;

- * o que pode ser feito para que na vida real isso não aconteça.

- Assegurar-se de que os alunos refletiram sobre a superficialidade que o julgamento preconceituoso determina.

Com o desenrolar da dinâmica, além das perguntas respondidas, os alunos ouviam músicas e liam poesias que os levavam a refletir sobre o assunto discutido. O término da oficina aconteceu com a avaliação da estratégia utilizada. É oportuno ressaltar que os alunos sabiam da gravação e que após o concurso resolvi, permitiram utilizá-la como *corpus* para este estudo.

4- ANÁLISE

A análise dessa dissertação será apresentada segundo a ordenação desenvolvida na fundamentação teórica, buscando a relação entre conceitos explicitados e os exemplos retirados do “*corpus*”, os quais serão identificados de acordo com a numeração da oficina e a unidade entonacional. Essa análise se divide, especificamente, em três partes: a primeira parte se constrói através de estratégias de progressão referencial na construção do texto falado; a segunda parte apresenta uma análise, de forma individual, das estratégias de formulação e reformulação textuais, divididas em paráfrase, correção, repetição e hesitação, objetivando demonstrar a contribuição positiva dessas estratégias para o processamento referencial; a terceira constitui uma análise da oficina número 04 (quatro), visando à progressão do texto falado.

4.1- Princípios de referenciação

Observa-se, hoje, que a idéia de referenciação bem como a progressão referencial consistem na construção e reconstrução dos objetos-de-discurso. Os referentes apresentados não espelham diretamente o mundo real, isto é, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no processo discursivo de acordo com a percepção do mundo, das crenças, atitudes e propósitos comunicacionais dos interlocutores na interação verbal.

Assim para que se propicie essa progressão referencial, são necessárias algumas estratégias que fazem o texto falado ser construído e reconstruído à medida que os interlocutores desenvolvem o discurso.

Observe o exemplo abaixo:

(01) (Of. 1 / 482-488: p. 134)

Doc.: aquele problema que nós temos aí ...
a gente joga ... para o outro

L4 professora :::

L1 me chamam muito de ignorante ... gente ...

((sobreposição de vozes))

L8 tá certo que as pessoas não descobrem isso na gente
mas tem dias que eu não tô pra ninguém
minha mãe vem falar comigo ... eu saio batendo ...

No exemplo (01), o falante L8 ativa um termo desconhecido para os demais locutores e documentador. Em toda a seqüência anterior não há demonstração de que o termo “*minha mãe*” tenha sido apresentado ou reativado, o que constitui, assim, a introdução de um novo referente, isto é, há uma categorização de um item lexical. Da mesma forma, no exemplo (02), L3 apresenta o termo “*mentiroso*” pela primeira vez no texto.

(02) (Of. 01 / 016-017: p. 120)

Doc.: agora fala o que está escrito em sua testa

L3 **mentiroso**

Já em outros contextos, o falante faz remissão a um termo por meio do uso de pronome, constituindo, assim, uma anáfora direta. Os exemplos abaixo retratam essa anáfora.

(03) (Of. 1/ 473-474: p. 134)

L4 é mais aí também... mas isso também já influencia
você conhece a **pessoa** e depois vê que **ela** é falsa

“*Ela*” e “*pessoa*” ditas por L4 são termos que mantêm correferência entre si e não permitem uma possibilidade de interpretação tão diferenciada. Ocorre, no exemplo (03), uma substituição de um sintagma nominal por um pronome, isto é, acontece uma pronominalização. O exemplo abaixo reforça essa estratégia, pois o falante L8 usa o pronome “*ela*” para retomar o termo “*a pessoa*”.

(04) (Of. 01 / 354-356: p. 130)

L8 e eu tento me controlar ... mas chega na hora que eu conheço a pessoa

aí eu já espalho fama
ela é ótima ::: **ela** é maravilhosa ... é assim ... é assado ... mas eu julgo

Há situações em que a referenciação pode ser constituída por formas nominais definidas e a seleção lexical de um termo adequado para operar a remissão é, freqüentemente, determinada pela variedade da língua em uso. Assim a seleção de um termo na interação está ligada a questões de contexto. Observe o exemplo abaixo:

(05) (Of. 4/ 069-074: p. 153)

L14 os caras me vaiaram então eu me senti meio triste
 e dedo duro eu não sou...
 Doc.: não é
 [
 L14 não gosto de fofoca ... não gosto **dessas coisas** ... entendeu?

No exemplo (05), a forma nominal definida “dessas coisas”, formada pelo determinante demonstrativo e pelo substantivo, remete e refere-se ao antecedente “fofoca”, cuja inferência leva a uma recategorização que possibilita, assim, um novo sentido (genérico), de acordo com o contexto, para o termo no desenvolvimento da progressão tópica. Isso já não ocorre nos dois exemplos abaixo.

(06) (Of. 01 / 472-474: p. 134)

L7 existe também pessoas de duas caras
 L4 é mais aí também ... mas isso também já influencia
 você conhece **a pessoa** e depois vê que ela é falsa

(07) (Of 01 / 409-412: p. 132)

L4 botasse o rótulo em cada um ...
 botasse pra entrar aqui ... ia ficar todo mundo calado
 um olhando pra cara do outro ... conversando com outro
 pô se ela tá com **esse rótulo** ... ela deve ser isso aí mesmo

No exemplo (06), o locutor L4 retoma por meio da expressão definida “a pessoa” o referente ativado na fala de L7 “*peessoas*” e no exemplo (07), a escolha da forma definida “*esse rótulo*” reativada por L4 traz ao interlocutor suposições mais determinadas sobre as opiniões e atitudes dos demais locutores, propiciando um melhor desenvolvimento no sentido do texto.

No exemplo (08), pode-se observar uma outra estratégia de referenciação, identificada como nominalização, constituída por meio de conjuntos de informações que são expressas no texto precedente. Essa estratégia transformou as seqüências expressas por L3 e L5, através da variação do emprego do verbo “*julgar*”, na forma nominal “*juógamento*”, utilizado por L4. Menezes (2005) afirma que, embora a nominalização, às vezes, apareça de forma mais neutra e sintética, essa estratégia contribui para a recategorização do referente, pois no exemplo acima, L4 utiliza o nome “*juógamento*” para ratificar as construções de L3 e L5 que, no enunciado, aparecem de forma não conclusiva “*pode julgar*” e “*tem vezes... a gente julga*” e, com o uso da nominalização, há a precisão do enunciado que propicia a manutenção do tópico.

(08) (Of. 1/ 464-469: p. 134)

- | | |
|----|--|
| L3 | às vezes ... a aparência... a pessoa pode ser bonita tal
mas você pode juógar o que ela tem por dentro |
| L5 | tem vezes que a gente tá certo ... que a gente juoga e tá certo |
| | [|
| L4 | é tem vezes que o juógamento é bem feito |

Em outras situações, também, pode ocorrer a nominalização com o uso do encapsulamento ou sumarização, que consiste na sintetização das informações contidas em passagens anteriores do discurso. Observe os exemplos abaixo:

(09) (Of. 3/067-069: p. 143)

- | | |
|-----|---|
| L12 | porque os olhos/porque a gente já olhando para o olhar da pessoa
a gente já vê se ela tá mentindo...se tá sendo realista
acho que pelos olhos ... a gente já consegue descobrir isso |
|-----|---|

(10) (Of. 3/096-099: p. 144)

- | | |
|----|--|
| L5 | eu não entendi muito bem ... uma pessoa que amou muito |
|----|--|

amou né? e depois foi desprezada e **esse sentimento** ficou guardado
 mas ela esqueceu a pessoa
 mas será que ela nunca vai lembrar assim ... que ela vai amar...

L12 utilizou o pronome “isso” e L5 a expressão nominal definida “*esse sentimento*” para encapsular as informações expressas anteriormente. É como se os locutores resumissem e retomassem as suas idéias em pronomes *ou* expressões nominais definidas, que recategorizam de forma sintética o seu enunciado. No exemplo (11), o locutor L6 resume por meio do emprego do pronome demonstrativo “*isso*” toda a seqüência do locutor L5.

(11) (Of. 01 / 260-263: p. 128)

- L5 quando alguém ... por exemplo ... me encomenda alguma coisa
 vamos supor ... você vai ter que fazer para dia tal tal tal
 desse jeito ... eu :: tanto eu quanto ela
 nós seguimos a responsabilidade de entregar nesse dia que a pessoa pediu
 e nem preguiça mesmo ... tem que dá ...
- L6 **isso** é porque a gente trabalha com artesanato
 encomenda a gente tem que ...

Em outros casos, o demonstrativo, também, pode aparecer como um elemento catafórico, exemplo (12), pois ele dá progressividade ao texto oral ao desencadear a construção de um referente, que está à sua frente, no discurso.

(12) (Of. 1/104-109: p. 123)

- L8 professora... **isso** é uma coisa que eu vejo
 que todo mundo vê que eu não sou
 pode ser a mísera coisa que eu to tendo cuidado
 todo carinho possível do mundo
 balançar a cabeça para mim tava dizendo que eu sou...
 uma pessoa errada ... **irresponsável**

L8 constrói a sua seqüência por meio do demonstrativo “*isso*” e apresenta o referente *irresponsável*” bem ao final de seu discurso. Observa-se em (12) que o uso do demonstrativo pode contribuir de maneira não só como anáfora (retroação) como também como catáfora (prospectiva) para a referenciação.

Com a presença do demonstrativo “*isso*”, no exemplo (13), o documentador, também, refere, *a posteriori*, à expressão “*essa história*”, explicando melhor o que o pronome significa no texto.

(13) (Of. 4 / 216-218: p. 152)

Doc.: a pessoa evitar amizade com outra?
fala aqui um pouquinho ...
então fala um pouquinho sobre **isso** ... essa história pra gente

Muitas vezes a progressão referencial no texto falado acontece por meio de formas indefinidas ou por meio de termos genéricos. Observe o exemplo abaixo:

(14) (Of. 4 / 207: p. 152)

Doc.: aconteceu isso com alguém? Já viu **algum coleguinha** assim ...

A forma indefinida “*algum coleguinha*”, em (14) refere-se ao termo também indefinido “*alguém*”, pois o documentador faz uma recategorização do pronome a torná-lo mais próximo e conhecido do interlocutor. Já no exemplo abaixo, observe que o falante L9 usa uma forma indefinida “*uma pessoa*” para introduzir um novo referente que vai ser retomado depois de maneira mais específica com o emprego do pronome “*ele*”. A mesma forma indefinida, também, pode aparecer retomando um referente anteriormente expresso para recategorizá-lo, indefinindo-o.

(15) (Of. 1 / 283-285: p. 128)

L9 teve uma vez também que **uma pessoa** tava no meio do jogo
daí o técnico teve que entrar dentro da quadra
pra mostrar onde ele tinha que ficar de tão desligado que ele tava

Observe o exemplo (16):

(16) (Of. 1 / 474-477: p. 134)

L4 você conhece **a pessoa** e depois você vê que ela é falsa
 você já fica com aquele pensamento ...
 pô se ela que eu conheço é minha amiga é falsa
 uma pessoa que eu não conheço ... não vai ser?

No exemplo (16), L4 emprega a forma indefinida “*uma pessoa*” para reconstruir o sentido do referente “*a pessoa*”, mais específico, pois assim o locutor faz uma diferenciação entre a definitude das duas formas apresentadas.

Existem ainda casos em que a referenciação pode ocorrer, especificamente, através de nomes genéricos como “*indivíduos*”, “*pessoas*”, “*coisas*” e outros. O uso dessas formas é muito comum na modalidade oral como se pode observar nos exemplos abaixo:

(17) (Of. 4/ 221-222: p. 152)

L23 a gente tava brincando com ele ... mas assim...
 (inint.) o **cara** começou a chorar

O termo “*cara*” no exemplo (17) faz remissão ao pronome “*ele*”. Nesse caso ocorre uma recategorização do antecedente, mas de forma a não dar informações precisas sobre quem é a pessoa. O locutor faz referência de forma bem genérica.

No exemplo analisado em (05), L14 constrói, também, uma referência genérica quando usa “*coisas*” em lugar do termo “*fofoca*”.

(18) (Of. 3/110-112: p. 144)

L12 eu acho que muitas mulheres falam assim ... que é bonita por fora
 mas por dentro pode ser a maioria do corpo delas
 deve ser... por exemplo... podre ... assim ruim ... **essas coisas**

No exemplo (18), aparece, novamente, o termo “*coisas*” para generalizar todas as informações apresentadas anteriormente no discurso de L12. Os exemplos (05) e (18) podem ser utilizados para reforçar o uso do pronome demonstrativo que especificam os referentes no processo de referenciação.

Uma construção fórica pode não ter referência anterior explícita, e, portanto, pode não haver forma referencial disponível para retomada. O interlocutor, entretanto, será capaz de identificar o objeto-de-discurso referido, se a formulação do texto tiver garantido os dados pertinentes ao conhecimento que o locutor tenha como pertencentes à informação pragmática de seu interlocutor. Essa ocorrência se justifica porque nos textos orais, em que estão fortemente presentes as determinações situacionais, são tão usuais e bem sucedidas as remissões anafóricas indiretas sem que haja referente textual anteriormente expresso.

No exemplo a seguir, há um caso de anáfora indireta. Sua interpretação exige do ouvinte operações de ordem cognitiva (*frame*), pois o falante L4 ativa o termo “bolsa” no texto, mas é possível recuperar a sua âncora no texto precedente, pois os termos “*CIEP*” e “*Cenecista*” constituem nomes de escolas e isso nos permite inferir que a palavra que constitui a anáfora indireta só pode ser uma “*bolsa de estudos*”.

(19) (Of. 04 / 432-433: p. 159)

L14 tem muito moleque que estudou no CIEP e que está estudando
no Cenecista e é **bolsa** ele gosta de tirar onda

(20) (Of. 1/ 016-020: p. 120)

Doc.: agora fala sobre o que estava na sua testa

L3 mentiroso

Doc.: que palavra está escrita?
o que você achou?

L3 mentiroso... eu não sou assim... não ...
mas eu acho que **eles** agiram certo de tá tampando os ouvidos...

Já no exemplo (20), ocorre a presença da palavra genérica “*eles*” ativada no momento em que L3 responde a pergunta feita pelo documentador, mas na realidade esse pronome pessoal “*eles*” não faz referência explícita a nenhum termo expresso anteriormente no contexto, porém é possível recuperar o seu significado através do contexto, pois se tratando de uma dinâmica de grupo, como foi esclarecida na constituição do *corpus*, “*eles*” se refere aos demais alunos que compõem o grupo.

Assim, as anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação que se pode denominar de âncora e que é decisivo para a interpretação. Podem funcionar como âncoras representações lingüísticas de complexidade sintática, semântica e conceitual extremamente variável. A interpretação das anáforas indiretas baseia-se, como foi apresentado na (p. 41), em conhecimentos semântico e conceitual ou por meio da inferência.

Uma anáfora indireta de tipo semântico é sempre baseada no léxico. No exemplo abaixo, L8 utiliza o pronome “*muitos*” para se referir a “*várias pessoas*” cujo valor de referenciação é aproximado. Não existe um antecedente expreso, mas é possível estabelecer a co-significação⁹.

(21) (Of. 1/ 206-207: p. 126)

L8 sendo que ::: **muitos** não fazem ...
 não passaram por este rótulo

No exemplo (22), observa-se, perfeitamente, uma anáfora indireta, apresentada na (p. 41) baseada no conhecimento de mundo, pois “*negócio do lápis*” remete ao esquema de bater com uma parte do lápis na carteira escolar. Toda pessoa que já passou por uma escola tem ativado em sua memória esse *frame*. Há nesse exemplo uma relação meronímica¹⁰ (parte/todo) entre “*negócio*” (parte) e “*lápis*” (todo).

(22) (Of. 1/ 184-187: p. 126)

L6 hoje... lá na sala... a professora de Matemática ...
 ele tá batendo com **o negócio do lápis**
 a professora de Matemática ...
 você tá prestando atenção na aula?

⁹ Segundo APOTHÉLOZ (2003, p. 62) a co-significação consiste em dizer que um termo, ainda que designando um outro termo, não pode ser correferencial com a mesma expressão e sim apresenta um significado parecido.

¹⁰MARCUSCHI, 2005. O autor classifica este tipo de anáfora como “anáfora indireta em relação semântica inscrita nos sintagmas nominais definidos”.

O exemplo (23) é típico de uma anáfora indireta do tipo inferencial, pois é baseada na dedução de que o pronome demonstrativo “o” refere-se ao papel, ou melhor, remete ao rótulo que pertence ao falante L6.

(23) (Of. 1/ 063-065: p. 122)

Doc.: o que tá escrito em cima **dele**?
L6 fazer mímica com a boca
como se eu tivesse falando

Essas anáforas indiretas produzem coerência textual uma vez que preenchem os espaços referenciais nos casos das especificações semântica, conceitual e inferencial, isto é, os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na atividade de textualização.

A seleção dos nomes referenciais, por meio dessas estratégias de referenciação apresentadas, é necessária para a (re) construção de objetos-de-discurso na progressão textual.

4.2- Estratégias de formulação e reformulação textuais

As estratégias apresentadas nessa análise serão divididas em estratégias de reformulação e formulação textuais representada pela paráfrase, pela correção, pela repetição e pela hesitação.

Para maior entendimento dos exemplos, cabe, aqui, esclarecer algumas siglas que farão parte da exemplificação dos dados apresentados na (p.43-52). Leiam-se (M) *matriz*, (P) *paráfrase*, (C) *correção*, (R) *repetição* e (H) *hesitação*.

4.2.1- Paráfrase

Ao se objetivar que a função maior da paráfrase é assegurar a intercompreensão conversacional entre seus participantes, é propício acreditar na hipótese de que o parafraseamento se desenvolva, determinadamente, no predicado, seguindo o seguinte raciocínio:

- a) normalmente, o tema se concentra no sujeito e o rema, no predicado;
- b) o tema contém o dado conhecido e cabe ao rema a informação nova;
- c) é na formulação da informação nova que o enunciador concentra o maior empenho em elaborar uma proposta de compreensão ao enunciatário.

Essa hipótese é notória, quando se relaciona o parafraseamento com a progressividade textual, já que esta ocorre por meio do desdobramento remático do conteúdo informacional. Hilgert (2002, p. 115) estabelece que a estratégia da tematização desempenha papel de relevo na construção da coerência, tanto no nível local, quanto no nível global do texto.

(24) (Of. 1/ 148-149: p. 124)

L4: *eu me senti abandonado* (M)
 eu me senti deixado para trás (P)

(25) (Of. 1/ 486 e 493: p. 134)

L8: *tá certo que as pessoas não descobrem isso na gente* (M)
 elas **não sabem quando a gente tá assim** (P)

Na observação dos exemplos acima, a paráfrase está com a matriz numa relação paradigmática, ou seja, pode ocupar o mesmo lugar sintático da matriz no contexto em que se encontra. Os locutores usam autoparáfrases adjacentes para explicitar o significado exposto na matriz, pois empregam o rema na mesma função sintático-semântica, o que proporciona a introdução de dados novos e, conseqüentemente, o processamento textual.

Na passagem da matriz para a paráfrase, ocorrem dois tipos de movimentos semânticos.

- a) a generalização: acontece quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase vai do específico para o geral.

(26) (Of. 1/ 376-378: p. 131)

- L6: *ela era mais solta... falava o que vinha na cabeça* (M)
não era aquela pessoa fechada que tava lá no canto
 L5: **ela era bem animada** (P)

No exemplo (26) a abrangência semântica da matriz é menor do que a da paráfrase. L6 expõe na matriz as características pertencentes a uma determinada pessoa e L5, logo em seguida, retoma por meio de uma heteroparáfrase adjacente por meio do termo “*animada*” o que L6 havia falado.

- b) a especificação: acontece quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase vai do geral para o específico.

(27) (Of. 1/ 130/134: p.124)

- L 10: *como se eu fosse uma pessoa muito agressiva* (M)
se todos chegassem perto de mim... saía batendo... (P)
falando coisas que eles não gostassem
 aí ::: eles procurariam ficar longe de mim ... entendeu?

Nesse exemplo, ao contrário, percebe-se que a abrangência da matriz é maior do que a paráfrase, pois L10 empregou a palavra “*agressiva*” para exemplificar a autoparáfrase adjacente o que seria, na verdade, o comportamento de uma pessoa com o perfil referido na matriz, através do acréscimo de referentes diferenciados na progressão do texto.

A paráfrase é uma estratégia de reformulação pela qual se retoma “bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte, num texto-derivado” (FUCHS, 1983, apud FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2003, p. 59). A aplicação dessa estratégia, muitas vezes, é responsável pelo grande número de inserções que têm sido apontadas como características da modalidade oral.

Observe o exemplo (28):

(28) (Of. 1/ 184-187: p. 126)

L6: hoje ... lá na sala ... a professora de Matemática ...
ele tá batendo com o negócio do lápis (M)
 a professora de Matemática...
você tá prestando atenção na aula? (P)

A inserção, em (28), consiste numa interrupção do fluxo formulativo da seqüência, atribuído ao fato de L6 não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva. Se considerar que na “língua falada, um texto consiste, ao menos em parte, na própria produção do texto (...)” (RATH, 1985, apud. HILGERT, 1993, p. 144) então pode-se admitir que as atividades de reformulação são desencadeadas por problemas de compreensão decorrentes de problemas de formulação, entretanto, sanadas ao longo do processamento textual.

(29) (Of. 1/ 034-041: p. 121)

L5: preguiçoso... DOna, *eu não sou preguiçosa (M)*

((risadas))

L1: você faz o que em casa?

L5: *tudo*

Doc.: o que você gostou ... não gostou?

Todos. Na:::da

L5: ***eu ajudo...
 ah mais ou menos (P)***

(30) (Of. 1/ 050-055: p. 121)

L5: não ... *fingir que tá trabalhando. (M)*
 vamos supor se for a patroa deles ...
 vamos supor que eu sou a patroa deles
 vamos supor ... todo mundo ia fingir que tá trabalhando
limpando uma sujeirinha ali ... jogando para o canto (P)
 não gostei

(31) (Of. 1/ 387-393: p. 131)

L6: às vezes ... até quando você conhece a pessoa ...você fala dela
 o L4 ... por exemplo... às vezes... a gente tá lá na frente
 e o L4 falou alguma coisa lá trás
 a gente fala ... *o L4 é metido... fica se intimando a saber das coisas* (M)
quê não sei o quê ... não sei que lá.
ou quando ele manda fazer alguma coisa
garoto mandão ...que não sei o quê... não sei que lá ...é sempre assim... (P)

No exemplo (29), L5 mantém-se indecisa em sua seqüência discursiva, já que após responder a pergunta ao documentador, mostrou-se insegura em sustentar a resposta quando contestada. Ela tenta reformular o pensamento, empregando uma autoparáfrase não-adjacente, de forma a não se comprometer tanto na tentativa de confirmar e concluir o enunciado.

Já no exemplo (30), o mesmo locutor tenta explicar, através da autoparáfrase não-adjacente, o seu pensamento sobre o que é “ *fingir estar trabalhando*”. Embora a construção da fala seja repetitiva e parafrástica, não há um comprometimento no desenvolvimento do tópico.

Ocorre no exemplo (31) que o locutor tenta dar progressão ao seu texto e emprega uma autoparáfrase resumitiva (generalista), utilizando o termo “*mandão*”.

Na paráfrase, como já foi observado nos exemplos acima, não se comprova o conceito de sinonímia perfeito. A sinonímia lexical depende do contexto em que as palavras estão inseridas. Observe:

(32) (Of. 1/ 449: p. 133)

L7: mas aquele juiz **tava roubando... é lalau...**

Mesmo L7 utilizando uma variante lingüística, ainda não registrada na linguagem culta, nota-se que o vocábulo “*lalau*” refere-se, no esquema mental dos falantes, às características que compõem a pessoa que rouba. Esse tipo de paráfrase (32) pode ser chamada, também, de paráfrase paralela. O termo “*lalau*” vem reforçar a locução verbal “*tava roubando*”, pois traz um novo conceito dentro do contexto, mas com o mesmo valor lingüístico.

As estratégias de reformulação podem ser retóricas ou saneadoras. A reformulação retórica realiza-se através de paráfrases, cuja função inicial é a de reforçar a argumentação como no exemplo (31) com o uso do termo “*mandão*”. Já a reformulação saneadora pode ocorrer com a função de solucionar, logo, após a verbalização de um segmento, dificuldades detectadas pelo próprio falante ou pelos seus interlocutores como no exemplo (30), através do enunciado “*limpando uma sujeirinha ali ... jogando para o canto*”.

4.2.2- Correção

As correções apresentam a função geral de carácter interacional, no que se refere à busca de cooperação, intercompreensão e ao estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores.

A relação de interação resultante das atividades de correção inclui dois aspectos das relações intersubjetivas:

a) o do contrato ou da cooperação;

(33) (Of. 3 / 066-069: p. 143)

L13 porque o olhos prestam mais atenção (M)

L12 porque os olhos / **porque a gente já olhando para o olhar da pessoa (C)**
a gente já vê se ela tá mentindo ... se tá sendo realista
 acho que pelos olhos ... a gente já consegue descobrir isso

b) do contraste ou do desacordo.

(34) (Of. 3 / 029-033: p. 142)

L5 decote (M)

[

L12 não ... ah ::: decote todas aqui têm a de vermelho também

[

L8 **não é um decote não ... (C)**
a blusa branca que tá por baixo

As regras de conversação estabelecem que deve haver pelo menos uma troca de turno, mas no exemplo (35) L5 falou o tempo todo e não cedeu o turno a L6 que estava na tentativa de expor suas idéias e com isso foi necessária a intervenção de L6 para reparar o diálogo.

(35) (Of. 1/ 249-271: p. 127/128)

L6 **todas as coisas que têm aqui já falaram (M)**
((espontâneo))

L5 pra mim também
lá em casa::: mamãe vive falando que eu finjo que tô trabalhando
que eu não faço nada
aí eu vou lá realmente finjo que eu tô trabalhando
(ininteligível)

L5 você finge que tá trabalhando
que não sei o que
mas assim ... quando a coisa é séria...por exemplo...
quando alguém ... por exemplo... me encomenda alguma coisa
vamos supor ... você vai ter que fazer isso para dia tal tal tal

L6 **isso é porque a gente trabalha com artesanato... (C)**
encomenda ::: a gente tem que...

L5 aí::: nesse caso a responsabilidade
se eu sou irresponsável assim com as minhas coisas
dentro de casa ... eu sou um pouco irresponsável
mas quando alguém me pede alguma coisa
que eu tenho o direito ... o dever de fazer aquilo...
eu sou responsável... nem por isso...

Na correção propriamente dita, a relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador é de contraste semântico, uma vez que este anula, total ou parcialmente, a verdade daquele. Nos exemplos abaixo, L7, L10 e L8 retificam a fala com a troca das formas verbais, reformulando com o auxílio da autocorreção o seu enunciado.

(36) (Of. 1/ 080-082: p. 122)

Doc.: dedo duro por quê?

L7 eu não sou dedo duro
porque se me **pedem** ... se me **contam** alguma coisa

(37) (Of. 1/ 129-131: p. 124)

Doc.: correr se afastar

L10 como se eu fosse uma pessoa muito agressiva ...se **tivesse**
se todos **chegassem** perto de mim ... saia batendo ...

(38) (Of. 1/ 206-207: p. 126)

L8: sendo que ::: muitos não **fazem** ...
não **passaram** por este rótulo.

Em outras situações, a pausa (42), o prolongamento de vogais (39) e a interrupção lexical (39), (40) e (41) assumem papel na produção do falante, pois marcam suas dúvidas ou dificuldades em relação ao prosseguimento do discurso e, mais que isso, asseguram-lhe o tempo necessário à reformulação do enunciado para que não haja o assalto de turno.

(39) (Of. 1/ 199-202: p. 126)

Doc.: minha segunda pergunta:::
pode até ir falando assim:::
o que que aconteceu aqui ... gente:::?
nós **ga/vocês** ganharam o quê? (C)

(40) (Of. 3/ 005-006: p. 141)

L12 acho que
ela tirou **essa/esse** pensamento das pessoas que ela vê mais exibida

(41) (Of. 3/ 075: p. 143)

L8 que **na na/no caso/na parte** dos seios das mulheres não tem uma cor

(42) (Of. 3 / 022-023: p. 141)

L8 eu achei elas muito atrevidas (M)

L13 não algumas são **mais assanhadas ...** e outras são mais quietinhas (C)

Ainda no exemplo (42), verifica-se que, ao corrigir L8, o falante L13 encontra uma possibilidade de participar da conversação, cooperando para o desenvolvimento do texto, já que a correção apresenta um caráter de retomada, mostrando não só o envolvimento entre os interlocutores, como também atenção e interesse pela fala do outro, mesmo que haja discordância, exemplificado, também, em (34).

Em suma, empregam-se correções para se obter a cooperação entre os interlocutores, seja pelo reparo ou pela correção propriamente dita, com o objetivo de manter o estabelecimento de relações de envolvimento interacional.

4.2.3- Repetição

As repetições, na fala, apresentam características de um planejamento lingüístico “*on line*” com traços de um texto relativamente não planejado.

Os segmentos são repetidos, às vezes, integralmente (identidade de forma) ou com variação (um verbo se nominaliza ou uma forma singular vai para o plural). Observa-se que a repetição integral é mais rara do que a repetição com variação, pois esta aumenta se

considerar o aspecto prosódico, porque torna-se mais difícil, por exemplo, manter a entoação constante em todos os segmentos de repetição.

(43) (Of. 1/ 050-053: p. 121)

L5 não ... fingir que tá trabalhando
vamos supor se for **a patroa deles** (M)
vamos supor que eu sou **a patroa deles** (R)
vamos supor... (R)

(44) (Of. 1/ 290-291: p. 128)

L5 teve uma vez que a gente chegou **na casa do L9** (M)
tava eu e a L6 **na casa do L9** ... foi eu e a L6 **na casa do L9...** (R)

Nos exemplos acima, a fala de L5 apresenta as repetições com segmentos discursivos integrais. Em (43), mesmo havendo identidade de forma, o locutor apresenta uma recategorização no sentido das expressões “*vamos supor*” e “*a patroa deles*” com a alteração da construção verbal “*se for*” para a expressão “*que eu sou*” mais determinada. Em (44), o falante insere o nome próprio “L6” e também muda a forma verbal “*chegou*” para “*tava eu e a L6*” e “*foi eu e a L6*”. Os exemplos (43) e (44) afirmam a necessidade do locutor explicitar e reafirmar melhor o discurso.

(45) (Of. 1/ 169-174: p. 125)

L11 pensei que eu era um crocodilo... dona

Doc.: L9?

L8: tadinho ...

L5 **mais ou menos** (M)

L1 **é mais ou menos?** (R)

L6 mais pra **mais ou** mais pra **menos?** (R)

No exemplo (45), observa-se a progressividade do texto, por meio do uso da repetição, pois a continuidade é formada pela seqüência de segmentos apresentada por cinco interlocutores que participam da interação, dando entoações diferentes aos seus enunciados, o que propicia a recategorização das repetições.

(46) (Of. 1/ 225-233: p. 127)

L1 ((espontâneo))
quando mamãe e papai fala ... **fica quieto** (M)

Doc.: bom, você vivencia isso demais ...

L1 ah:::quando eu começo ... eu não paro assim ...
mas é faladora ... assim no sentido
tá assim ... conversando com uma pessoa
e ficar falando ... contando ...
contando ... contando assim ... entendeu?
mas se falar assim oh::: **fica quieto** ... você está atrapaLHANdo (R)

(47) (Of. 1/ 115-120: p. 121)

Doc.: gostou do rótulo?

L8 gostei
só **não gostei de balançar a cabeça** (M)
mas tá certo ::: irresponsável
balançar a cabeça pra mim... se eu fosse ... (R)
como eu não sou... eu **não gostei** (R)

No exemplo (46), L1 emprega uma auto-repetição distanciada com o objetivo de segmentar o seu discurso, repetindo a expressão “*fica quieto*” para garantir a compreensão textual, pois com a retomada dessa construção, L1 reforça a informação e a entoação expressas pela matriz. Já o falante L8, em (47), emprega, também, uma auto-repetição, só que nesse caso, adjacente, por meio dos segmentos “*balançar a cabeça*” e “*não gostei*” para reforçar a matriz “*só não gostei de balançar a cabeça*” com a intenção de ganhar tempo para o planejamento e garantir a confirmação de sua resposta em relação à pergunta feita pelo documentador.

(48) (Of. 1/ 141-142: p. 124)

L4 meu rótulo... **mandão** (M)

Todos **mandão**::: (R)

(49) (Of. 1/ 027-030: p. 121)

Doc.: você gostou do procedimento do grupo? **perante**... (M)

L4 **perante** a mentira ou perante... (R)

Doc.: **perante** a sua pessoa quando você::
você gostou do que fizeram com você?

Nos exemplos acima, os falantes apresentam heterorrepetições adjacentes, objetivando ratificar o que foi dito pelo falante L4, em (48), ou para esclarecer uma dúvida na pergunta feita pelo documentador, em (49), propiciando, assim, a progressão do tópico em questão.

Marcuschi (2002, p. 106) postula que “há uma grande diferença entre repetir elementos lingüísticos e repetir o mesmo conteúdo. Portanto, repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa”.

Observe, também, a posição de Oliveira:

Se a conversação é uma modalidade discursiva em contínua elaboração, se cada expressão, então, aponta para um conteúdo específico, só se pode falar em repetição no sentido estritamente formal. Ela é uma estratégia utilizada na interação para a expansão de novos e crescentes significados; a retomada se dá no plano formal e não no do significado. Repetir não é dizer o mesmo. (OLIVEIRA, 1998, p. 41)

Marcuschi e Oliveira mostram a repetição como uma estratégia de introdução de dados novos, mesmo que no co-texto haja uma semelhança de referentes, pois o ato comunicativo apresentará uma progressão referencial de significado diferenciado.

(50) (Of. 1/ 345-347: p. 130)

L5 a gente até **acaba assim** por merecer (M)

acaba assim por ser ofendida por merecer (R)

e **acaba** sem saber que tava fazendo... sem saber que tava fazendo (R)

L5, mesmo quando retoma o termo “*acaba assim*”, introduz dados novos ao seu discurso. Com o acréscimo das expressões “*por ser ofendida*” e “*sem saber o que tava fazendo*” o interlocutor acaba por favorecer a inserção de outros remas.

A repetição é uma estratégia de grande ocorrência nas atividades de reformulação textual e contribui para a formação de cadeias discursivas, tais como:

a) dar ênfase ao enunciado;

(51) (Of. 1/ 099: p. 123)

L2 **não muito** ... não gostei **muito... não::** (R)

(52) (Of. 1/ 058-062: p. 121/122)

L5 **calada... caladão** (M)

L6 uma coisa que eu não sou nem um pouquinho...
no entanto eu gostei
porque é como se tivesse mandando eu falar
porque eu sou **calada** ... só que ... no caso eu não sou calada (R)

Os exemplos, (51) auto-repetição adjacente e (52) heterorrepetição distanciada, mostram enunciados em que os locutores e interlocutores precisam dar ênfase à matriz, pois desejam reforçar que a mensagem veiculada pelo rótulo e a ação feita pelos alunos são realmente coerentes.

b) dar continuidade;

(53) (Of. 1/ 230-232: p. 127)

L1 tá assim conversando com uma pessoa
e ficar falando **contando** (M)
contando contando assim... entendeu? (R)

No exemplo (53), com a repetição de um termo no gerúndio “*contando*”, o falante L1 além de sugerir uma ação continuada, reforça o grau de intensidade que existe na matriz.

c) estabelecer um elo coesivo;

(54) (Of. 4/ 085-093: p. 148)

L25 também me senti estranho
porque eles começaram a balançar a cabeça
e esse papel aqui **não tem nada a ver** (M)
é **não tem nada a ver** comigo... não (R)
sou responsável... não **pelos algumas coisas...** (M)
sou **pelos algumas coisas** responsável... sim::: (R)

Já em (54), L25 acrescenta a forma verbal “*é*”, com o emprego do verbo de ligação, para montar uma rede de coesão entre o que foi dito anteriormente na matriz “*e esse papel aqui*” e a repetição “*é não tem nada a ver*”. Na passagem seguinte, ele repete “*pelos algumas coisas*” para desenvolver o seu discurso, cuja recategorização da matriz demonstra em que situação o falante é responsável no co(n)texto - “*pelos algumas coisas responsável ... sim:::*”.

d) caracterizar a constituição de um tópico.

(55) (Of. 1/ 110-114: p. 123)

L8 por que seria? porque eu acho que nada hoje em dia ...
 a gente pode deixar de lado ... e não ter o cuidado com **as coisas** (M)
 a gente tem que ser responsável por **uma mísera coisa** que for (R)
 nem que seja por um chiclete
 se não for meu...eu tenho que ter responsabilidade com ele

(56) (Of. 1/ 266-271: p. 128)

L5 aí::: nesse caso a responsabilidade
 se eu sou irresponsável assim... com as minhas coisas (M)
 dentro de casa... **eu sou um pouco irresponsável** (R)
 mas quando alguém me pede alguma coisa
 que eu tenho o direito e o dever de fazer aquilo
 eu sou responsável... e nem por isso (R)

Em (55) e (56), os locutores tentam manter o tópico, empregando enunciados semelhantes para dar progressividade ao subtópico discutido dentro da fluência discursiva, cuja intenção é a busca de uma recategorização dos referentes “*coisas*” e “*irresponsável*”.

A repetição contribui para a organização e a monitoração da coerência textual, favorece a coesão e o gerenciamento de seqüências mais compreensíveis bem como auxilia nas atividades interativas.

Para uma melhor análise sobre repetição, dois esclarecimentos são necessários:

1- o termo idêntico refere-se a uma repetição em que o segmento repetido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada, seria a repetição exata como nos exemplos (46) “*fica quieto*” e (53) “*vamos supor*” e “*a patroa deles*” ;

2- o termo semelhante aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical, na estrutura ou parte dela. Observa-se isso no exemplo (44) em que L5 modifica fazendo uma recategorização do enunciado “*na casa do L9*”, como também nos exemplos dos enunciados (55) “*uma coisa*” e (56) “*eu sou um pouco irresponsável*”.

As repetições atuam tanto na composição do texto por meio de sua materialidade e seqüenciação das cadeias lingüísticas quanto nos aspectos interacionais, cognitivos e

pragmáticos, pois na textualização, a repetição reforça a coesividade, na discursivização, colabora para a compreensão, a continuidade tópica, a argumentatividade e a interatividade. A repetição constitui uma estratégia que objetiva o processamento textual-interativo tanto no processamento informativo como na preservação da funcionalidade comunicativa.

4.2.4- Hesitação

A hesitação é parte da competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral e não uma disfunção do falante.

Koch e Österreicher (1960, apud MARCUSCHI, 1999, p. 163) sugerem que a hesitação é um mecanismo presente em todas as línguas, pois permite introduzir no próprio discurso o processo de formulação “prospectiva”, assim, ela não passa despercebida pelos falantes.

(57) (Of. 1/ 312-315: p. 129)

L1 posso fazer uma pergunta? o que você tá::: pensando?

((risadas))

Doc.: a próxima **per/ vocês** vão pensar na próxima pergunta pra responder

L6 na bola de basquete (ininteligível) Michel Jordan

Nesse exemplo, o documentador detecta um problema em sua fala e com isso mostra-se indeciso na construção sintática e tenta solucionar esse problema antes do término do turno.

Blanche-Benveniste (1990, apud MARCUSCHI, 1999, p. 160) postula que a repetição hesitativa, por exemplo, é um fato fundamental na modalidade oral e diz respeito à “construção da denominação”. Isso nos leva a concordar com a afirmativa de que “os referentes dos quais o discurso fala não são dados adiantadamente, mas construídos por aproximação sucessivas no discurso” (MARCUSCHI, 1999, p. 160-161).

Em alguns contextos, percebe-se que a posição da *pausa* é relevante para determinar se a sua ocorrência deve-se a uma atividade de planejamento sintático ou de busca de um item lexical. Isso ocorre no exemplo (58).

(58) (Of. 1/ 342-345: p. 130)

L5 depois que eu vi a pessoa não era aquilo sabe?

L6 ano passado

L5 a gente até acaba assim ::: (H)
a gente até acaba assim por merecer

Já o *alongamento de vogal* constitui uma hesitação quase sempre no final de palavra monossilábica ou em sílabas finais átonas. Observe o exemplo abaixo:

(59) (Of. 1/ 115-120: p. 123)

Doc.: gostou do rótulo?

L8 gostei
só não gostei de balançar a cabeça
Mas::: tá certo ... irresponsável (H)
balançar a cabeça pra mim se eu fosse
como não sou ... eu não gostei

L5 e L8 apresentam uma certa dificuldade no processamento lingüístico, mas utilizaram as pausas (...) e o alongamento de vogal (:::) para conseguir retomar e concluir o pensamento.

(60) (Of. 1/ 138-141: p. 124)

Doc.: L4

L4 professora ... **oh** ... **oh** ::: (H)

Doc.: qual é palavra?

L4 meu rótulo ... mandão

(61) (Of. 1/ 003-005: p. 120)

Doc.: você gostou do que eles fizeram?

L1 **ah** ... que com você ... **oh** que esse falador ... (H)
todo mundo fala que eu sou muito faladora

(62) (Of. 3/030-032: p. 142)

L12 não **ah** decote todas aqui tem a de vermelho (H)

L8 [não é um decote não

(63) (Of. 4/ 042-044: p. 147)

Doc.: o que pode alimentar o ser humano?

L18 **ah** alimentar é... comida ... é os estudos ... (H)
é ser alguém na vida

As expressões hesitativas dos exemplos (60), (61), (62) e (63) apresentam sons que não constituem palavras lexicalizadas. Estão, apenas, preenchendo pausas nas falas dos locutores na intenção de formular o pensamento e não perder o turno.

Observe os exemplos abaixo:

(64) (Of. 1/ 007-008: p 120)

L1 **bom ... assim** ::: mas o sinal de silêncio ... (H)
era pra mim ficar quieto e calar a boca

(65) (Of. 1/ 143-145: p. 124)

L4 o rótulo ... eu posso até concordar ... **assim...**
em parte...**assim**::: eu sou uma pessoa... (H)
só que virar as costas é meio radical ... professora

(66) (Of. 1/ 228: p. 127)

L1 **ah:::**, quando eu começo ... **entendeu?** (H)

(67) (Of. 1/ 323-342: p. 130)

L4 a pensar alguma coisa

[

Doc.: a pensar alguma coisa do outro que não seja
o que que vocês acham disso?

L4 às vezes **eu acho:::** (H)

L6 na sala de aula já aconteceu mu/muito isso

L9 eu me lembro disso

L4 eu também

L5 depois eu vi que a pessoa não era aquilo... **sabe?**

A importância dos marcadores conversacionais “assim”, “*eu acho*”, “sabe” e “entendeu”, nesses exemplos, consiste em fazer a manutenção do tópico em curso, porque não propiciam, também, que o interlocutor assalte o turno no momento de hesitação. Com essas estratégias os locutores conseguem concluir o raciocínio, pois “o falante produz hesitações para busca de foco” (CHAFE, 1985, apud MARCUSCHI, 1999, p. 182).

O papel da hesitação, dessa forma, é o de possibilitar que o falante perceba os sintomas de algum problema no processamento em curso e o de propor alternativas de formulação textual-discursiva.

4.3- Processamento referencial da oficina 04.

A oficina nº 04 (001-004) inicia com exemplos de atividades de referenciação em que os locutores buscam direcionar o texto para um encadeamento discursivo, visando a compreensão do ato comunicativo. A **repetição**, apresentada em (001), insere o tópico (alimentação do ser humano) com o objetivo de chegar ao supertópico (rótulos), tema da

oficina. Por meio dessa repetição, o documentador consegue o tempo necessário para organizar melhor o seu turno, com o objetivo de proporcionar a progressão do texto e a transferência do turno ao falante L16.

001- Doc.: boa tarde... **o que podemos/ o que pode alimentar** o ser humano?

Dando prosseguimento à seqüência, na unidade (004), o documentador retoma a pergunta para enfatizar a (M) apresentada em (001) em busca de manutenção do foco no discurso.

001- Doc.: **o que pode alimentar o ser humano?** (M)

004- **o que pode alimentar o ser humano?** (R)

005- L16 meu nome é L16

006- meu nome é L16

007- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?

008- L16 (...) saber que faz algumas coisas

009- Doc.: hum ... que mais ... é só isso que você tem a falar L16?

Em (005), L16 assume o turno em solicitação ao pedido e, mais uma vez, o documentador (007) repete a construção de (004) à procura de uma resposta. L16 tenta responder, entretanto, não consegue fazê-lo de forma clara, o que obriga o documentador na seqüência (009) a instigar o locutor a responder mais objetivamente. Na oportunidade, o documentador em (010) se dirige à turma, na tentativa de continuar o tópico e de garantir a interação. Nessa tentativa, ele usa o termo “*vocês*”, que remete à forma genérica “*gente*”, **anáfora indireta esquemática realizada por pronomes introdutores de referentes** (sítio p. 41), estratégia ancorada no co-texto, pois em se tratando de uma oficina, pressupõe que haja mais de um locutor.

010- Doc.: **GENte** o L16 respondeu ... **vocês** ouviram?

011- agora vamos fazer o que tá pedindo o rótulo **dele**

Ainda nessa seqüência, em (011) aparece a forma “*dele*” na qual retoma o referente “*L16*”, constituindo, assim, uma **anáfora direta**.

Em (013-014), o documentador dá continuidade ao tópico e passa o turno a outro locutor, com o uso do **par adjacente** (pergunta/resposta). L22 (015-016) dá segmento ao que foi solicitado e que por meio da heterorrepetição, responde a pergunta.

- 013- Doc.: tá bom ... agora a pergunta é para você ...
 014- o que pode alimentar o ser humano? (M)
 015- L22 o meu nome é L22 ... meu nome é L22 ...
 016- **alimentar o ser humano** é ... conhecimentos ... estudos ... só (R)

Entre (017-021) há uma série de perguntas e respostas, cujo objetivo é dar progressão à fala de L22 e, mais uma vez, com o recurso da **repetição**.

- 017- Doc.: só? você se alimenta só de conhecimentos e de estudos?
 018- ((risadas))
 019- L22 comida ... (R)
 020- Doc.: comida ... muito bem ... mais o que pode alimentar o ser humano?
 021- vamos fazer o que tá pedindo?

L14 (025 e 026) dá continuidade ao tópico em discussão e explora em sua resposta a estratégia de referenciação, conhecida como **nominalização**, em busca de uma síntese para sua resposta. Essa nominalização não deixa de constituir uma recategorização à seqüência (025). L14, também, apresenta em sua fala uma **correção** (027) para retificar a construção e, ao mesmo tempo, ratificar o pensamento que será apresentado em (030) com a presença da **repetição**.

- 022- ((psiu, psiu, psiu))
 023- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?
 024- L14 meu nome é L14 ... tenho 16 anos ...
 025- têm vários tipos de **alimentar** o ser humano (M)
 026- comida ... água ... também tem outros tipos de **alimentação** como se diz (M)
 027- como **posso falar** também ... como **falei** (C)
 030- estudo, alimentação ... o principal é a **alimentação** é só isso (R)

Dando continuidade, L23 constrói seu enunciado com uma **heterorrepetição** (035), isto é, repete o que foi dito pelo documentador, mas não deixa de apresentar a resposta. Ele usa uma **paráfrase generalista** (037) “*muitas outras coisas*”, formada por uma forma nominal definida (determinantes e nome) que explicita a (M) “*comida ... água*” (035), além de utilizar uma (R), em (039), pela qual recategoriza a paráfrase com a introdução da forma verbal “*tem*”. O uso dessas estratégias contribuem para que o tópico vá se construindo e reconstruindo “*on line*”.

031- Doc.: muito bem ... vamos fazer?

032- ((u,u,u, u, u))

033- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?

034- L23 primeiramente meu nome é L23 ... tenho 15 anos

035- o que pode alimentar o ser humano ... **comida ... água** ... (M)

036- pra você se alimentar o seu corpo ...

037- ah ::: **muitas outras coisas** se for não só alimentação da saúde também (P)

038- mas se for de alimentação de conhecimento ... estudo

039- tem **muitas outras coisas** (R)

040- Doc.: muito bem ... vamos fazer?

041- ((risadas))

042- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?

Na seqüência (043-044), L18 dá sua opinião e logo em seguida o documentador faz um **encapsulamento**, mostrado na unidade (045) com o emprego do demonstrativo “*isso*”, resumizando a construção de L18.

043- L18 meu nome é L18 ...

044- ah ... alimentar é ... comida ... é os estudos ... é ser alguém na vida ...

045- Doc.: só **isso** que quer falar? a tá ::: o próximo ...

L25, em seu turno (047 a 050), dá processamento à fala do documentador, pois ativa a forma nominal definida “*outros colegas*”, ancorada no pressuposto de que o determinante pronominal é apresentado por inferência aos demais alunos, já apresentados no texto, constituindo uma **anáfora indireta baseada em inferência ancorada no modelo do mundo textual** (048), (sito p. 41), seguida de uma **repetição** que ratifica o tópico em andamento.

- 047- L25 meu nome é L25 ... tenho 15 anos
 048- é como os **outros colegas** já falaram aqui né?
 049- o que pode alimentar o ser humano ... comida ... água (R)
 050- conhecimento e só ...
- 051- Doc.: muito bem ... agora cada um vai tirar o seu rótulo ... ah há vai ler ... tá?
 052- e como os outros colegas já falaram aqui né?
 053- quando cada um de nós fizemos o que tava escrito aí ...
- 054- Doc.: L18 pode falar primeiro ...
 055- o que você sentiu quando nós fizemos isso aqui?
 056- estas instruções aí?

A partir da unidade (051) o tópico discursivo (reação sentida pelos falantes diante do conhecimento de cada rótulo) modifica em função da pergunta feita pelo documentador e surgem vários subtópicos de acordo com os diversos rótulos recebidos pelos alunos.

L18, em (057), revela certa hesitação própria da condição expressa pelo rótulo recebido. Por meio do alongamento da vogal, característica da **hesitação**, o locutor demonstra certa insegurança, mas superada em (059), formalizando, assim, sua intenção comunicativa.

- 057- L18 **ah :::** estranho
 059- L18 porque **eles** estavam só mexendo com a boca

Na unidade (059), o locutor utilizou a **pronominalização** por meio do termo “*eles*” para introduzir uma **anáfora indireta esquemática realizada por pronomes introdutores de referentes** (sito p. 41), pois o pronome foi ativado no momento da resposta sem apresentar referente expresso no co-texto. É o modelo cognitivo inferencial que leva à progressão e ao entendimento do texto.

Na unidade (061), o documentador apresenta uma **catáfora**, pois o referente da forma nominal definida “*desse rótulo*” está de maneira projetiva e explicativa.

- 060- Doc.: mexendo com a boca ... e você?
 061- o que você acha **desse rótulo? caladão** ... você é caladão?

De (062 a 067), o documentador e L18 continuam desenvolvendo o tópico (reação sentida pelos falantes). Já em (068), o turno é passado para L14 que em (069) ativa um termo genérico “*caras*” que constitui uma **anáfora indireta baseada em inferência ancorada no**

modelo do mundo textual (sito p. 41) e utiliza a **auto-repetição** “*os caras me vaiaram*”(070) em busca de auto-afirmação de seu enunciado.

- 062- L18 não
- 063- Doc.: não ... você é uma pessoa que gosta de conversar muito?
- 064- L18 gosto
- 065- Doc.: quando as pessoas sa / começaram a mexer a boca
- 066- você achou estranho
- 067- não percebeu qual / não imaginava que era caladão o seu rótulo ... não?
- 068- você ... como é que se sentiu?
- 069- L14 eu me senti meio triste ... porque eu falei tão bem ... **os caras me vaiaram** (M)
- 070- **os caras me vaiaram** então eu me senti meio triste (R)
- 071- e dedo duro eu não sou ...
- 072- Doc.: não é
- 073- [
- 074- L14 não gosto de fofoca ... não gosto dessas coisas ... entendeu?
- 075- Doc.: muito bem ... você agora ... e como você se sentiu?

Até (074) a idéia é desenvolvida pelo documentador e L14. Depois o turno é transferido a L23. Já de (076 a 082) há uma continuidade na interação dos interlocutores por meio da **paráfrase generalista** (078), apresentada quando L23 sintetiza o seu pensamento com o emprego do adjetivo “*agressivo*”, possuidor de um grau semântico maior que a (M) “*estranho ... sem saber ... todo mundo se afastou de mim*”. Em (079), o documentador utiliza uma **heterorrepetição** para reforçar o subtópico (agressivo) e explicitar melhor a opinião de L23.

- 076- L23 eu me senti como eu te falei
- 077- estranho ... sem saber ... todo mundo se afastou de mim (M)
- 078- cara ... **agressivo** eu não sou (P)
- 079- Doc.: você não é **agressivo** ... que bom ... você é da paz? (R)
- 080- [
- 081- L23 graças a Deus ... não sou
- 082- Doc.: carinhoso ... amigo ... então esse rótulo não serve pra você

L25, em (087), apresenta a forma nominal “*esse papel*”, ativado no momento da interação, cujo locutor remete à palavra rótulo (084), recategorizando esse referente e introduzindo uma **anáfora direta** correferencial (087). O documentador também retoma a forma nominal com outro significado “*essa característica*”. Neste segmento também aparece uma **correção** implícita, pois L25 retifica que não possui o rótulo imposto a ele, no caso, “*irresponsável*”. Os interlocutores seguem falando até a unidade (100). Nesse processo, observa-se o emprego de repetição (088), correção (090) e hesitação (095) com o objetivo de formular e reformular o subtópico (irresponsável).

- 083- Doc.: muito BEM ... próximo...
 084- como é que você se sentiu meu filho com esse rótulo aí?
- 085- L25 também me senti estranho...
 086- porque eles começaram a balançar a cabeça
 087- e **esse papel** aqui não tem nada a ver ...
 088- é não tem nada a ver comigo ... não ::: (R)
- 089- Doc.: **essa característica?**
- 090- L25 é sou responsável (C)
- 095- L25 ah ... ah ... isso aí ... (H)
- 096- Doc.: será que por que você está aqui
 097- você acha que está aqui
 098- por que você é irresponsável ou não tem nada a ver com isso?
- 099- L25 não ... todo mundo sabe que ... eu brincava muito
- 100- Doc.: você brincava muito ... mas não vai brincar mais a partir de hoje

L16 (103) constrói seu enunciado por meio de uma **repetição** e, ao mesmo tempo, assume o rótulo “*desligado*”, porém, na unidade (104), ele apresenta uma **correção** de acordo com o rótulo recebido “*mas também sou responsável ...*” O documentador dá continuidade à interação à medida que faz uma pergunta a L16 “*que aulas você é mais desligado?*” O processamento discursivo ocorre até que, em (110), L16 ativa o termo “*ela*”, apresentado por uma **anáfora indireta baseada em esquemas cognitivos e modelos mentais** (sítio p. 41). Essa estratégia ocorre, porque o pronome pessoal não reativa algum referente prévio, mas se ancora no texto precedente, em especial nas palavras “*aulas*” e “*Ciências*”, pois nesse caso, o

conhecimento de mundo nos infere a idéia de que o termo “*ela*” só pode se referir à professora, um *frame*, armazenado na memória de longo prazo.

- 102- L16 é eu achei meio estranho né ... dona?
 103- mas ... mas é ... na verdade ... eu sou meio **desligado** em algumas aulas ... (R)
 104- mas também **sou responsável** ... eu sou ... dona (C)
- 105- Doc.: só em algumas aulas? que aulas você é mais desligado?
- 106- L16 ciências
- 107- Doc.: ciências ... por que ciências? não gosta de ciências?
- 108- L16 não dona
- 109- Doc.: por quê?
- 110- L16 é porque **ela** cismou com a minha cara

Dando seguimento a essa seqüência (110-111) há a presença de uma **nominalização**, construída pelas falas de L16 “*cismou*” e do documentador “*cisma*”, provocando uma progressão do tema com o questionamento apresentado. Além dessa nominalização, ocorre uma **anáfora direta** sem recategorização entre “*ela*” (110) e “*ela*”(111).

- 110- L16 é porque **ela cismou** com a minha cara
- 111- Doc.: foi **cisma** à toa ou teve algum motivo ... pra **ela** cismar?

L16 (112-114), em sua explicação, emprega muitos **marcadores discursivos** e **pausas**, características próprias da **hesitação** em seu enunciado e, também, apresenta uma **paráfrase especificadora** (113) na tentativa de explicar o rótulo e dar continuidade ao subtópico “*desligado*”.

- 112- L16 não ... porque ... **às vezes** ... eu ... fico **assim** brincando
 113- **assim** tipo meio **desligado** ... é tipo conversando com os colegas ... (P)
 114- é botando apelido no outro **assim** (M)

A seqüência (115-120), inserida pelo documentador, vem repetir o enunciado anterior e nela há a presença de uma **anáfora direta** (119) por meio do **uso do demonstrativo** “*isso*” que resume e recategoriza a unidade (117).

- 115- Doc.: então ... você tá lembrado qual o seu rótulo?
 116- o que que tava escrito aí? **desligado**?
 117- você acha que realmente é um pouco desligado?
 119- de repente você está aqui fazendo dependência por **isso** não é?
 120- vamos tentar se ligar oh ::: se liga ... próximo

Documentador e L22 (121-131) dão continuidade ao subtópico (falador), ainda comentando o rótulo de L22, mas de forma bem sucinta, já que o processamento ocorre por meio do **par adjacente** (pergunta/resposta). L22 se detém, apenas, em responder as perguntas feitas pelo documentador.

- 121- Doc.: pode falar
 122- L22 eu ... eu achei estranho ... porque começaram falar pra ficar quieto
 123- eu acho que eu sou **falador**
 124- Doc.: você é falador?
 125- L22 sim
 126- Doc.: e hoje você está um pouco tímido pra falar
 127- tá falando baixinho ... tá com vergonha?
 128- L22 um pouquinho
 129- Doc.: um pouquinho de vergonha ... por quê? por que você não me conhece?
 130- a primeira vez que você está aqui comigo?

Em (132-135), o documentador se dirige aos interlocutores e emprega termos genéricos como “*peessoas*” e “*gente*”, porém contextualizados no rótulo apresentado, anteriormente, “*falador*” e nos interlocutores da interação.

- 132- Doc.: pode ser ... olha eu gosto de **peessoas** que falem
 133- mas na hora certa não é **gente**?
 134- agora está na hora de falar o que pensa ...
 135- eu não vou querer que vocês fiquem falando fora de hora tá bom:::

O documentador (136-164) introduz um novo tópico (experiências vivenciadas pelos locutores). Nessa seqüência de unidades, aparecem **auto-repetição**, **anáfora indireta** e **correção**. Na **anáfora indireta baseada em inferências ancoradas no modelo textual** (139) (sito p. 41), o demonstrativo “*isto*” ativa os conceitos trabalhados durante as respostas dadas pelos interlocutores sobre os rótulos recebidos por cada um. Esse entendimento só é possível

pelo processamento produzido no texto, desenvolvido por meio das inferências apresentadas no decorrer da análise.

- 136- Doc.: agora uma outra pergunta
 137- em que situação da vida real da nossa vida ...
 138- da vida de cada um de vocês ...
 139- alguém já passou ou presenciou **isto**? presenciou o quê?

A **auto-repetição** (139-140) objetiva reforçar o interesse do documentador para que os interlocutores consigam, exatamente, captar a pergunta feita por ele.

- 139- Doc.: alguém já **passou ou presenciou** isto? presenciou o quê? (M)
 140- o que vocês **presenciaram** agora ... quem gostaria de falar? (R)

Ao mesmo tempo o documentador apresenta uma **correção** (140), pois ele retifica o sujeito das unidades. Primeiro faz a pergunta de forma genérica “*alguém*”, depois modifica para o pronome de tratamento no plural “*vocês*” mais específico e direcionado aos interlocutores.

- 139- **alguém** já passou ou presenciou isto? (M)
 140- o que **vocês** presenciaram agora ... quem gostaria de falar? (C)
 141- ah ... a verdade todo mundo concorda com o que nós fizemos agora
 142- era verdade ... é?

Dando continuidade à análise, de (158 a 197), L23, L14 e documentador mantêm o tópico (experiências vivenciadas pelos locutores) em andamento e inserem o subtópico (apelidos). Já em (185), o documentador apresenta outra **anáfora indireta** (sito p. 41) do tipo citado na unidade (139) “*essas pessoas*”, pois só é possível saber quem são as pessoas por meio de toda referência feita no texto aos indivíduos que são rotulados. A forma nominal “*essas pessoas*” não retoma a forma nominal anterior “*as pessoas*” da unidade (145), pois constituem objetos-de-discurso diferentes.

- 143- Doc.: cada um ganhou um rótulo ... que é rótulo?
 144- um papelzinho escrito alguma coisa ... por exemplo ...
 145- quando as pessoas chamam vocês de apelido ...
 146- tão rotulando vocês não estão? vocês gostam disso?
 147 Todos: às vezes
 148- Doc.: às vezes é mentira ... às vezes é verdade ...

- 149- não é
 150- como ele mesmo falou
 151- às vezes ele é desligado
 153- e quando as pessoas ... afastam ...
 154- fazem alguma coisa para chamar a atenção de vocês
 155- vocês pensam o que sobre isso?
 156- aconteceu isso na vida de vocês ... na casa ... na rua
- 158- L16 já aconteceu ...
 159- L25 já aconteceu?
 164- Doc.: ninguém nunca te chamou de nada?
 165- L25 já
 171- Doc.: alguém já presenciou ...
 172- já presenciou isso na vida real de vocês?
 173- L14 desde pequeno ...
 174- Doc.: ah ...
 175- L14 desde pequeno a (inint.)
 176- Doc.: de que seu apelido ... meu filho?
 177- L14 a turma me chama de neném
 180- Doc.: isso aí pra você é um rótulo?
 181- L14 é pra mim é um rótulo ...
 182- Doc.: você já acostumou e agora você não acha ruim?
 183- L14 eu já acostumei e não é um defeito
 184- Doc.: e quando se torna um defeito o que acontece ...
 185- com **essas pessoas** que são rotuladas?
 186- L14 ah ... depende disso (inint.)
 187- chamá ... chamá de quatro olho você vai gostá?
 188- L25 depende da pessoa ...
 189- Doc.: ah ::: dePENde ... isso aí será que é uma discriminação?
 190- L14 tem gente que acha que sim ... tem gente que acha que não ...
 192- Doc.: você já cha / tem apelido? fala um pouquinho sobre o seu apelido ...
 194- L22 as pessoas me chamam de ferrugem
 197- Doc.: por que meu filho? hum?
 198- L22 por causa das sardas ...
 199- Doc.: deixa ele falar
 200- L22 e agora eu estou acostumado (inint.) cheguei aqui
 201- Doc.: antes você brigava com as pessoas por causa disso?
 202- L22 não

Na unidade (192), o documentador passa o turno a outro interlocutor. L22 dá seguimento ao subtópico (apelidos) respondendo, apenas, o que lhe é perguntado (**par adjacente pergunta/resposta**).

Na seqüência (203 a 209), o documentador refaz perguntas sobre o subtópico (reações sobre os rótulos) e transfere o turno a um outro locutor. Na unidade (206), ocorre uma **catáfora** com a forma nominal definida “*essas reações*”, cujo referente está na seqüência projetiva de (208-209), indicada pelo termo “*aí*” e pela seqüência (208-209).

- 203- Doc.: não ... você sempre aceitou este rótulo ... de ferrugem?
 204- quem mais quer falar sobre os rótulos?
 206- tem certos rótulos que provocam **essas reações** aí ... né?
 207- aconteceu isso com alguém? já viu algum coleguinha assim ...
 208- as pessoas se afastarem de algum colega de vocês? por algum motivo?
 209- ahn vocês já viram?

De (210 a 215) os interlocutores confirmam positivamente a pergunta feita pelo documentador em (209).

- 210- L14 por causa de (inint.)
 211- Doc.: por causa de (inint.)
 212- por causa de apelidos e de rótulos?
 213- L14 já
 214- L25 já
 215- L23 já

O documentador, na unidade (218), constrói sua fala com o emprego do demonstrativo “*isso*”, por meio do **encapsulamento**, que sumariza as unidades (208-209) “*as pessoas se afastarem de algum colega de vocês? por algum motivo? ahn vocês já viram?*” que se apresenta, também, como uma **catáfora**, pois seu referente está explicitado na mesma unidade à frente “*essa história pra gente*”.

- 216- Doc.: a pessoa evitar amizade com outra?
 217- fala aqui um pouquinho ...
 218- então fala um pouquinho sobre **isso** ... essa história pra gente

L23 em sua explicação reativa o pronome pessoal “*ele*” (221) e constitui uma **anáfora direta**, que retoma o termo “*um companheiro*”. Em (222), o locutor apresenta uma **anáfora direta** por meio de um nome genérico “*o cara*”, que remete ao pronome “*ele*”, mas de forma recategorizada, já que, agora, o termo possui um grau maior de identificação por meio do artigo definido.

- 219- L23 um companheiro aí ...
 220- chorou por causa desse negócio de apelido
 221- a gente tava brincando com **ele** ... mas assim ...
 222- (inint.) **o cara** começou a chorar
 223- depois nós pedimo desculpa a ele

Entre (224 e 226), documentador e locutor dão continuidade ao subtópico (reações sobre os rótulos). Já em (227), L 23 insere o termo “*boca*”, que até então não tinha sido ativado, mas que justifica o apelido comentado acima. Esse termo constitui uma **anáfora indireta em relação semântica inscrita nos sintagmas nominais definidos** (sito p. 41), pois “*boca*” é uma parte que constitui o todo (ser humano), ou melhor, é uma anáfora indireta denominada **meronímica** (parte/todo).

- 224- Doc.: e esse apelido você lembra?
 225- L23 ah :: um apelido muito feio ... dona ... se nego a falar esse apelido aqui
 226- Doc.: ah então não fala ... mas tem a ver com a pessoa?
 227- L23 **a boca** era muito grande

Entre a seqüência (228 e 234), o documentador, em (228), apresenta uma **anáfora direta** correferencial “*dessas pessoas*” que retoma a unidade (208) “*as pessoas*”. Em (234), L23 apresenta uma seqüência de repetições “*toda hora ... toda hora ... toda hora ...*” para dar continuidade e expressividade ao seu enunciado.

- 228- Doc.: aí a reaÇÃO qual foi dessas pessoas?
 231- L23 até que ele se acostumou
 232- aí naquele dia a turma pegou mesmo ((ininteligível))
 234- toda hora ... toda hora ... toda hora ... (R)

O documentador, na seqüência seguinte, emprega alguns marcadores conversacionais “*olha só*”, “*então*” e “*né*”, constituintes de estratégias saneadoras de hesitações para forçar os locutores a observar o subtópico (apelidos) em questão e manter o turno. Só em (241) o documentador transfere o turno a L25.

- 235- Doc.: **olha só** ... é ... certos rótulos a pessoa não esquece nunca ...
 236- deixa mágoas **então** ...
 237- você tem que ter cuidado quando ...
 239- é ... você for julgar as pessoas sem conhecer **né**?
 240- a gente não pode tá colocando apelidos ... rotulando as pessoas
 241- e você tem o que pra falar?

L25 ratifica os turnos de L23 e do documentador, pois também exemplifica o mesmo subtópico, por meio de uma experiência vivenciada por ele e um amigo. Nas unidades (242 e 247), aparecem a **correção** “*não gostou de nossa brincadeira ... de nosso apelido ...*” e as **auto-repetições** “*apelido bobo nele*” e “*ele não gosta*”, procurando dar ênfase à sua opinião e, conseqüentemente, manter o turno.

- 242- L25 também eu conheço um amigo que não gostou **de nossa brincadeira** ...
 243- **de nosso apelido** ... a gente botou um apelido ... foi bobo nele ... (C)
 244- **apelido bobo nele** ... (R)
 245- mas só que ele não gostou não (M)
 246- toda vez que a gente chama esse apelido com ele
 247- **ele não gosta** ... fica sem falar com a gente (R)

Em (248), o locutor dá progressão ao tópico quando utiliza a **repetição** para inserir dados novos à unidade (243). Já a partir de (252), o locutor L25 responde a pergunta feita pelo documentador e emprega vários **marcadores discursivos** “*às vezes*”, “*assim*”, “*chega aí*”, “*aí*” e “*assim*” na busca de mostrar a intensidade da brincadeira.

- 248- Doc.: esse apelido bobo então é sinal que tem a ver alguma coisa com ele
 252- L25 não ele saía ... que às vezes ele é que saía de perto da gente
 253- porque a gente ficamos **assim** ...
 254- chega **aí** melecão ... falamos coisa
 255- **aí** melecão ... falando **assim**

Em (258 e 259), ocorrem duas anáforas diretas: a primeira por meio da **pronominalização** “*ele*” e a segunda pelo emprego da **forma nominal definida** “*desse apelido*”, ambas remetendo ao referente “*apelido*” em (246).

- 256- Doc.: olha então vocês estão vendo que certos apelidos ...
 257- certos rótulos a gente procura se afastar ou a pessoa que se afasta
 258- L25 depois a gente já parou com **ele**
 259- agora a gente só chama só o nome dele ... ele não gostou **desse apelido**

L23 (261-265) começa seu turno com encadeamento de dados novos, isto é, com apresentação de outros **remas**, propiciando a continuidade do subtópico (apelidos). Da mesma forma segue o locutor L25, em (271), pois apresenta uma **heterorrepetição** de L23.

- 261- L23 tentaram botá apelido em mim ... eu não deixei pegar ... (M)
 262- esse negócio assim ... se você ...
 263- se botarem apelido em você e **você não gostou**
 264- você continuar fazendo ... **tentar ser agressivo** ... não vai adiantar nada
 265- você **tem que ficar quieto** deixar daqui um tempo **eles esquecem**
 270- L25 a mesma coisa aconteceu comigo ... né?
 271- **é colocavam apelido em mim e eu não liguei pra eles** (R)
 272- ficava junto com eles ...
 273 mas agora me chamam pelo próprio nome ...

Na seqüência do documentador (274 a 281), aparece uma reativação do supertópico (rótulos) para chegar a outro tópico (discriminação) e, nessa tentativa de progressão, o documentador faz na construção do enunciado um **paralelismo sintático** “*na solidão*”, “*na calçada*”, “*no portão*”, “*na rua*”, “*em casa*” e “*em Quissamã*”, que favorece a inserção de vários remas, além de apresentar várias **repetições**, que recategorizam o enunciado na busca de um melhor processamento referencial.

- 274- Doc.: e na vida assim real nas ruas
 275- você vê alguém que a pessoa rotula ... (M)
 276- não quer fazer **amizade com aquela pessoa** ... não quer **nem chegar perto?**
 277- você conhece algumas pessoas assim ... (R)
 278- **que não quer fazer amizade**
 279- **ninguém quer conversar** ... sempre **na solidão** ou **na calçada**
 280- ou **no portão** ou **na rua** ou **em casa**
 281- vocês conhecem alguém assim ... nunca viram **em Quissamã?** (R)

L18, em (284), ativa o pronome “*ele*”, mais específico sem referente explícito no co-texto, pois não há termo a que possa fazer uma retomada. Assim, essa unidade constitui uma **anáfora indireta baseada em esquemas cognitivos e modelos mentais** (sito p. 41), já que “*ele*” se ancora no *frame* escola e na seqüência (274 a 281) que o documentador havia desenvolvido anteriormente.

- 282- L18 aqui na escola
 283- aqui na escola tem ...
 284- **ele** não tem amigo de ninguém fica parado no lugar

O documentador continua o tema empregando uma **anáfora correferencial** “*ele*” (285) e logo abaixo, na unidade (289), apresenta uma **catáfora** com o pronome “*isso*”, referindo-se a “*pra gente conversar pra ter diálogo ...*” e termina sua seqüência, utilizando uma **pausa** “... ...” mais longa, em busca de formular melhor o seu pensamento.

- 285- Doc.: por que será que **ele** é assim?
 286- vocês já procuraram fazer amizade com ele ...
 287- tá na hora de chegar junto
 288- já que você é falador
 289- é ... a fala existe para **isso** ... pra gente conversar pra ter diálogo ...
 290- não é isso?
 291- é você acha que houve diálogo aqui?

Em (293), o documentador propõe aos interlocutores o subtópico (diálogo) na expectativa de chegar a uma conclusão sobre o supertópico (rótulo) proposto para a oficina.

- 293- Doc.: houve ... todo mundo aqui em todos os rótulos foi possível ter diálogos?

L16 (294) responde a pergunta do documentador de forma positiva e, logo abaixo, o documentador apresenta uma **heterorrepetição** (295) da fala de L16. Entre (296-298), os interlocutores dão seqüência ao que foi explicitado, anteriormente, como forma de manutenção do subtópico.

- 294- L16 M- cada um se expressou
 295- Doc.: R- cada um se expressou ... todos se expressaram bem?

- 296- L23 acho que sim
- 297- Doc.: vocês acharam que sim ... uns mais ... outros menos é isso? oi?
- 298- L23 outros péssimos (M)

Continuando à análise, o documentador, em (299), constrói outra **heterorrepetição**, agora, com L23 e aproveita para inserir um questionamento sobre como solucionar o problema central discutido. Em (300) há a presença de uma **correção**, na reativação da forma nominal definida “*esses rótulos*”, pela troca do termo “*apelidos*”. No fim desta seqüência discursiva, ele emprega uma **anáfora direta pronominal**, com o uso do demonstrativo “*isso*” que retoma e remete aos termos “*esses rótulos*” e “*apelidos*” com o objetivo de enfatizar a pergunta, por meio do aparecimento da **auto-repetição**.

- 299- Doc.: outros péssimos ... (R)
- 300- o que pode ser feito para que na vida real não haja mais esses rótulos ...
- 301- os apelidos (C)
- 302- o que vocês acham que a gente pode fazer ... para acabar com **isso**? (R)

A partir de (303), L25 retoma o subtópico (apelidos) e os demais interlocutores e documentador apresentam novos temas que propiciam o processamento textual. Eles empregam estratégias que fazem a retomada do pronome demonstrativo “*isso*” (310), a correferência em (311), novamente, com o pronome “*isso*” e com a complementação do pensamento por meio da **heterorrepetição** (313) do documentador, reafirmando as falas de L23 e L25.

- 303- L25 **parar de botar apelidos** nos outros
- 304- L23 também é parar de botar apelido nos outros parar de **ser bobo**
- 306- L23 **crescer mais**
- 307- L25 **ser mais maduro**
- 310- Doc.: então **isso** é coisa de quem?
- 311- L23- **isso** é coisa de criança
- 312- L25 de moleque ::: (M)
- 313- Doc.: acham né que é coisa de criança e de moleque? (R)

O documentador, em (314), insere outra pergunta aos interlocutores na expectativa, mais uma vez, de expandir o supertópico (rótulo) e de reativar os tópicos apresentados.

- 314- Doc.: mas quantas pessoas fazem isso né? ROtular o outro ...
315- e as pessoas com isso se sentem como?

L25 (316) ativa o nome indefinido “*um amigo*”, até então, não expresso no texto, que exemplifica e responde a pergunta feita pelo documentador. Em (317), L25 emprega uma **anáfora direta** para recategorizar a expressão indefinida, pois por meio do pronome “*ele*”, que mais adiante (320), ganhou o nome de Tiago, constituindo assim uma **catáfora**. Até (325) documentador e L25 mantêm o diálogo, formulando novos subtópicos. As **hesitações** que aparecem por meio de (...) **pausas e marcadores conversacionais** e as **repetições** (319-325) têm a função de controlar os turnos e o tópico em andamento.

- 316- L25 eu tenho um amigo que não tá nem aí ...
317- até às vezes alguma professora chama **ele** pelo apelido de Bocão
319- L25 não ... professora não às vezes assim a gente chama ele tanto de Bocão
320- que **ele** ... a gente não chama de Tiago o nome dele é Tiago (M)
321- a gente não chama ele de Tiago (R)
323- L25 é ... ninguém chama ele ...
325- L25 ninguém chama ele ... ninguém chama ele de Tiago (R)

Em (326), há mudança do turno, já que o documentador transfere-o a L16 para que este explique a reação sentida diante do apelido recebido. Entre (328 e 354), os dois interlocutores dão continuidade ao subtópico (apelidos), procurando, sempre, levar o assunto adiante e mesmo com o emprego de correções, hesitações e repetições, não deixam o ritmo discursivo perder o foco central. Em (344), o documentador apresenta por meio do **encapsulamento**, o emprego do demonstrativo “*isso*”, resumizando toda a afirmação anterior.

- 326- Doc.: ele falou ... você se sente ::: (C)
327- no início que as pessoas te chamavam de quatro olho ...
328- você se sentia atingido?
329- L16 mais ou menos ...

- 330- Doc.: mais pra mais ou mais pra menos?
- 331- L16 mais pra mais ...
- 332- Doc.: você se sentia o que ...
 333- naquele momento ... qual foi / era a sua reação no início? (H)
 334- se sentia diferente das outras pessoas?
 342- é ... as pessoas que agem assim ... as pessoas têm o quê?
 343- pessoa que chama o outro de quatro olho ... né ...
 344- que chama de deficiente ... **isso** é o quê?
- 345- L23 ele não pode fazer nem tudo
 346- mas hoje em dia ...
 347- trabalha até mais do que aquele que tem pernas e braços ...
 348- é mais trabalhador do que aquele que tem
- 349- L14 mais responsável (M)
- 350- L23 é mais responsável (R)
- 351- L14- mais inteligente (M)
- 352- L23 inteligente (R)
- 353- L14 por QUÊ?
 354- porque tem força de vontade

O documentador na seqüência (356 a 360) apresenta o tópico (sociedade) e questiona o papel da sociedade hoje. Ele pergunta em (358) o perfil da sociedade em relação às pessoas que são rotuladas e apresenta uma **repetição** (359). A partir desse questionamento os interlocutores apontam itens que respondem a pergunta do documentador por meio de várias trocas de turnos.

- 356- Doc.: é hoje tá difícil pra gente saber quem é normal ... né?
 357- cada um tem seus probleminhas também
 358- e a sociedade como é que é hoje em dia? (M)
 359- o que que tá tendo muito na nossa sociedade? (R)
 360- em relação a **essas pessoas**? hum?

Em (360), a forma nominal definida “*essas pessoas*” não retoma, isto é, não há correferência à construção de (340) e sim à forma nominal “*as outras*” em (339).

- 339- Doc.: deficiente::: e há pessoas que ficam assim com **as outras**
 340- e são chamadas de deficientes ... **essas pessoas** estão fazendo o quê?
 360- em relação a **essas pessoas**? hum?

De (361 a 388) há um acréscimo de dados novos (**remas**) ao diálogo e a presença de outros subtópicos (discriminação, respeito, preconceito, etc.) que possibilitam os locutores darem progressão ao texto, sempre, por meio da **repetição** da fala do documentador.

- 361- L23 a discriminação
 362- Doc.: muito bem ...
 363- a discriminação ... que mais?
 364- L23 o respeito
 365- Doc.: a gente tem respeito ...
 366- todo mundo tem respeito? tem o quê?
 367- L14 o racismo
 368- Doc.: raCISmo
 369- L25 o preconCEIto
 370- Doc.: preconCEIto ... muito bem ...
 371- quantos preconceitos as pessoas têm ... né?
 372- Doc.: e esses preconceitos vocês vêm mais em que tipo de pessoas? (M)
 373- preconceito ... você sente mais com que tipo de pessoas? (R)

A unidade (376) apresenta uma **anáfora direta** “*essa pessoa*” que retoma o antecedente “*deficiente*” (374) e, também, constitui uma **paráfrase especificadora** (376), pois parte da expressão genérica “*essa pessoa*” para o específico por meio de várias explicitações “*negra*”, “*ou tem alguma coisa na pele*” e “*tem medo de pegar*”

- 374- L23 ah ... às vezes ... assim ... é deficiente
 375- aí a pessoa tem o pré/o preconceito ... (M)
 376- chegar pra **essa pessoa** até que é negra assim ... (P)
 377- ou tem algum problema de pele
 378- tem medo de pegar

Em (379) o documentador tenta tomar o turno, mas L23 não deixa. A partir de (381-388) L23 e L14 se alternam nos turnos, na intenção de complementar o pensamento por meio de uma **heterorrepetição**.

- 379- Doc.: então ... essa pergunta
- 380- [
- 381- L23 a gente conhece não pega
382- você sabendo que não pega ...
383- não tem motivo de você
- 384- L14 ter medo (M)
- 385- L23 ter medo ... (R)
386- tá com racismo
387- é uma pessoa normal (inint.)
388- ninguém é diferente de você

Entre a seqüência (389-396), na unidade (389), o documentador apresenta em seu enunciado uma **anáfora direta**, constituída pela descrição nominal que se refere a seqüência bem anterior (136-140) “*agora uma outra pergunta / em que situação da vida real da nossa vida / da vida de cada um de vocês ... / alguém já passou ou presenciou isto? presenciou o quê?/ o que vocês presenciaram agora ... quem gostaria de falar?*”.

Ainda em (391), aparece uma **catáfora** “*nesse ponto*”, que remete ao referente, localizado na oração à frente “*as reações que as pessoas têm diante dos rótulos ... né?* (393) e em (392), o documentador faz uma **auto-repetição** de (390).

- 389- Doc.: então ... foi **essa pergunta** que eu fiz
390- sobre a vida real (M)
391- queria que vocês chegassem **nesse ponto** ... né?
392- na vida real ... (R)
393- as reações que as pessoas têm diante dos rótulos ... né?
394- é isso aí ...
395- ah ... a pessoa é rotulada porque tem um problema de pele
396- então ... automaticamente ... a maioria ...

Em (397), L14 complementa o enunciado do documentador que a partir de (398), por meio de uma **heterorrepetição** dá continuidade ao subtópico (preconceito). Entre (398-413) há trocas de turnos entre L14 e documentador com o objetivo de apresentar a complementação dos enunciados.

- 397- L14 se afasta (M)
 498- Doc.: se afasta (R)
 399- tem realmente preconceito
 400- vocês já falaram do negro
 401- da pessoa que tem enfermidade
 402- têm outros preconceitos também? não têm?
 403- vamos lembrar ...
 404- será que é só de cor?

L14 em (405) emprega o pronome demonstrativo “o” para se referir ao termo “preconceito” em (399). Em (407), ele exemplifica o enunciado de (405).

- 405- L14 não... o mais importante é o do dinheiro
 406- ((sobreposição de vozes))
 407- L14 ah ... porque ele tem uma bicicletinha mais nova que a minha

O documentador em (413) faz uma pergunta que propicia o falante L25 tomar o turno. Em (414), L25 apresenta uma **auto-repetição**, com o objetivo de buscar a coesão de seu enunciado, o que facilita a formulação do texto.

- 413- Doc.: tá assim agora?
 414- L25 o lugar ... o lugar onde a pessoa mora (R)

Na unidade (416), o documentador emprega o pronome demonstrativo “isso”, que sumariza a oração anterior (415) “*mora mal ... né?*”, constituindo, assim, um **encapsulamento**.

L25, em (417), faz uma **auto-repetição** da construção (414). L16 tenta iniciar o seu turno e expor seu pensamento, mas não consegue, pois o documentador logo inicia uma outra pergunta.

- 415- Doc.: mora mal ... né?
 416- **isso** eu já ouvi
 417- L25 é ... o lugar onde a pessoa mora (R)
 418- L16 pode tá numa casa mais ou menos ((o aluno fala baixo))

A partir da unidade (419), o documentador começa uma outra pergunta e solicita que os locutores repitam os nomes, pois não teria condições de guardá-los, pois estava conhecendo-os naquele momento

- 419- Doc.: alguém já mexeu ...
 420- fala seu nome novamente
 421- porque eu to/primeira vez que eu trabalho com vocês (H)
 422- quando eu for passar para o papel
 423- eu vou esquecer nome de todo mundo
 224- porque já misturou tudo ... né?

O documentador em (425) passa o turno a L14 e em (427) retoma o subtópico (discriminação) iniciado em (419) para saber a experiência vivenciada por L14 sobre discriminação e preconceito.

- 425- Doc.: fala seu nome
 426- L14 meu nome é L14
 427- Doc.: fala um pouquinho se você já foi ...
 428- alguém discriminou você em algum momento
 429- tendo preconceito com a sua pessoa

L14 (430) responde a pergunta do documentador por meio de um exemplo de discriminação. Nessa resposta, ele utiliza vários dados novos ao tópico em andamento. Na unidade (433), L14 emprega uma **anáfora indireta baseada em esquemas cognitivos e modelos mentais** (sito p. 41) quando ativa o termo ainda desconhecido “*bolsa*”, cujo entendimento necessita da busca do conhecimento armazenado na memória de que o termo empregado só pode ser uma bolsa de estudos, já que está ancorada no *frame* escola, representado pelas palavras “*CIEP*” e “*Cenecista*” que são nomes de colégio do município de Quissamã. Já em (440), ele também apresenta uma anáfora indireta “*eles*”, só que de outra classificação **anáfora indireta esquemática realizada por pronomes introdutores de referentes** (sito p. 41), pois o pronome não possui antecedente no co-texto, apenas o contexto proporciona a inferência de que “*eles*” são os alunos que estudam no “*Cenecista*” e que rotulam os que estudam no “*CIEP*”.

- 430- L14 por enquanto não
 431- mas eu vejo muito na rua

- 432- tem muito moleque que estudou no CIEP e que agora está estudando
 433- no Cenecista e é **bolsa** ele gosta de tirar onda
 434- olha estou estudando no Cenecista tal e tal
 435- não sei o quê
 436- vocês tão estudando no CIEP
 437 o CIEP não tem nada ...
 438- estudou no CIEP e tá no Cenecista
 439- acho que é um rótulo ... então
 440- ter um nome ... **eles** acham que é muita coisa ... entendeu?

Na seqüência (441 a 446) o documentador ratifica a opinião de L14 e passa o turno a L23 para que faça o seu relato. L23 em seu turno emprega várias **repetições** (453-454-456-460). A partir da unidade (459), L23 acrescenta vários *remas* para justificar a sua opinião. Por fim, em (463), o falante sumariza a sua opinião por meio do pronome “*isso*”, constituindo um **encapsulamento**.

- 441- Doc.: acho que o mundo dá volta
 442- a gente não pode cuspir no prato que come ... né?
 443- fala novamente seu nomezinho
 444- fala se você já passou por isso
 445- se você já teve algum tipo de preconceito na sua vida
 446- aí alguém da sua família ...
- 447 L23 meu nome é L23
 448 graças a Deus eu ... vamos dizer ...
 449- nunca aconteceu isso comigo também não
 450- mas eu acho ... entendeu? na minha opinião
 451- tem pessoas que são mais ricas que outra
 452- eu acho que não tem diferença nenhuma
 453- eu acho que ninguém é pobre (M)
 454- quem é pobre assim mermo (R)
 455- não tem o ... que comer ... não tem ...
 456- em geral ... aqui ... ninguém ... aqui ... entre nós é pobre (R)
 457- acho que todo mundo é mais ou menos
 458- eu acho que (inint.)
 459- eu considero todo mundo rico aqui
 460- geral ... porque quem é pobre não tem o que comer (R)
 461- não tem onde morar
 462- não tem como de ter uma roupa
 463- e na minha opinião eu acho **isso**

Entre (464 e 466), o documentador continua a busca por mais respostas dos locutores e utiliza uma **pronominalização** (466) com o uso do demonstrativo “*isso*” que retoma o termo “*discriminação*” (465).

- 464- Doc.: muito bem ... você já viu é ...
 465- discriminação por causa de religião?
 466- alguém já vivenciou **isso**?
 467- L23 já
 468- Doc.: fala um pouquinho ...

De (469 a 503), há várias trocas de turnos entre os falantes na intenção de atender o pedido do documentador “*fala um pouquinho ...*”. Nessas trocas existem várias possibilidades de progressão do tópico, pois os falantes apresentam remas que facilitam o processamento do texto.

- 469- L23 na televisão mermo ... esse negócio de ...
 470- L25 ah?
 471- ((risadas))
 472- L23 o negócio é o seguinte
 473- L25 às vezes porque o moleque é crente ... quieto
 474- L23 é ... na dele ... aí fica (inint.)
 475- L25 os moleque fica zoando ...
 476- ele é crente não pode sair de casa
 477- L14 aí fica chamando ele de pastor

Dando continuidade à análise, na seqüência (478 a 487), L23 apresenta duas **correções** (478) e (480). A partir de (483), aparece um paralelismo sintático, cujas unidades possuem a mesma construção “*you can go*”, “*you can go to the party*”, “*you can't go and drink*” e “*go to the dance*”. Já em (487), há uma auto-repetição da matriz (485).

- 478- L23 eu também ... meu pai ... (C)
 479- não eu sou ... (M)
 480- eu também vou falar (C)
 481- eu também frequento a igreja evangélica
 482- mas isso que o pessoal fala
 483- isso não tem nada a ver ... você pode sair
 484- você pode ir na festa
 485- a única diferença que você não pode fazer é beber (M)
 486- é entrar na dança
 487- é a única diferença (R)

L23 (491 a 496) apresenta outra seqüência de paralelismo sintático “*you não pode jogar bola*”, “*you não pode namorar ... não pode fazer aquilo*” e “*you não pode andar de bermuda*”. Em (503) o pronome “*Ele*” faz correferência ao termo “*Deus*”(502).

491- L23 não ... isso não tem nada a ver não
 492- você pode jogar bola
 493- tem muita gente que fala que ...
 494- crente não pode jogar bola
 495- ah ... não pode namorar ... não pode fazer aquilo
 496- não pode andar de bermuda
 497- eu ando de bermuda
 498- porque hoje ... tá frio eu vim de calça
 499- mas todo mundo vê que ...
 500- nós joga Educação Física aí ... não tem nada a ver
 501- de vez em quando até ... sem querer sai umas palavras mal
 502- mas se você pedir ... perdão a Deus por ...
 503- pelos seus atos ... **Ele** te perdoa

O documentador em (506 a 509) repete a fala de L23, acrescentando alguns dados novos e em (510 a 512), novamente, passa o turno a outro falante.

506- Doc.: então isso quer dizer que ...
 507- a pessoa não vai viver ... não vai ser feliz
 508- não vai poder ter lazer ... né?
 509- claro ... que todos nós temos esse direito
 510- quem ainda não falou?
 511- gostaria de dar o seu depoimento sobre preconceito ...
 512- fala seu nomezinho novamente

L16 começa sua fala (513) dando um exemplo, por ele presenciado, que responde a pergunta do documentador (514). L16 emprega muitas pausas características da **hesitação** e apresenta remas ao longo da seqüência “*eu tenho um colega*”, “*a mãe dele é bem empregada*”, “*é tem assim ... computador ... tem videogame*”, “*coisas de valor*”, “*é a mesma pessoa entre nós*” e “*muita gente chama ele de playboy*”. Em (514-515) aparecem duas **correções** da construção. Assim L16 reforça o subtópico (discriminação), conseguindo atingir, assim, o objetivo inicial da oficina: reflexão sobre como os rótulos influenciam a vida do ser humano e como isso pode ser revertido para melhorar a vida das pessoas.

- 513- L16 meu nome é L16
 514- é ... eu conheço ... eu tenho um colega (C)
 515- que ele é assim ... a mãe dele é bem empregada ... né? (C)
 516- é tem assim... computador ... tem videogame ...
 517- tem coisas assim ... de valor ... né?
 518- pra ele é normal ... ele **num num** ... ele tem tudo ... ele não precisa de
 419- nada ... por exemplo ... se você tiver com ele
 520- ele é a mesma pessoa entre nós porque ... é ...
 521- muita gente chama ele de playboy
 522- só que ele fala que é playboy é ... assim ... tá discriminando ele
 523- só pra poder ... como se fala?

Na unidade (524) aparece uma anáfora direta por meio da **pronominalização**, que retoma e recategoriza a expressão indefinida “*um colega*” para apresentá-la como definida (514). Já em (526) “*ele*” é uma **anáfora direta** correferencial de “*ele*” da unidade (524).

- 524- Doc.: então ... só porque **ele** tem dinheiro
 525- L16 é
 526- Doc.: **ele** é um mauricinho ... um playboy

L14 ainda tenta continuar o subtópico (discriminação) em (527), mas o documentador por meio de uma **correção** (534) conclui o pensamento anterior.

- 527- L14 então ... ele também estuda no Cenecista
 528- aí a turma começa ... só pra ele (inint.)
 529- Doc.: as pessoas já rotulam
 530- NÃO ... é o contrário
 531- não é ele que é metido (M)
 532- as pessoas que ... (C)
 533- estão se afastando dele porque acham como ele tem tudo isso ... né?
 534- ele de/deve ser uma pessoa metida ... sem conhecer ...
 535- Doc.: acho que já está bom
 536- vocês gostaram?
 537- vamos concluir as atividades por hoje?
 538- boa tarde e até a próxima
 539- ((bateu o sinal e a turma saiu))

O documentador em (535 a 539) termina a oficina 04, despedindo-se dos interlocutores, considerando que o entendimento do supertópico tenha sido debatido o suficiente e que o objetivo da oficina, também, tenha sido satisfatório.

Pôde-se observar ao final da análise dessa oficina número 04 que a presença de auto-repetições e autocorreções foi considerável, pois os falantes empregaram essas estratégias para permitir a manutenção do turno e fizeram com que o processamento do texto falado fosse objetivo e contínuo.

A ocorrência da heterorrepetição também foi constante no decorrer do desenvolvimento da oficina, mostrando que os interlocutores estavam atentos às informações relatadas pelo locutor na busca de interação para que o texto progredisse.

Constatou-se também nessa análise que os interlocutores não utilizaram muito a heterocorreção e essa constatação mostra que eles apenas davam continuidade à progressão tópica de forma cooperativa e não com o objetivo de oposição ou de desacordo à construção do falante.

O constante uso de marcadores discursivos revelou que as hesitações presentes em toda a oficina não reforçaram a descontinuidade do texto falado e sim sinalizaram a importância desses marcadores para a manutenção do tópico e do turno por meio de uma melhor adequação lexical, visando a construção e reconstrução do texto.

Embora as anáforas indiretas sejam muito ocorrentes no texto oral, na oficina analisada acima, houve um maior número de casos de anáforas diretas, principalmente, por meio da pronominalização, pois o uso do pronome permitiu a retomada de referentes recategorizados ou não, o que torna o texto mais informal e, conseqüentemente, mais próximo da realidade dos interlocutores, facilitando assim a comunicação e a progressão referencial dos tópicos apresentados.

Dessa forma, a ocorrência dos mecanismos de referenciação, seja por meio de anáforas ou por meio de estratégias de formulação e reformulação textuais, propiciaram o fluxo do texto falado, contribuindo para o processamento lingüístico da oficina 04.

CONCLUSÃO.

Esta pesquisa procurou mostrar a presença do processamento referencial na progressão do texto falado, a partir de um *corpus* oral formado por estudantes do 9º ano de escolaridade do Ensino Fundamental, oriundos de uma escola pública no município de Quissamã / RJ. A base para essa análise foram os pressupostos teóricos da Linguística Textual e da Análise do Discurso de orientação funcionalista, limitando-se a uma abordagem do fenômeno Referenciação.

Observou-se que, ao final dos estudos feitos nos inquéritos, houve progressão nos textos orais, devido a várias ocorrências de estratégias referenciais próprias dessa modalidade. A necessidade do uso dessas estratégias pelos falantes deve-se ao objetivo de propiciar a manutenção dos tópicos apresentados e proporcionar aos interlocutores a transmissão de informações.

No decorrer da análise, principalmente da oficina nº 04, percebeu-se, de forma satisfatória, que a construção da coesão e da coerência está interligada às estratégias de progressão referencial, já que a presença de relações semânticas foi constante e que houve uma certa ordem nos segmentos apresentados no discurso e na articulação das seqüências tópicas por meio de retomadas e remissões aos referentes que formavam a cadeia referencial do texto.

As expressões remissivas funcionaram como um pilar do texto, porque permitiram aos interlocutores construir e reconstruir, com base na maneira pela qual se encadearam e se remeteram umas às outras, um caminho que os orientou para determinadas escolhas lexicais e variados sentidos presentes no texto e, conseqüentemente, para as diversas possibilidades de produção do texto falado.

Quanto às estratégias de formulação e reformulação do texto, pôde-se perceber que essas estratégias têm, no desenvolvimento da referência textual, a função de garantir a intercompreensão conversacional, já que facilitaram o processamento lingüístico, ora para explicitar e especificar, ora para resumir ou denominar informações da matriz, bem como para adequar vocábulos a uma melhor possibilidade de construção e reconstrução dos enunciados.

Em relação às paráfrases, às correções e às repetições estudadas, os enunciados considerados interrompidos, mesmo estando acabados do ponto de vista textual-interativo, constituíram muitas vezes uma retomada, seja para ratificar ou retificar o pensamento, promovendo, assim, recategorizações em contextos específicos do ir-e-vir da teia discursiva, assegurando a coesão e a coerência do texto e revelando a co-produção textual entre os interlocutores na conversação.

Particularmente, as hesitações apareceram na fala como marcas textuais que propiciaram aos locutores atingir a coesão e representaram um modelo discursivo eficaz que facilitou a coerência do texto “*on line*”. A partir da ocorrência dessas hesitações, justificou-se o emprego de vários marcadores discursivos na produção do texto, pois eles atuaram na continuação tópica, já que funcionaram como elos das unidades cognitivas, intervindo numa melhor construção lingüística bem como na manutenção do turno pelo locutor.

Em suma, as ocorrências dos casos de referenciação e de formulação e reformulações textuais, encontrados no *corpus* utilizado, viabilizaram uma conclusão positiva sobre os mecanismos que compuseram o texto falado, em princípio, apresentados como “problemas” ou “inserções” no texto, mas que após esse estudo, observou-se que foram, na realidade, possibilidades que permitiram aos interlocutores construir e reconstruir de forma coletiva os enunciados, através de ações coordenadas entre si e de relações de sentidos, que visaram o processamento referencial na progressão do texto falado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- APOTHÉLOZ, Denis e REICHLER-BÉGUELIN, M. J. *Construction de la référence et stratégies de désignation*. TRANEL (Travaux neuchâtelas de linguistique), nº 23, 1995
- AQUINO, Zilda G. O. *A mudança de tópico no discurso oral dialogado*. Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC-SP: 1991
- BARROS, Diana L. P. de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. FFLCH/USP São Paulo: 1993
- BENTES, Anna C. e RIO, Vivian C.. A construção conjuntiva da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, Ingedore V. ; MORATO, Edwiges M. ; BENTES, Anna C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 265-292
- CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. 6ª edição. São Paulo: Ed. Contexto, 2004
- _____. e PRETI, Dino. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. T. A. Queiroz/ EDUSP, 1986: p. 9-10
- _____. e CASTILHO, Célia M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. (Org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II. Níveis de análise lingüística. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2002. p. 199-248
- CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B. ; CIULLA, Alena. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003
- COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: EDUSP, 1979
- _____. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980
- DIONÍSIO, Ângela. P.. Análise da conversação. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. *Introdução à lingüística 2 – domínios e fronteiras*. 4ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2004. p. 69-100
- DOOLEY, Robert A. e LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do Discurso. Conceitos básicos em Lingüística*. 2ª edição, Petrópolis: Ed. Vozes, 2004
- FÁVERO, Leonor. L. *Coesão e coerência no texto falado*. I. XXIX Anais de Seminários do Gel, Jaú, 1992
- _____. *Coesão e coerência textuais*. 10ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 2004

_____. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino. (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH / USP, 1993. p. 33-54

_____. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. In: PRETI, Dino. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 111-124

_____. Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: KATO, Mary. (Org.) *Gramática do Português Falado. Vol V. Convergências*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2002. p. 359-369

_____. ; ANDRADE, M^a. Lúcia C. V. O. ; AQUINO, Zilda G. O. (Org.). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 4^a edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2003

_____. e KOCH, Ingedore. G. V. *Linguística Textual: introdução*. 7^a ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2005

GALEMBECK, Paulo de T. O turno conversacional. In: PRETI, Dino. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH / USP, 1993. p. 55-79

HILGERT, José G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH / USP, 1993. p. 103-128

_____. As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmáticas com suas matrizes. In: KOCH, Ingedore V. (Org.) *Gramática do Português Falado. Desenvolvimentos*. Vol. VI. 2^a edição. São Paulo: UNICAMP, 2002. p. 143-158

JUBRAN, Clélia C. A. S. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M^a Helena de M. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. VII. Novos estudos. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1999. p. 131-158

KOCH, Ingedore V. (Org.) *Gramática do Português Falado. Desenvolvimentos*. Vol. VI. 2^a ed. São Paulo: UNICAMP, 2002

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 4^a edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2005(a)

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005(b)

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia ; FOLTRAN, M^a José ; OLIVEIRA, Roberta P. (Org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Ed. Contexto, 2004. P. 33-52

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore V. ; MORATO, Edwiges M^a. ; BENTES, Anna C. (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 33-52

_____. e ELIAS, Vanda M^a. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2^a edição. São Paulo: Ed. Contexto, 2006

_____. e MARCUSCHI, Luiz A. *Processos de referenciação na produção discursiva*. DELTA. Vol. 14, nº especial, 1988. p. 05-10

_____. ; MORATO, Edwiges M^a ; BENTES, Anna. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ed. Ática, 1986

_____. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Tese para concurso de professor titular em lingüística, Recife: UFPE, 1992

_____. *O tratamento da oralidade no ensino da língua*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, texto mimeografado, 1993

_____. A hesitação. In: NEVES, M^a Helena de M. (Org.) *Gramática do Português Falado. Novos estudos*. Vol. VII. São Paulo: Unicamp, 1999. p. 159-194

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore V. (Org.) *Gramática do Português Falado. Desenvolvimentos*. Vol. VI. 2^a edição. São Paulo: UNICAMP, 2002. p. 105-142

_____. A anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore V. ; MORATO, Edwiges M^a ; BENTES, Anna C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 53-102

_____. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. 6^a edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2005(a)

_____. e KOCH, Ingedore V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M^a Bernadete M. (Org.) *Gramática do Português Falado. Novos estudos descritivos*. Vol. VIII. São Paulo: UNICAMP, 2002. p. 31-58

MENEZES, Vanda C. de. Formação de palavras: funções semânticas, sintáticas e discursivas. In: TROUCHE, Ligia M. G. (Org). *Português em Debate*. Niterói: Instituto de Letras, UFF. 1 CD, 2005

MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica M. ; RODRIGUES, Bernadete B. ; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003. p. 17-52

NEGRI, Ligia ; FOLTRAN, M^a José ; OLIVEIRA, Roberta P. de. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Ed. Contexto, 2004

NEVES, M^a Helena de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006

OLIVEIRA, Mariângela R. *Repetição em diálogos: análise funcional da conversação*. Niterói: EDUFF, 1998

PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993

_____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2002

TRAVAGLIA, Neusa. *A Tradução numa Perspectiva Textual*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1993

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH / USP, 1999. p. 81-102

VAN DIJK, Teun. A. *Cognição, discurso e interação*. In: KOCH, Ingedore V. (Trad.). São Paulo: Ed. Contexto, 1992

ANEXOS.**Anexo A – Tabela de transcrição oral (Castilho & Preti, 1986).***

Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entoação enfática	maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante	:: podendo aumentar :::
Silabação	--
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))
Comentários que quebram a seqüência temática	- -
Superposição de vozes	[
Indicação de que a fala foi interrompida	(...)
Citações literais	" "

Observações.

- 1-Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
- 2-Não se indica o ponto de exclamação.
- 3-Podem-se combinar sinais: alongamento e pausa.
- 4-Não se utilizam sinais de pausa com vírgula, ponto-e-vírgula e ponto final.
- 5-Não se anota o cadenciamento da fala.

*É preciso lembrar que essas normas não são padronizadas, de modo que os pesquisadores são livres para criar suas próprias normas de transcrição.

Anexo B – Corpus.

Oficina 1.

- 001- Documentador: bom dia ::: vamos iniciar nossa dinâmica de hoje?
 002- na dinâmica que foi feita ...
- 003- L1 ... você gostou do que eles fizeram?
 ...
- 004- L1 ah... que com você... oh que... esse falador...
 005- todo mundo fala que eu sou muito faladora
 006- que eu falo muito... até me chamavam de matraca
 007- bom... assim ::: mas o sinal de silêncio...
 008- era pra mim ficar quieto e calar a boca
 009- então eu não gostei
 010- eu gosto de expressar as coisas que eu sinto falando
- 011- Doc.: o que você não gostou?
- 012- L1 por que que eu não gostei?
 013- assim ...porque eu gosto de expressar as coisas que eu sinto falando
 014- então se me mandar ficar quieto... como que eu vou poder fazer isso?
- 015 -L2 caraca
- 016- Doc.: agora fala sobre o que estava na sua testa
- 017- L3 mentiroso
- 018- Doc.: que palavra está escrita? o que você achou?
- 019- L3 mentiroso... eu não sou assim não...
 020- mas eu acho que eles agiram certo de tá tapando ou ouvidos...
- 021- ((sobreposição de vozes))
- 022- ((risos))
- 023- Doc.: você gostou? você gostou desse rótulo?
- 024- L3 não
- 025- Doc.: por quê?
- 026- L3 vai escutar o que eu falo... não vai seguir meus conselhos não...
 porque eu não sou mentirosa
- 027- Doc.: você gostou do procedimento do grupo? perante...

- 028- L4 perante a mentira ou perante...
- 029- Doc.: perante a sua pessoa quando você::
030- você gostou do que eles fizeram com você?
- 031- L3 gostei porque::: primeiro eu não sou mentirosa ...
032- mas se eu fosse... (ininteligível)
- 033- Doc.: L5?
- 034- L5 preguiçoso... DOna eu não sou preguiçosa
035- ((risadas))
- 036- L1 você faz o que em casa?
- 037- L5 tudo
- 038- Doc.: o que você gostou... não gostou?
- 039- TODOS: na:::da
- 040- L5 eu ajudo
041- ah::: mais ou menos
- 042- Doc.: e a reação?
- 043- L5 agora... foi uma coisa bem esquisita
044- porque chamou de preguiçoso
045- eu ::: fazer muitas coisas de vez em quando
046- quase sempre eu tenho preguiça de fazer algumas coisas
047- quando eu tenho que fazer obrigada...
048- eu nunca faço... aí ::: todo muito começou a fingir que tá trabalhando...
- 049- Doc.: gostou do que eles fizeram com você?
- 050- L5 não ... fingir que tá trabalhando
051- vamos supor se for a patroa deles...
052- vamos supor que eu sou a patroa deles
053- vamos supor... todo mundo ia fingir que tá trabalhando
054- limpando uma sujeirinha ali...jogando para o canto...
055- não gostei
- 056- Doc.: L6
- 057- L4 ((ininteligível))
- 058- L5 calada... caladão

- 059- L6 uma coisa que eu não sou
060- nem um pouquinho ::: no entanto eu gostei
061- porque é como se tivesse mandando eu falar
062- porque eu sou calada... só que... no caso eu não sou calada
- 063- Doc.: o que que tá escrito em cima dele?
- 064- L6 fazer mímica com a boca
065- como se eu tivesse falando
- 066- Doc.: aí... você se sentiu como diante disso? pensa sempre falar nisso
067- como vocês se sentiram quando as pessoas fizeram isso com vocês?
- 068- L6 quando eles fizeram pra mim
069- era como se estivesse escrito que eu fosse faladeira demais
070- pra eles tarem batendo a boca
071- mas no entanto não me senti nem tão ruim nem...
- 072- L4 muito bem
- 073- L6 muito bem
- 074- Doc.: L7?
- 075- L7 eu levei uma vaia
076- não gostei NÃO
- 077- Doc.: agora... veja o que está escrito aí
- 078- L7 dedo duro
079- não gostei::: coisa que eu não sou não ... do:::na
- 080- Doc.: dedo duro por quê?
- 081- L7 eu não sou dedo duro
082- porque assim se me pedem... se me contam alguma coisa
083- eu guardo e se a pessoa falar assim... pode falar:::
084- aí eu falo e se não pode falar
085- eu guardo pro resto da vida
086- não sou dedo duro
- 087- Doc.: como você se sentiu levando a vaia?
- 088- L7 ah::: muito mal dona ... todo mundo uuuuuuuuuuu.
- 089- Doc.: L10?
- 090- L2 que dona?
- 091- Doc.: L2... desculpa ... eu tô falando L10

- 092- ((risadas))
- 093- Doc.: qual a sua palavra?
- 094- L2 agitada
- 095- Doc.: você concorda ::: com esse rótulo?
096- concorda com o rótulo?
- 097- L2 meio... concordo
- 098- Doc.: você é agitada realmente? e o que eles fizeram com você?
- 099- L2 não muito::: não gostei muito... não
- 100- Doc.: por quê?
- 101- L2 eu não gosto de ver ninguém parado NÃO
- 102- Doc.: L8
- 103- L6 coitada ... é a única coisa que ela não é
- 104- L8 professora... isso é uma coisa que eu vejo
105- que todo mundo vê que eu não sou
106- pode ser mísera coisa que eu tô tendo todo cuidado
107- todo carinho possível do mundo
108- balançar a cabeça pra mim tava dizendo que eu sou...
109- uma pessoa errada... irresponsável
110- por que seria? porque eu acho que nada hoje em dia ...
111- a gente pode deixar de lado e não ter cuidado com as coisas
112- a gente tem que ser responsável por uma mísera coisa que for
113- nem que seja por um chiclete
114- se não for meu... eu tenho que ter responsabilidade com ele
- 115- Doc.: gostou do rótulo?
- 116- L8 gostei
117- só não gostei de balançar a cabeça
118- mas::: ta certo... irresponsável
119- balançar a cabeça pra mim... se eu fosse...
120- como eu não sou... eu não gostei
- 121- L9 gostou do ::: ((ininteligível))
- 122- L8 gostei
- 123- Doc.: L10

- 124- L10 não gostei
 125- não sou agressiva... nem um pouco... muito menos afastar é :::
 126- todo mundo de mim... entendeu?
- 127- Doc.: a reação que eles fizeram foi...
- 128- L10 correr
- 129- Doc.: correr se afastar...
- 130- L10 como se eu fosse uma pessoa muito agressiva
 131- se tivesse/ se todos chegassem perto de mim... saía batendo...
 132- falando coisas que eles não gostassem
 133- aí::: eles procurariam ficar longe de mim... entendeu?
 134- não gostei
- 135- L6 acho que os únicos que se sentiram piores aqui...
 136- foi a L7, a L10 e o L4
- 137- ((ininteligível))
- 138- Doc.: L4
- 139- L4 professora... oh:::
- 140- Doc.: qual é a palavra?
- 141- L4 meu rótulo... mandão.
- 142- Todos mandão:::
- 143- L4 o rótulo... eu posso até concordar... assim...
 144- em parte... assim... eu sou uma pessoa...
 145- só que virar as costas é meio radical... professora
- 146- Doc.: como você se sentiu... exatamente...
 147- quando eles vi/ viraram as costas para vocês?
- 148- L4 eu me senti abandonado
 149- eu me senti deixado para trás
 150- assim... você não está... assim ::: não está favorecendo o grupo
 151- afaste-se::: logo eu... professora...
- 152- ((o aluno pronuncia bem pausadamente as palavras))
- 153- L6 não... isso aí... você pode dizer...
 154- você é metido sim
- 155- L1 é mesmo:::

- 156- Doc.: deixa ele falar... GEN...te
- 157- L11 eu não sou metido não... dona ...
158- eles que passam por mim e não fala nada
- 159- L4: tá certo
- 160- Doc.: e o que tá dizendo pra fazer aí?
- 161- L11 tapar os olhos
162- não gostei NÃO... não sou nenhum feio
- 163- ((risadas))
- 164- L4 não muito:: não muito
- 165- Doc.: como você sentiu quando taparam os olhos?
166- o que você pensou?
- 167- L11 eu pensei que eu era feio:: dona
- 168- ((risadas))
- 169- L11 pensei que eu era um crocodilo... dona.
- 170- Doc.: L9?
- 171- L8 tadinho...
- 172- L5 mais ou menos
- 173- L1 é mais ou menos?
- 174- L6 mais pra mais ou mais pra menos?
- 175- Doc.: qual é a palavra?
- 176- L9 desligado
- 177- Doc.: desligado? o que que você... é desligado?
- 178- L9 ah:: muito... dona
179- isso combinou comigo
- 180- Doc.: este rótulo te serve?
- 181- L9 ah... com certeza
- 182- Doc.: você viu que eu peguei aleatoriamente
183- eu não escolhi de ninguém

- 184- L6: hoje... lá na sala... a professora de Matemática ...
 185- ele tá batendo com o negócio do lápis
 186- a professora de Matemática...
 187- você ta prestando atenção na aula? ((a aluna assaltou o turno))
- 188- Doc.: e que fizeram pra você?
- 189- L9 estalar os dedos pra...
 190- [
- 192- L6 pra te acordar...
- 193- L9 assim...
- 194- Doc.: o que você pensou na hora que fizeram?
- 195- L9: dona ... eu pensei que era cachorro ...
- 196- L9 não... mas é assim... até que foi legal::
 197- porque quando eu tô desligado
 198- eu gosto que chame minha atenção assim ...((ininteligível))
- 199- Doc.: minha segunda pergunta::
 200- pode até ir falando assim::
 201- em que situação da vida real... alguém já passou ou presenciou isso?
 202- o que que aconteceu aqui... gente::<>? nós ga/ vocês ganharam o quê?
- 203- L8 ((turno espontâneo))
 204- cada um ganhou o seu rótulo.
- 205- Doc.: um rótulo::<:...
- 206- L8 sendo que ::: muitos não fazem...
 207- não passaram por este rótulo
 208- irresponsabilidade... eu já fui julgada por este / isso
 209- já senti na pele... um... um... uma... uma... um mandão em cima de mim
 210- dizendo que eu fui irresponsável
 211- sendo que eu não tinha nada com o assunto
 212- eu não sabia o que que tava acontecendo
 213- pra mim ter responsabilidade sobre aquela coisa
 214- eu não me senti nem um pouco afetada enquanto a isso
 215- mas me senti muito magoada dele não ter acreditado em mim...
 216- dele ter virado as costas para mim
 217- então deixei ele de lado
 218- eu acho que quem pode me julgar nesta vida...
 219- são meus pais e o cara lá de cima... mais ninguém...
 220- porque ninguém sabe o que eu venho a ser.... ((parou de falar))
- 221- Doc.: mais alguém? L9?

- 222- L9 qual é... dona:::?... cantando uma música...
- 223- L1 eu... eu... eu...
- 224- Doc.: isso... vai L1
- 225- L1 ((espontâneo))
226- quando mamãe e papai fala... fica quieto:::
- 227- Doc.: bom, você vivencia isso demais...
- 228- L1 a::h quando eu começo... entendeu? eu não paro assim...
229- mas é faladora... assim no sentido
230- tá assim ... conversando com uma pessoa
231- e ficar falando ... contando ...
232- contando ... contando assim... entendeu?
233- mas se falar assim oh::: fica quieto... você está atrapaLHANdo
234- eu vou ficar... meu pai é assim... minha mãe ...
235- meu pai falou que eu fico muito assim...
236- antes falavam que eu gritava ... que eu falava gritando...
237- aí, você vai ficar com a garganta ruim
238- você vai ter problema de voz rápido... cedo cedo
239- aí eu parei um pouco
- 240- Doc: alguém já vivenciou assim... ou já vivenciou em outras pessoas algumas 241-
dessas situações que aconteceram aqui? que não tenha ACONtecido... 242-
com vocês mas que TENha presenciado com alguém?
- 243- L6 ((espontâneo))
244- ah... várias vezes já me chamaram de dedo duro
245- de irresponsável... falava às vezes de mandona
246- às vezes falavam que eu tô calada falavam que eu sou preguiçosa
- 247- L9 ((assaltou o turno))
248- convencida
- 249- L6: todas as coisas que têm aqui já falaram
- 250- L5 ((espontâneo))
251- pra mim também
252- lá em casa... mamãe vive falando que eu finjo que tô trabalhando
253- que eu não faço nada
254- aí eu vou lá ... realmente... finjo que eu tô trabalhando
- 255- ((Sobreposição de vozes)) ((ininteligível))
- 256- L5 você finge que tá trabalhando que não sei o que
257- mas assim...quando a coisa é séria... por exemplo...
258- quando alguém... por exemplo... me encomenda alguma coisa

- 259- vamos supor... você vai ter que fazer isso para dia tal tal tal
 260- desse jeito... eu:: tanto eu tanto ela
 261- nós seguimos a responsabilidade de entregar nesse dia que a pessoa pediu
 262- e sem preguiça mesmo... tem que dá...
- 263- L6 isso é porque a gente trabalha com artesanato...
 264- encomenda a gente tem que...
- 265- ((a aluna foi interrompida pela aluna L5))
- 266- L5 aí::: nesse caso a responsabilidade
 267- se eu sou irresponsável assim com as minhas coisas
 268- dentro de casa... eu sou um pouco irresponsável
 269- mas quando alguém me pede alguma coisa ...
 270- que eu tenho o direito e o dever de fazer aquilo
 271- eu sou responsável... e nem por isso...
- 272- Doc.: mais alguém pra falar::: sobre esta quesTÃO...
- 273- L9 acho que o que aconteceu com a gente
- 274- [
- 275- Doc.: ou com o grupo ou com outra pessoa...
- 276- L9 ((espontâneo))
 277- com o grupo assim aconteceu de eu tá sentado no sofá
 278- minha mãe lá dentro... L9 ::: vem cá fazer isso aqui... eu desligado...
- 279- ((risadas))
- 280- L9 daqui a pouco vem a minha mãe e agarra o meu braço
 281- eu tô te chamando há mais de meia hora
- 282- L6 teve uma vez...
- 283- L9 teve uma vez também que uma pessoa tava no meio do jogo
 284- daí o técnico teve que entrar dentro da quadra
 285- pra mostrar onde ele tinha que ficar de tão desligado que ele tava
- 286- ((L4 tentou falar e não conseguiu))
- 287- L9 tava num lugar e era pra estar em outro
 288- o técnico ...((Ininteligível))
- 289- ((Sobreposição de vozes))
- 290- L5 teve uma vez que a gente chegou na casa de L9
 291- tava eu e L6, na casa de L9, foi eu e L6 na casa de L9...
 292- aí L9 lá na sala ... a porta aberta... lá de fora da garagem

- 293- lá de fora dava pra gente vê L9 bem sentado assistindo televisão
 294- a gente meia hora chamando L9::: lá fora
 295- a gente gritava... a gente gritava... a gente batia no portão... depois...
- 296- L9 vocês ficaram gritando?
- 297- L5 ficamos
- 298- [
- 299- L6 ficamos
- 300- L5 a gente gritando... depois ...
- 301- L6 você não veio a gente entrou
- 302- L5 a gente pegou e entrou
 303- a gente teve que entrar e chegar lá e ...
 304- oi::: tudo bem? ah::: ah::: oi tudo bom?
- 305- Doc.: e você gosta disso?
- 306- L9 de quê?
- 307- Doc.: de ser distraído.. ser desligado?
- 308- L9 não... eu não sei o que acontece comigo...
- 309- Doc.: não... eu quero a sua posição
- 310- L9 ah::: eu não gosto de ser desligado... não
 311- mas fazer o quê?
- 312- L1: posso fazer uma pergunta? o que que você tá ::: pensado?
- 313- ((risadas))
- 314- Doc.: a próxima per/ vocês vão pensar na próxima pergunta pra responder...
- 315- L6 na bola de basquete a ((ininteligível)) Michael Jordan
- 316- Doc.: a próxima pergunta pra vocês pensarem:::
 317- os rótulos têm força de provocar reações PREdeterminadas
 318- mas de forma (ininteligível) assim...
 319- a gente tem a mania de rotular as pessoas e não conhecer antes?
- 320- L6 temos.
- 321- Todos Sim:::

- 322- Doc.: você/ logo o rótulo te induz :::
- 323- L4 a pensar alguma coisa que ...
- 324- [
- 325- Doc.: a pensar alguma coisa do outro que não seja ...
326- o que que vocês acham disso?
- 327- ((ininteligível))
- 328- L4 às vezes eu acho...
- 329- L6 na sala de aula já aconteceu mu/ muito isso
- 340- L9 eu me lembro disso
- 341- L4 eu também
- 342- L5 depois eu vi que a pessoa não era aquilo... sabe?
- 343- L6 ano passado...
- 344- L5 a gente até acaba assim::
345- a gente até acaba assim por merecer
346- acaba assim por ser ofendida por merecer
347- e acaba sem saber que tava fazendo... sem saber que tava fazendo
- 348- L8 uma pessoa muito injusta...
349- em relação a colocar rótulo em algumas pessoas
350- certas vezes... mas quando eu vejo que tem uma pessoa
351- posso até não conhecer... chegou alguma amiga e falou
352- olha aquela garota tem maior cara de ser metida
353- eu não gosto não... não fala isto::: mas eu... eu tenho essa mania
354- e eu tento me controlar... mas chega na hora que eu conheço a pessoa
355- aí eu já espalho fama
356- ela é ótima::: ela é maravilhosa... é assim ... é assado ... mas eu julgo...
- 357- ((Sobreposição de vozes)) ((ininteligível))
- 358- ((L4 tenta tomar o turno))
- 359- L7 GENte ... não fala assim dela
- 360- ((Sobreposição de vozes)) ((ininteligível))
- 361- L9 eu olho para a pessoa assim só a... ((baixo))
- 362- L5 eu tô junto com ele... lá na sala
363- vamos supor...lá sala eu...

- 364- L6 lá na sala tinha a Helena...
 365- ela chegou na sala... ela chegou na sala...
 366- ela é assim... ela tava com o fichário na mão
 367- a mãe dela tava com ela
 368- aí eu e a L5 olhamos para ela ... garota metida::
 369- a lá pode ver que veio do colégio não sei da onde
 370- que não sei o que ... não sei que lá
 371- a gente falando assim e depois a L5 até hoje não gosta dela
 372- eu não tenho nada contra ela
 373- mas mesmo assim eu descobri que assim que...
 374- depois que eu conheci ela... não era aquilo que eu achava que ela era
 375- ela era completamente diferente
 376- ela era mais solta... falava o que vinha na cabeça...
 377- não era aquela pessoa fechada que tava lá no canto...
- 378- L5 ela era bem aniMAda
- 379- L9 isso aí é do ponto de vista dela ... do meu ... ((ininteligível))
 380- ela me empurrô eu bati com as costas na cadeira
- 381- ((Sobreposição de vozes)) ((ininteligível))
- 382- L6 levou-lhe a mão na cara dela
- 383- L9 sentei a mão porque aqui ela não tinha nada que me empurrá
 384- eu tava na linha... ela xingô a minha mãe e me empurrô ((ininteligível))
- 385- Doc.: mais alguém quer falar sobre a situação dos rótulos... do preconceito...
 386- do rótulo.../ leva a gente a desconhecer o outro?
- 387- L6 às vezes... até quando você conhece a pessoa.. você fala dela
 388- o L4... por exemplo... às vezes... a gente tá lá na frente
 389- e o L4 falou alguma coisa lá trás
 390- a gente fala... o L4 é metido...fica se intimando a saber das coisas
 391- quê não sei o quê... não sei que lá
 392- ou quando ele manda fazer alguma coisa
 393- garoto mandão... que não sei o quê... não sei que lá... é sempre assim...
- 394- L5 quando chega alguém na sala... mandando L4 pra direção
 395- vão bora L4... vão bora
- 396- ((Sobreposição de vozes)) ((ininteligível))
- 397- L5 o L4 é muito maluco... é muito pancadão da cabeça
- 398- ((Sobreposição de vozes)) ((ininteligível))
- 399- L4 ela me chamou eu vô embora ... devo nada pra ninguém
- 400- Doc.: mais alguém quer falar sobre a questão do rótulo?

- 435- Doc.: o nosso espelho... é ... o nosso espelho acaba sendo o quê?
436- os defeitos dos outros
- 437- L7 dona ... (ininteligível) boca... mulher feia... corpo horrível...
438- olha lá o cabelo DEla
- 439- L1 pode ser a mais linda do mundo
- 440- L4 isso aí é inveja
- 441- Doc.: por que que isso acontece?
- 442- L4 ah... mas eu acho que a nossa sociedade é assim... professora
443- a gente só sabe viver em sociedade se for deste jeito...
444- pra julgar os outros
- 445- L6 pior ainda é quando você::: acaba e você perdeu aí mesmo...
446- que você sai colocando defeito em todo mundo que tava no jogo
- [
- 447- L1 mas aquele juiz...
- 448- L9 pior que é::: pior que é:::
- 449- L7 mas aquele juiz tava roubando... é lalau...
- 450- Doc.: o que pode ser feito para que isto não aconteça na vida real?
451- porque estamos fazendo uma brincadeira
- 452- ((interrupção com alguém abrindo a porta))
- 453- Doc.: o que pode ser feito? exa/ que isso não aconteça na nossa vida real
454- o que aconteceu nessa brincadeira nossa aqui?...
455- um fala de cada vez
- 456- L6 eu acho que pode ser feito é ...
457- você procurar conhecer primeiro a pessoa para depois falar dela
- 458- L8 mas é impossível
- 459- ((ininteligível))
- 460- L8 nada é impossível... mas não tem aquele jeito bom
461- porque... certamente... a gente pode ser uma pessoa mais linda do mundo
462- como a L7 tava falando... mas a gente julga
463- eu julgo até os meus próprios familiares
- 464- L3 às vezes... a aparência... a pessoa pode ser bonita tal

- 465- mas você pode julgar o que ela tem por dentro
 466- pode pegar e julgar ela por dentro e não por que ela é por fora
- 467- L5 tem vezes que a gente tá certo... que a gente julga e tá certo
- 468- [
- 469- L4 tem vezes que o julgamento é bem feito
 470- mas só que o julgamento já é preconceito
 471- a gente/ o preconceito faz parte da gente... de todo mundo
- 472- L7 existe também pessoa de duas caras
- 473- L4 é mais aí também... mas isso também já influencia
 474- você conhece a pessoa e depois você vê que ela é falsa
 475- você já fica com aquele pensamento...
 476- pô se ela que eu conheço é minha amiga é falsa
 477- uma pessoa que eu não conheço... não vai ser?
- 478- Doc.: será que::: o rótulo que a gente põe na pessoa ... o preconceito ...
 479- não é por que ele está dentro de nós? nós temos aquele problema...
- [
- 480- L7 e queremos que os outros também tenham...
- 481- [
- 482- Doc.: aquele problema que nós temos aí ...
 a gente joga ... para o outro
- 483- L4 professora :::
- 484- L1 me chamam muito de ignorante... gente... Ana Cláudia...
- 485- ((Sobreposição de vozes))
- 486- L8 tá certo que as pessoas não descobrem isso na gente
 487- mas tem dias que eu não tô pra ninguém
 488- minha mãe vem falar comigo... eu saio batendo...
 489- todo mundo vem... só que a gente tem que perceber que ...
 490- elas não sabem quando a gente tá assim ... mas é impossível
 491- ontem eu tava péssima... péssima
 492- eu tive que inventar uma história na rua pra sair de casa
 493- que eu já não estava agüentando tanto interrogatório da minha mãe...
- 494- L6 às vezes... você ... nesse assunto
 495- você acha que eles vão descobrir assim do nada que você tá coisa
 496- aí você sai gritando... aí é pior pra você...
 497- porque a mãe vem em cima...

- 498- aÍ interroga mais ainda pra ver que vocÊ((ininteligÍvel))
- 499- L9 quando eu tô chateado com alguma coisa ... eu saio de casa ...
- 500- L4 eu também ... eu acho assim ...
- 501- a melhor solução quando a pessoa está assim ... com problema ... assim
- 502- é você tentar esfriar a cabeça ... pensar numa solução
- 503- se não tiver solução agora ... vai ter depois
- 504- porque pô ... quanto mais você pensa naquilo ...
- 505- cada hora tem uma pessoa pra falar alguma coisa daqui a pouco...
- 506- você junta aquilo tudo... uma coisa que não tem nada a ver
- 507- daqui a pouco você tá assim explosivo... né? qualquer coisa que faz...
- 508- L3 tem gente que não gosta
- 509- Doc.: bom... nosso tempo acabou
- 510- na próxima semana a gente continua...tchau

Oficina 2.

- 001- Doc.: bom dia ...
 002- vamos começar com ... você ... tá?
 003- vou fazer duas perguntinhas a vocês
 004- vocês vão me responder ... tá bom?
 005- o que você acha ... você acha ...
 006- olha só ... o que é que pode alimentar o ser humano?
 007- eu quero que você me dê dois tipos de alimentação do ser humano
 008- primeiro na parte de comida ou enriquecimento interior
 009- enriquecimento interior é aquele que vem por dentro
 010- vem de você ... de você ... de você alimentar o ser humano
 011- se alimentar ...
 012- a parte de comida ou de uma coisa interior ...
 013- dentro pra alimentar ... né? fala bem alto ... bem alto ...
- 014- L26 arroz
- 015- Doc.: e interior? Pode ficar à vontade
- 016- L26 sangue
- 017- Doc.: todo mundo agora vai fazer o que está embaixo da da letrinha dela
 018- vai (inint.)
 019- voltando ao seu lugar tá bom
 020- isso aí que você ... deu pra entender alguma coisa?
- 021- L26 não ... não to entendendo nada
- 022- Doc.: não entendeu nada por enquanto
 023- vamos lá ... passando para a nossa coleguinha L28
 024- não ... L28 o que você acha L28 ...
 025- acho que não precisa nem fazer perguntas a todo mundo ... não não?
 026- vocês vão responder
 027- vocês já sabem ... alimentar o ser humano ... né?
 028- pode ser em relação à comida ou ... enriquecimento interior
- 029- L28 sentimento
- 030- Doc.: que tipo de sentimento você pode dizer L28?
- 031- L28 alegria
- 032- Doc.: alegria ... vocês concordam gente? com alegria? com alegria ... né?
 033- é uma coisa que alimenta o nosso ser humano ...
 034- se achar alegre ...
 035- todo mundo fazendo o que tá ali ...

- 036- ((psiu psiu psiu))
- 037- Doc.: bom ... e pra você ...
038- o que pode alimentar o ser humano L21?
- 039- L21 carinho
- 040- Doc.: é gente carinho ... né? e aí?
- 041- ((estalos com os dedos))
- 042- Doc.: você imagina o que tão fazendo?
043- tão o quê?
044- você imagina ... tá bom?
045- deu pra entender?
046- por enquanto ela não vai saber
047- depois a gente vai ...
048- todo mundo pegar e olhar ...
049- realmente ler o que estava pra fazer
050- o que pode alimentar o ser humano minha querida?
- 051- L30 compaixão
- 052- Doc. a compaixão ... você ter compaixão dos outros
053- vamos lá ... né?
- 054- ((fingir que tá trabalhando))
- 055- Doc.: tá entendendo alguma coisa?
- 056- L30 ui ... não tô entendendo nada
- 057- Doc.: vamos lá ...
058- o que que você acha que pode alimentar o ser humano?
- 059- L19 amor
- 060- Doc.: amor ... né? vamos lá ...
- 061- ((sair correndo))
- 062- Doc.: o que você achou?
- 063- L19 não entendi nada
- 064- Doc.: legal ... legal ...
065- vamos lá ...
066- o que você acha que pode alimentar o ser humano?
- 067- L15 carinho

- 068- Doc.: entendeu alguma coisa? Tá sentindo o quê?
 069- quer falar?
 070- não ... por enquanto ... não
 071- depois você vai saber
 072- vamos lá e pra você?
 073- pra alimentar o ser humano o que a gente precisa?
- 074- ((pausa longa))
- 075- L20 solidariedade e (inint.)
- 076- Doc.: muito bem ...
 077- vamos lá gente
- 078- ((tapar os ouvidos))
- 079- ((barulho externo))
- 080- ((pausa longa))
- 081- Doc.: e você L27?
- 082- L27 feijão
- 083- Doc.: feijão ...
 084- muito bem ... e aí gente?
- 085- ((virar as costas))
- 086- Doc.: você
 087- o que você acha que deve alimentar o ser humano?
- 088- L24 sonho de desejo
- 089- Doc.: sonho de desejo
- 090- ((u u u u))
- 091- Doc.: você acha que sabe o que tá embaixo do seu nome?
 092- você acha que sabe o que tá aí?
 093- você acha que sabe o que tá no seu nome?
 094- vê se senta ...
 095- depois vocês vão ter que ver se esse nome
 096- que vocês estão tem a ver ...
 097- esse aqui ... o que que você tem pra alimentar
 098- você acha pra alimentar o ser humano?
- 099- L29 solidariedade

- 100- Doc.: solidariedade ... como reage?
 101- e você o que acha que serve pra alimentar o ser humano?
- 102- L17 humildade
- 103- Doc.: olha que lindo
 104- é o que mesmo?
- 105- Todos humildade
- 106- Doc.: humildade
 107- você nem imagina né?
 108- agora é o seguinte
 109- cada aluno vai pegar o papel
 110- e vai ler o que o adjetivo que foi dado pra vocês
 111- e vê o que está escrito embaixo tá de acordo
 112- pode começar um de vocês
 113- vocês discutindo aí
 114- vamos lá ... vamos lá ...
- 115- ((sobreposição de vozes))
- 116- Doc.: pode falar
 117- cada um fala o seu
- 118- L28 eu ... meu foi falador
 119- porque tava pedindo pra fazer silêncio porque eu falo demais
- 120- Doc.: então ... você/ela entendeu
 121- pedir pra fazer silêncio porque ela fala demais
 122- cada um identificando o seu aí
- 123- L30 o meu era fingir que tá trabalhando ...
- 124- Doc.: mas qual é o seu o seu adjetivo?
- 125- L30 preguiçoso
- 126- Doc.: lê querida
- 127- L30 preguiçosa
- 128- Doc.: então você acha que tava certo o que tava falando de você?
 129- deu pra entender? ... deu?
- 130- L20 tapar os ouvidos por que eu era mentiroso
- 131- Doc.: e você L27?
 132- tá certo esse virar as costas para você?
 133- L27 não

- 134- Doc.: por que não L27?
- 135- L27 porque eu não sou mandão
- 136- L26 como se fosse ... ué
- 137- Doc.: vamos lá ... você
- 138- L19 agressivo ...
- 139- todo mundo separou de mim com medo de mim
- 140- ninguém quis ficar perto de mim
- 141- L24 convencido
- 142- L15 eu sou agitado
- 143- Doc.: você é agitado?
- 144- TÁ
- 145- L17 eu me senti bem porque eu to falando a verdade
- 146- L20 eu me senti triste ... né ... além de não tá mentindo
- 147- Doc.: e você L21?
- 148- L21 eu senti ansiedade porque ...
- 149- L28 eu comecei encontrar amiga
- 150- eu era calada ... eu era muito faladeira
- 151- agora eu não sou ...
- 152- antes quando eu era caladona
- 153- agora eu falo ... mas não falo tanto
- 154- Doc.: você gosta?
- 155- L28 mais ou menos
- 156- me dá um pouco de medo
- 157- Doc.: alguém mais quer falar?
- 158- gostaram da brincadeira?
- 159- L30 sim
- 160- L24 gostei
- 161- Doc.: tá bom ...
- 162- nosso tempo acabou por hoje
- 163- bom dia pra todos

Oficina 3.

- 001- Doc. bom dia::: vamos continuar a oficina?
 002- a figura que vocês estão vendo tem a ver?
- 003- L12 tem
- 004- Doc.: tem a ver?
- 005- L12 acho que ...
 006- ela tirou essa/ esse pensamento das pessoas que ela vê mais exibida
 007- mais/ uma mais quietinha ... outra mais sei lá
- 008- L8 todos os tipos de mulheres que tem hoje em dia...
- 009- [
- 010- L12 aí ela... aí ela fez esse quadro é....
- 011- L4 (comp) ((ininteligível))
- 012- L8 tudo retrata esse estilo
- 013- [
- 014- L12 com um animalzinho... que é o cachorrinho... atento... tipo assim 015-
 assustado... as mulheres... ((ininteligível))
- 016- L13 até o cachorro tá gostando
- 017- ((risadas))
- 018- Doc.: que mais?
- 019- L4 tom atmosférico ... gesto...
- 020- Doc.: este tom atmosférico vem de quê? atmosfera é o quê? ar... ambiente... 021-
 não é isso?
 021- faça uma comparação com o quadro
- 022- L8 eu achei elas muito atrevidas
- 023- L13 não algumas são mais assanhadas ... e outras são mais quietinhas
- 024- [
- 025- L8 mas a mais humilde é a de amarelo
- 026- L5 é ... a de amarelo parece que tá sofrendo alguma coisa

- 027- L12 e a de vermelho também meia ...
- 028- [
- 029- L5 decote
- 030- L12 não...ah::: decote todas aqui têm a de vermelho também
- 031- [
- 032- L8 não é um decote não...
- 033- a blusa branca que tá por baixo
- 034- L13 não a de amarelo e a de vermelho pra mim fala mais...
- 035- [
- 036- Doc.: por que elas estão indefinidas...
- 037- não estão prontas ainda?
- 038- L8 porque têm defeitos
- 039- Doc.: no quadro... elas são bem definidas no quadro?
- 040- Todos não:::
- 041- L12 ela não tem todos os traços... eu acho... sei lá
- 042- L4 é realmente
- 043- Doc.: e no poema? tem definição?
- 044- L5 não
- 045- L13 tem
- 046- L8 tem
- 047- L4 não
- 048- Doc.: tem ou não?
- 049- L12 tem uma frase que diz assim ... talvez não estejam prontos...
- 050- porém um tanto mudam`
- 051- L13 mudança
- 052- Doc.: a única coisa que tem definição nessa mulher são o quê?
- 053- L12 os olhos

- 054- Doc.; os olhos e
- 055- [
- 056- L 12 os seios
- 057- Doc.: os seios ... que ela não existe face ... não existe nada
058- então? a dali só existe olhos e...
- 059- L12 boca
- 060- Doc.: seios também... quer dizer sem seios é ...
061- mas é até vem descoberto ... não é isso?
- 062- L12 ham ... ham.
- 063- Doc.: por que será que dão realce ao olhos?
- 064- L12 acho que pelos olhos
- 065- [
- 066- L13 porque os olhos prestam mais atenção
- 067- L12 porque os olhos / porque a gente já olhando para o olhar da pessoa
068- a gente já vê se ela tá mentindo... se tá sendo realista
069- acho que pelos olhos... a gente já consegue descobrir isso
- 070- Doc.: o que que ele fala dos seios?
- 071- L13 acho o decote
- 072- L5 as mulheres aqui:::
- 073- L13 a roupa
- 074- L5 todas elas parecem que são...
075- L8 que na na /no caso/ na parte dos seios das mulheres não tem uma cor
- 076- L12 realmente assim...
- 077- L8 não sabe o que se define
- 078- L12 os seios das mulheres... todo homem assim...
079- sei que olha para os seios da mulher
- 080- [
- 081- L4 só que não é este ponto que ela quer chegar que...

- 082- geralmente o seio assim para a mulher...laço de feição...
083- que o seio é a única coisa que liga ela ao filho assim...
- 084- Doc.: é o seio é a maior característica de quê? da diferença entre...
- 085- L12 homem e mulher
- 086- Doc.: homem e mulher
087- existem outras... mas a mais visível
- 088- L8 é o seio
- 089- Doc.: é o seio... então por isso que ele deixa os olhos e os seios
090- a tarefa de vocês agora é explicar... começa com L4
- 091- L4 a minha mulher é dois estilos... professora
- 092- L12 é que na nossa vida mais alegria... mais ânimo...
093- todo mundo como se fosse o último dia da vida assim...
094- pegar e realizar o que você quer... só tem esse...
095- devagarzinho pra não acabar
- 096- L5 eu não entendi muito bem... uma pessoa que amou muito
097- amou né e depois foi desprezada e este sentimento ficou guardado
098- mas ela esqueceu a pessoa
099- mas será que ela nunca vai lembrar assim... que ela vai amar...
- 100- L13 até o cachorro está gostando
101- a de amarelo e a de vermelho é que... tem
102- os olhos presta mais atenção... a roupa
103- as quietinhas que são que gostam mais de se amostrar
104- eu acho que as quietinhas são mais... Creuza não é quietinha:::
105- não porque ela gosta de usar uma roupa assim...
106- uma cor que chama atenção aí:::
107- aí::: eu desenhei que ela é assim garota de programa...
108- só aquela moça negra da 'Lua me disse`
109- eu li que falaram que ela é mulher de programa
- 110- L12 eu acho que muitas mulheres falam assim que é bonita por fora
111- mas por dentro pode ser a maioria do corpo delas
112- deve ser... por exemplo... podre,...assim ruim essas coisas
113- L8 não... eu não... porque têm muitas mulheres que têm o corpo bonito
114- mas não dão valor para o seu corpo...eu acho
- 115- L13 que nem na roupa dona... é não tem...
116- mas homem não tem nada a ver dona
117- pode ficar sem camisa...
- 118- L12 não porque tem mulher que fala pro cara que ama ele...
119- por outro lado não tem certeza

- 120- no olhar tá só pra ele... na consciência tá em outra
- 121- L13 no filme mesmo...aí ...vai lá beija o homem e troca o nome
- 122- L5 as mulheres na sociedade... pensa que isso aí é bonito
- 123- Doc.: por quê?
- 124- L5 não é dona nem do seu nariz ainda
- 125- Doc. gente ::: por hoje tá bom...

Oficina 4.

- 001- Doc.: boa tarde... o que podemos/o que pode alimentar um ser humano?
 002- você pensa em você como um ser humano...
 003- as pessoas próximas a você...
 004- o que pode alimentar o ser humano?
- 005- L16 meu nome é L16
 006 meu nome é L16
- 007- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?
- 008- L16 (...) saber que faz algumas coisas
- 009- Doc.: hum... .. que mais... é só isso que você tem a falar L16?
 010- GENte o L16 respondeu... vocês ouviram?
 011- agora vamos fazer o que tá pedindo o rótulo dele
- 012- ((estalos com os dedos e risadas))
- 013- Doc.: tá bom... agora a pergunta é para você...
 014- o que pode alimentar o ser humano?
- 015- L22 meu nome é L22... meu nome é L22...
 016- alimentar o ser humano é conhecimentos... estudos... só
- 017- Doc.: só? você se alimenta só de conhecimentos e de estudos?
- 018- ((risadas))
- 019- L22 comida...
- 020- Doc.: comida... muito bem... mais o que pode alimentar o ser humano?
- 021- Doc.: vamos fazer o que tá pedindo?
- 022- ((psiu, psiu, psiu))
- 023- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?
- 024- L14 meu nome é L14... tenho 16 anos...
 025- têm vários tipos de alimentar o ser humano
 026- comida... água... também tem outros tipos de alimentação como se diz ...
 027- como posso falar também... .. como falei...
- 028- [
- 029- Doc. fica a vontade
- 030- L14 estudo... alimentação... o principal é a alimentação é só isso

- 031- Doc.: muito bem ...vamos fazer?
- 032- ((u,u,u,u,u))
- 033- Doc.: o que pode alimentar o ser humano?
- 034- L23 primeiramente meu nome é L23 tenho 15 anos
 035- o que pode alimentar o ser humano... comida... água...
 036- pra você se alimentar o seu o corpo...
 037- ah::: muitas outras coisas se for não só alimentação da saúde também
 038- mas se for alimentação de conhecimento... estudo...
 039- tem muitas outras coisas
- 040- Doc.: muito bem... vamos fazer?
- 041- ((risadas))
- 042- Doc. o que pode alimentar um ser humano?
- 043- L18 meu nome é L18...
 044- ah... alimentar é comida ... e os estudos... é ser alguém na vida...
- 045- Doc.: só isso que quer falar?... ... a tá::: o próximo...
 046- o que pode alimentar um ser humano?
- 047- L25 meu nome é L25... tenho 15 anos
 048- é como os outros colegas já falaram aqui né?
 049- o que pode alimentar o ser humano...comida...água...
 050- conhecimento e só ...
- 051- Doc.: muito bem... agora cada um vai tirar o seu rótulo... ah ha vai ler ... tá?
 052- e vai me dizer um a um o que sentiu quando os interlocutores...
 053- quando cada um de nós fizemos o que tava escrito aí...
- 054- Doc.: L18 pode falar primeiro...
 055- o que você sentiu quando nós fizemos isto aqui?
 056- estas instruções aí?
- 057- L18 ah::: estranho
- 058- Doc.: você achou estranho? por que você achou estranho?
- 059- L18 porque eles estavam só mexendo com a boca
- 060- Doc.: mexendo com a boca...e você?
 061- o que você acha desse rótulo? caladão... você é caladão?
- 062- L18 não

- 063- Doc.: não... você é uma pessoa que gosta de conversar muito?
- 064- L18 gosto
- 065- Doc.: quando as pessoas sa/começaram a mexer a boca
066- você achou estranho
067- não percebeu qual/ não imaginava que era caladão o seu rótulo... não?
068- você... como é que se sentiu?
- 069- L14 eu me senti meio triste... porque eu falei tão bem... os caras me vaiaram
070- os caras me vaiaram então eu me senti meio triste
071- e dedo duro eu não sou...
- 072- Doc.: não é
- 073- [
- 074- L14 não gosto de fofoca... não gosto dessas coisas... entendeu?
- 075- Doc.: muito bem... você agora... e como você se sentiu?
- 076- L23 eu me senti (inint.) como eu te falei
077- estranho... sem saber... todo mundo se afastou de mim
078- cara ... agressivo eu não sou
- 079- Doc.: você não é agressivo... que bom... você é da paz?
- 080- [
- 081- L23 graças a Deus não sou
- 082- Doc.: carinhoso ... amigo ... então esse rótulo não serve pra você
- 083- Doc.: muito BEM... próximo...
084- como é que você se sentiu meu filho com esse rótulo aí?
- 085- L25 também me senti estranho...
086- porque eles começaram a balançar a cabeça
087- e se esse ... papel aqui ... é ...não tem nada a ver ...
088- é não tem nada a ver comigo... não:::
- 089- Doc.: essa característica?
- 090- L25 é sou responsável
- 091- Doc.: você é responsável em tudo... na escola?
- 092- L25 não pelas algumas coisas ...
093- sou pelas algumas coisas responsável ... sim:::

- 094- Doc.: e que coisas você não é responsável?
- 095- L25 ah ah... isso aí...
- 096- Doc.: será que por que você está aqui
097- você acha que você está aqui
098- por que você é irresponsável ou não tem nada a ver com isso?
- 099- L25 não ... todo mundo sabe que ... eu brincava muito
- 100- Doc.: você brincava muito ... mas não vai brincar mais a partir de hoje
101- bem ... o próximo... quem ainda não falou?
- 102- L16 é eu achei meio estranho né... dona?
103- mas... mas é... na verdade... eu sou meio desligado em algumas aulas...
104- mas também sou responsável... eu sou... dona
- 105- Doc.: só em algumas aulas que aulas você é mais desligado?
- 106- L16 ciências
- 107- Doc: ciências... por que ciências? não gosta de ciências?
- 108- L16 não dona
- 109- Doc.: por quê?
- 110- L16 é porque ela cismou com a minha cara
- 111- Doc.: foi cisma à toa ou teve algum motivo... pra ela cismar?
- 112- L16 não... porque... às às vezes... eu ...fico assim brincando
113- assim tipo meio desligado... é fico conversando com o colega...
114- é botando apelido no outro assim
- 115- Doc.: então... você tá lembrado qual o seu rótulo?
116- o que que tava escrito aí? desligado...
117- você acha que realmente é um pouco desligado?
- 118- L16 um pouco
- 119- Doc.: de repente você está aqui fazendo dependência por isso não é?
120- vamos tentar se ligar oh::: se liga ... próximo
- 121- Doc.: pode falar
- 122- L22 eu... eu achei estranho... porque começaram falar pra ficar quieto
123- eu acho que eu sou falador
- 124- Doc.: você é falador?

- 125- L22 sim
- 126- Doc.: e hoje você está um pouco tímido pra falar
127- tá falando baixinho... tá ... com vergonha?
- 128- L22 um pouquinho
- 129- Doc.: um pouquinho de vergonha... por quê? por que você não me conhece?
130- a primeira vez que você está aqui comigo?
- 131- L22 pode ser
- 132- Doc.: pode ser... olha eu gosto de pessoas que falem
133- mas na hora certa não é gente?
134- agora está na hora de falar o que pensa...
135- eu não vou querer que vocês fiquem falando fora de hora tá bom:::
- 136- Doc.: agora uma outra pergunta...
137- em que situação da vida real da nossa vida ...
138- da vida de cada um de vocês...
139- alguém já passou ou presenciou isto? presenciou o quê?
140- o que vocês presenciaram agora... quem gostaria de falar?
141- ah... a verdade todo mundo concorda que o que nós fizemos agora
142- era verdade... é?
143- cada um ganhou um rótulo ... que que é rótulo?
144- um papelzinho escrito alguma coisa ... por exemplo ...
145- quando as pessoas chamam vocês de apelido...
146- tão rotulando vocês ... não estão? vocês gostam disso?
- 147- Todos: às vezes
- 148- Doc.: às vezes é mentira... às vezes é verdade ...
149- não é
150- como ele mesmo falou
151- às vezes ele é desligado
152- cada um falou sua opinião
153- e quando as pessoas ... afastam ...
154- fazem alguma coisa pra chamar atenção de vocês
155- vocês pensam o que sobre isso?
156- aconteceu isso na vida de vocês ... na casa ... na rua
157- ou com alguma pessoa que vocês conhecem? Uhn
- 158- L16 se aconteceu ...
- 159- L25 já aconteceu?
- 160- Doc.: vocês já foram rotulados por alguém ...
161- chamados de alguma coisa por alguém?

- 162- L25 pode ter acontecido eu não ter ...
163- não ter ... (inint.)
- 164- Doc.: ninguém nunca te chamou de nada?
- 165- L25 já
- 166- Doc.: então ... isso é um rótulo?
167- é? ...
168- quer falar um pouquinho sobre isso?
169- vamos falar um pouquinho?
170- vá um pouquinho tímido ... hum
171- alguém já presenciou ...
172- já presenciou isso na vida real de vocês?
- 173- L14 desde pequeno ...
- 174- Doc.: ah ...
- 175- L14 desde pequeno a (inint.)
- 176- Doc.: de que seu apelido ... meu filho?
- 177- L14 a turma me chama de neném
178- desde pequeno ...
179- não sei por que me chamam de neném
- 180- Doc.: isso aí pra você é um rótulo?
- 181- L14 é pra mim é um rótulo ...
- 182- Doc.: você acostumou e agora você não acha ruim?
- 183- L14 eu já acostumei e não é um defeito
- 184- Doc.; e quando se torna um defeito o que que acontece...
185- com essas pessoas que são rotuladas?
- 186- L14 ah::: depende disso ((ininteligível))
187- chamá ... chamá de quatro olho... você vi gostá?
- 188- L25 depende da pessoa ...
- 189- Doc.: ah::: dePENde.. isso aí será que é uma discriminação?
- 190- L14 tem gente que acha que sim... tem gente que acha que não...
191- já acostumou
- 192- Doc.: você já cha/tem apelido? fala um pouquinho sobre o seu apelido...
193- fala ... se você gosta se você não gosta ... hum

- 194- L22 as pessoas me chamam de ferrugem
- 195- Doc.: as pessoas te chamam de quê?
- 196- L22 ferrugem
- 197- Doc.: por que ... meu filho? hum
- 198- L22 por causa das sardas...
- 199- Doc.: deixa ele falar
- 200- L22 e agora eu estou acostumado (ininteligível) cheguei aqui
- 201- Doc.: antes você brigava com as pessoas por causa disso?
- 202- L22 não
- 203- Doc.: não... você sempre aceitou este rótulo... de ferrugem?
- 204- quem mais quer falar sobre os rótulos?
- 205- ((sobreposição de vozes))
- 206- Doc.: tem certos rótulos que provocam essas reações aí... né?
- 207- aconteceu isso com alguém? já viu algum coleguinha assim...
- 208- as pessoas se afastarem de algum colega de vocês? por algum motivo?
- 209- ah vocês já viram?
- 210- L14 por causa de (inint.)
- 211- Doc.: por causa de (inint.)
- 212- por causa de apelidos e de rótulos?
- 213- L14 já
- 214- L25 já
- 215- L23 já
- 216- Doc.: a pessoa evitar amizade com outra?
- 217- fala aqui um pouquinho ...
- 218- então fala um pouquinho sobre isso ... essa história pra gente
- 219- L23 um companheiro aí ...
- 220- chorou por causa desse negócio de apelido
- 221- a gente tava brincando com ele ... mas assim...
- 222- (inint.)... o cara começou a chorar (inint.)
- 223- depois nós pedimo desculpa a ele

- 224- Doc.: e esse apelido você lembra?
- 225- L23 ah::: um apelido muito feio... dona... se nego a falar esse apelido aqui
- 226- Doc.: ah então não fala... mas tem a ver com a pessoa?
- 227- L23 a boca era muito grande
- 228- Doc.: aí a reaÇÃO qual foi dessas pessoas?
- 229- L23 como assim?
- 230- Doc.: quando as pessoas chamavam esse menino ... essa pessoa disso
- 231- L23 até que ele se acostumou ...se acostumava... se acostumou assim ...
232- mas naquele dia a turma pegou mermo (ininteligível)
233- é Fernando o cara ...
234- toda hora... toda hora... toda hora...
- 235- Doc.: olha só... é ... certos rótulos a pessoa não esquece nunca...
236- deixa mágoas então...
237- você tem que ter cuidado quando ...
- 238- L23 depois tem que pedir desculpas ...
- 239- Doc.: é ... você for julgar as pessoas sem conhecer né?
240- a gente não pode tá colocando apelido ... rotulando as pessoas
241- e você tem o que pra falar?
- 242- L25 também eu conheço um amigo que não gostou da nossa brincadeira...
243- de nosso apelido né ... a gente botou um apelido... foi bobo nele...
244- apelido bobo nele...
245- mas só que ele não gostou não
246- toda vez que a gente chama esse apelido com ele
247- ele não gosta ... fica sem falar com a gente
- 248- Doc.: esse apelido bobo então é sinal que tem a ver alguma coisa com ele
- 249- L25 é bobo... não ... foi porque um dia ele tava com o nariz sujo...
250- aí tava com maior meleção ... NÉ? aí a gente chama ele de meleção
- 251- Doc.: gente::: aí as pessoas ficavam perto dele?
- 252- L25 não... ele saía ... que às vezes ele é que saía de perto da gente
253- porque a gente ficamos assim...
254- chega aí meleção... falamos coisa ...
255- aí meleção ... falando assim
- 256- Doc.: olha então vocês estão vendo que certos apelidos...
257- certos rótulos a gente procura se afastar ou a pessoa que se afasta

- 258- L25 depois a gente já parou com ele
259- agora a gente só chama só o nome dele... ele não gostou desse apelido
- 260- L23 graças a Deus eu nunca (inint.)
261- já chegaram a botá apelido em mim... eu não deixei pegar...
262- assim ... esse negócio assim... se você ...
263- se botaram apelido em você e você não gostou
264- você continuar fazendo... tentar ser agressivo ... não vai adiantar nada
265- você tem que ficar quieto deixar daqui um tempo eles esquecem
- 266- ((sobreposição de vozes))
- 267- L23 deixei levar e depois pararam de chamar desse apelido
268- hoje ... graças a Deus me chamam de L23
- 269- Doc.: que bom né :::
- 270- L25 a mesma coisa aconteceu comigo ... né?
271- é colocavam apelido em mim e eu não liguei pra eles
272- ficava junto com eles ...
273- mas só que agora me chamam pelo próprio nome...
- 274- Doc.: e na vida assim real nas ruas...
275- você vê alguém que a pessoa rotula...
276- não quer fazer amizade com aquela pessoa ... não quer nem chegar perto?
277- você conhece algumas pessoas assim ...
278- que não quer fazer amizade
279- ninguém quer conversar ... sempre na solidão ou na calçada
280- ou no portão ou na rua ou em casa
281- vocês conhecem alguém assim nunca viram em Quissamã?
- 282- L18 aqui na escola ...
283- aqui na escola tem ...
284- ele não tem amigo de ninguém fica parado no lugar
- 285- Doc.: por que será que ele é assim?
286- vocês já procuraram fazer amizade com ele...
287- tá na hora também de chegar junto
288- já que você é falador
289- é a fala existe pra isso ... pra gente conversar pra ter o diálogo...
290- não é isso?
291- é você acha que houve diálogo aqui?
- 292- Todos houve
- 293- Doc.: houve ... todo mundo aqui em todos os rótulos foi possível ter diálogos?
- 294- L16 cada um se expressou

- 295- Doc.: cada um se expressou... todos se expressaram bem?
- 296- L23 acho que sim
- 297- Doc.: vocês acharam que sim... uns mais ... outros menos é isso? oi?
- 298- L23 outros péssimos
- 299- Doc.: outros péssimos...
 300- o que pode ser feito para que na vida real não haja mais esses rótulos...
 301- os apelidos
 302- o que vocês acham que a gente pode fazer para acabar com isso?
- 303- L25 parar de botar apelidos nos outros também
- 304- L23 é parar de botar apelido nos outros
- 305- L25 parar de ser bobo
- 306- L16 crescer mais
- 307- L25 ser mais maduro
- 308- Doc.: as pessoas maduras não colocam apelidos?
- 309- L25 não ... não tem ... a maioria não
- 310- Doc.: então isso é coisa de quem?
- 311- L23 isso é coisa de criança
- 312- L25: de moleque:::
- 313- Doc.: acham né que é coisa de criança e de moleque?
 314- mas quantas pessoas fazem isso né? ROTular o outro ...
 315- e as pessoas com isso se sentem como?
- 316- L25 eu tenho um amigo que não tá nem aí...
 317- até às vezes alguma professora chama ele pelo apelido de Bocão
- 318- Doc.: profesSOra que chama?
 319- não... professora não ... às vezes assim a gente chama ele tanto de Bocão
 320- que ele ... a gente não chama de Tiago o nome dele é Tiago
 321- a gente não chama ele de Tiago
- 322- Doc.: mas já ficou como se fosse o nome próprio
- 323- L25 é... ninguém chama ele...
- 324- ((sobreposição de vozes)) ((ininteligível))

- 325- L25 ninguém chama ele ... ninguém chama ele de Tiago
- 326- Doc.: ele falou...você se sente::
 327- no início que as pessoas te chamavam de quatro olho...
 328- você se sentia atingido?
- 329- L16 mais ou menos.
- 330- Doc.: mais pra mais ou mais pra menos?
- 331- L16 mais pra mais...
- 332- Doc.: você sentia o que...
 333- naquele momento...qual foi/ era a sua reação no início?
 334- se sentia diferente das outras pessoas...
- 335- ((o aluno fala muito baixo))
- 336- Doc.: é ... você achava que você era o quê? ... hum... quer falar não? ahn...
 337- achava que era o quê?
- 338- L22 deficiente
- 339- Doc: deficiente::: e há pessoas que ficam assim com as outras
 340- e são chamadas de deficientes... essas pessoas estão fazendo o quê?
- 341- L16 tão fazendo o quê?
- 342- Doc.: é ... as pessoas que agem assim... as pessoas têm o quê?
 343- pessoa que chama o outro de quatro olho...né...
 344- que chama de deficiente...isso é o quê?
- 345- L23 ele não pode fazer nem tudo
 346- mas hoje em dia ...
 347- trabalha até mais do que aquele que tem pernas e braços ...
 348- é mais trabalhador do que aquele que tem ...
- 349- L14 mais responsável
- 350- L23 é mais responsável ...
- 351- L14 mais inteligente
- 352- L23 inteligente
- 353- L14 por QUÊ?
 354- porque tem força de vontade
- 355- ((sobreposição de vozes))

- 356- Doc.: é hoje tá difícil pra gente saber quem é normal ... né?
 357- cada um tem seus probleminhas também
 358- e a sociedade como é que é hoje em dia?
 359- o que que tá tendo muito na nossa sociedade?
 360- em relação a essas pessoas? hum?
- 361- L23 a discriminação
- 362- Doc.: muito bem ...
 363- a discriminação ... que mais?
- 364- L23 o respeito
- 365- Doc.: a gente tem respeito ...
 366- todo mundo tem respeito? tem o quê?
- 367- L14 racismo
- 368- Doc.: raCISmo
- 369- L25 preconCEIto
- 370- Doc.: preconCEIto ... muito bem ...
 371- quantos preconceitos as pessoas têm ... né?
 372- e esses preconceitos vocês vêem mais em que tipo de pessoas?
 373- preconceito ... você sente mais com que tipo de pessoas?
- 374- L23 ah ... às vezes ... assim ... é deficiente
 375- aí a pessoa tem o pre/o preconceito ...
 376- chegar pra essa pessoa até que é negra assim ...
 377- ou tem algum problema de pele assim...
 378- tem medo de pegar
- 379- Doc.: então ... essa pergunta
- 380- [
- 381- L23 a gente conhece não pega
 382- você sabendo que não pega ...
 383- não tem motivo de você
- 384- L14 ter medo
- 385- L23 ter medo...
 386- tá com racismo
 387- é uma pessoa normal (inint.)
 388- ninguém é diferente de você
- 389- Doc.: então ... foi essa pergunta que eu fiz

- 390- sobre a vida real
 391- queria que vocês chegassem nesse ponto ... né?
 392- na vida real ...
 393- as reações que as pessoas têm diante dos rótulos ... né?
 394- é isso aí ...
 395- ah ... a pessoa é rotulada porque tem problema de pele
 396- então ... automaticamente ... a maioria ...
- 497- L14 se afasta
- 498- Doc.: se afasta
 499- tem realmente preconceito
 400- vocês já falaram do negro
 401- da pessoa que tem enfermidade
 402- têm outros preconceitos também? não têm?
 403- vamos lembrar ...
 404- será que é só de cor?
- 405- L14 não ... o mais importante é o do dinheiro
- 406- ((sobreposição de vozes))
- 407- L14 ah ... porque ele tem uma bicicletinha mais nova que a minha
 408- aí tem (inint.)
- 409- ((sobreposição de vozes))
- 410- Doc.: aí tem preconceito de quem não tem?
 411- ficam zoando ... é?
- 412- L14 fica
- 413- Doc.: tá assim agora?
- 414- L25 o lugar ... o lugar onde a pessoa mora
- 415- Doc.: mora mal ... né?
 416- isso eu já ouvi
- 417- L25 é ... o lugar onde a pessoa mora
- 418- L16 pode tá numa casa mais ou menos ((o aluno fala baixo))
- 419- Doc.: alguém já mexeu ...
 420- fala seu nome novamente
 421- porque eu to/primeira vez que eu trabalho com vocês
 422- quando eu for passar para o papel
 423- eu vou esquecer o nome de todo mundo
 424- porque já misturou tudo ... né?
 425- fala seu nome

- 426- L14 meu nome é L14
- 427- Doc.: fala um pouquinho se você já foi ...
428- alguém discriminou você em algum momento
429- tendo preconceito com a sua pessoa
- 430- L14 por enquanto não
431- mas eu vejo muito na rua
432- tem muito moleque que estudou no CIEP e que agora está estudando
433- no Cenecista e é bolsa ele gosta de tirar onda
434- olha estou estudando no Cenecista tal e tal
435- não sei o quê
436- vocês tão estudando no CIEP
437- o CIEP não tem nada...
438- estudou no CIEP e tá no Cenecista
439- acho que é um rótulo ... então
440- ter um nome ... eles acham que é muita coisa ... entendeu?
- 441- Doc.: acho que o mundo dá volta
442- a gente não pode cuspir no prato que come ... né?
443- fala novamente seu nomezinho
444- fala se você já passou por isso
445- se você já teve algum tipo de preconceito na sua vida
446- aí alguém da sua família ...
- 447- L23 meu nome é L23
448- graças a Deus eu ... vamos dizer ...
449- nunca aconteceu isso comigo também não
450- mas eu acho ... entendeu? na minha opinião
451- tem pessoas que são mais ricas que outra
452- eu acho que não tem diferença nenhuma
453- eu acho que ninguém é pobre
454- quem é pobre assim mermo
455- não tem o ... que comer ... não tem ...
456- em geral ... aqui ... ninguém ... aqui ... entre nós é pobre
457- acho que todo mundo é mais ou menos
458- eu acho que (inint.)
459- eu considero todo mundo rico aqui
460- geral ... porque quem é pobre não tem nem que comer
461- não tem onde morar
462- não tem nem como de ter uma roupa
463- e na minha opinião eu acho isso
- 464- Doc.: muito bem ... você já viu é ...
465- discriminação por causa de religião?
466- alguém já vivenciou isso?
- 467- L23 já

- 468- Doc.: fala um pouquinho ...
- 469- L23 na televisão mermo ... esse negócio de ...
- 470- L25 ah?
- 471- ((risadas))
- 472- L23 o negócio é o seguinte
- 473- L25 às vezes porque o moleque é crente ... quieto
- 474- L23 é ... na dele ... aí fica (inint.)
- 475- L25 os moleque fica zoando ...
- 476- ele é crente não pode sair de casa
- 477- L14 aí fica chamando ele de pastor
- 478- L23 eu também ... meu pai ...
- 479- não eu sou ...
- 480- eu também vou falar
- 481- eu também frequento a igreja evangélica
- 482- mas isso que o pessoal fala
- 483- isso não tem nada a ver ... você pode sair
- 484- você pode ir na festa
- 485- a única diferença que você não pode fazer é beber
- 486- é entrar na dança
- 487- é a única diferença
- 488- L16 ((não deu para ouvir))
- 489- L23 ah?
- 490- L16 ((não deu para ouvir novamente))
- 491- L23 não ... isso não tem nada a ver não
- 492- você pode jogar bola
- 493- tem muita gente que fala que ...
- 494- crente não pode jogar bola
- 495- ah ... não pode namorar ... não pode fazer aquilo
- 496- não pode andar de bermuda
- 497- eu ando de bermuda
- 498- porque hoje ... tá frio eu vim de calça
- 499- mas todo mundo vê que ...
- 500- nós joga Educação Física aí ... não tem nada a ver
- 501- de vez em quando até ... sem querer sai umas palavras mal
- 502- mas se você pedir ... perdão a Deus por ..
- 503- pelos seus atos ... Ele te perdoa

- 504- Doc.: então ... você é temente a Deus?
- 505- L23 eu sou
- 506- Doc.: então ... isso não quer dizer que ...
 507- a pessoa não vai viver... não vai ser feliz
 508- não vai poder ter lazer ... né?
 509- claro ... que todos nós temos esse direito
 510- quem ainda não falou?
 511- gostaria de dar seu depoimento sobre preconceito ...
 512- fala seu nomezinho novamente
- 513- L16 meu nome é L16
 514- é ... eu conheço ... eu tenho um colega
 515- que ele é assim ... a mãe dele é bem empregada ... né?
 516- é tem assim ... computador ... tem videogame ...
 517- tem coisas assim ... de valor ... né?
 518- pra ele é normal ... ele num num ... ele tem tudo ... ele não precisa de
 519- nada ... por exemplo ... se você tiver com ele
 520- ele é a mesma pessoa entre nós porque ... é ...
 521- muita gente chama ele de playboy
 522- só que ele fala que playboy é ... assim ... tá discriminando ele
 523- só pra poder ... como se fala?
- 524- Doc.: então ... só porque ele tem dinheiro
- 525- L16 é
- 526- Doc.: ele é um mauricinho ... um playboy
- 527- L14 então ... ele também estuda no Cenecista
 528- aí a turma começa ... só pra ele (inint.)
- 529- Doc.: as pessoas já rotulam
 530- NÃO ... é o contrário
 531- não é ele que é metido
 532- as pessoas que ...
 533- estão se afastando dele porque acham como ele tem tudo isso ... né?
 534- ele de/deve ser uma pessoa metida ... sem conhecer ...
- 535- Doc.: acho que já está bom
 536- vocês gostaram?
 537- vamos concluir a atividades por hoje?
 538- boa tarde e até a próxima
 539- ((bateu o sinal e a turma saiu))

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)